



Alexandre Panta Teitelbaum

Construções multiverbais em guarani mbya

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras/Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio.

Orientadora: Cilene Aparecida Nunes Rodrigues

Rio de Janeiro
Dezembro 2025



Alexandre Panta Teitelbaum

Construções multiverbais em guarani mbya

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio.

Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Cilene Aparecida Nunes Rodrigues
Orientadora
Departamento de Letras – PUC-Rio

Fábio Bonfim Duarte
UFMG

Marci Fileti Martins
UFRJ

Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 2025.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, da orientadora e da universidade.

Alexandre Panta Teitelbaum

Licenciado em Letras - Português, com láurea acadêmica, pela Pucrs. Realizou um semestre da graduação na Universidad de Los Andes (Bogotá, DC, Colômbia) com bolsa de estudos concedida pelo programa Santander Ibero Americanas. Realizou estudos na área de Fonologia e iniciação científica no Instituto do Cérebro da Pucrs, na área de Linguística, com ênfase em Psicolinguística, atuando principalmente nos seguintes temas: dislexia, ressonância magnética funcional e desempenho escolar.

Ficha Catalográfica

Teitelbaum, Alexandre Panta

Construções multiverbais em Guaraní Mbya / Alexandre Panta Teitelbaum ; orientadora: Cilene Aparecida Nunes Rodrigues. – 2025. 203 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2025.
Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Construções multiverbais. 3. Guaraní Mbya. 4. Sintaxe gerativa. 5. Parâmetro de serialização. I. Rodrigues, Cilene Aparecida Nunes. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

AGRADECIMENTOS

Obrigado à minha família, que me formou.

Obrigado à minha família, que eu formei.

Obrigado aos participantes da primeira turma do Magistério Indígena do CIE Guarani Karai Kuery Renda, os quais acolheram a minha presença nos momentos finais dessa etapa de sua formação. Agradeço, também, por terem se tornado professores, colegas.

Obrigado à minha orientadora, professora Cilene Rodrigues. Obrigado à professora Marci Fileti Martins, em cuja oficina de produção de material didático bilíngue eu pude atuar junto à comunidade do CIE Guarani Karai Kuery Renda, e que também participou gentilmente da defesa desta dissertação. Obrigado ao professor Fábio Bonfim Duarte, que também participou da banca. Todos os membros da banca contribuíram muito, por meio dos seus comentários e sugestões, para a versão final desta dissertação.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Espero ter oferecido contribuição à altura do investimento feito.

RESUMO

Teitelbaum, Alexandre Panta; Rodrigues, Cilene Aparecida Nunes. **Construções multiverbais em guarani mbya**. Rio de Janeiro, 2025. 186p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação investiga construções multiverbais em guarani mbya, língua tupi-guarani, com base em dados disponíveis na literatura e verificados com um falante nativo residente na aldeia Xapukai, no Bracuí, em Angra dos Reis (RJ). As construções multiverbais do guarani mbya são formadas por uma sequência V1 V2 de verbos, sendo V2 acompanhado do morfema {-Cy}. Foram investigadas as propriedades morfossintáticas, fonológicas e semânticas dessas construções, concluindo-se que elas constituem casos de Construções Verbais Seriadas (CVSs) assimétricas por apresentarem as seguintes características: a) ausência de elemento coordenador ou subordinador; b) sequência V1 V2 não-contígua, sendo os verbos separados apenas por itens lexicais codificando informação de tempo, aspecto e modo, com o morfema de modo podendo ser reduplicado em V1 e V2 e o objeto de V1 podendo ocorrer à sua esquerda; c) todos os verbos da sequência são independentemente atestados como verbos na língua, mas V2 é necessariamente um verbo de classe semântica fechada, adicionando ao evento denotado por V1 alguma informação de movimento, posição, direção ou continuidade; d) compartilhamento de informação funcional, estando todos os verbos da sequência no escopo das informações de tempo, aspecto e modo; e) semântica de evento único; f) compartilhamento de argumento externo; g) entonação de monossentença. No entanto, a língua apresenta um morfema serializador {-Cy} obrigatoriamente afixado a V2. A partir de análises teóricas minimalistas prévias para serialização verbal, concluímos que as estruturas multiverbais analisadas são CVSs assimétricas e apresentamos um esboço de análise sintática, considerando o morfema {-Cy} como núcleo de uma projeção de aspecto (SAsp) situada na periferia da estrutura argumental projetada por V1, com adjunção de V2 a este núcleo e movimento do vP contendo V1 e seus argumentos para a posição de especificador de SAsp.

Palavras-chave:

Construções Multiverbais. Guaraní Mbya. Sintaxe Gerativa. Parâmetro de Serialização.

ABSTRACT

Teitelbaum, Alexandre Panta; Rodrigues, Cilene Aparecida Nunes.
Multiverb constructions in mbya guarani. Rio de Janeiro, 2025. 186p.
Dissertação de Mestrado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade
Católica do Rio de Janeiro.

This study targets multiverb constructions in mbya guarani, a language of the tupi-guarani family, with data available on previous literature and checked with a native speaker from the Xapukai village, on Bracuí, Angra dos Reis (RJ). Multiverb constructions in guarani mbya are formed by a V1-V2 sequence of verbs, being V2 accompanied by the {-Cy} morpheme. We studied these constructions' morphosyntactic, phonologic and semantic features and concluded that they are cases of asymmetrical Serial Verb Constructions (SVCs) since they present the following characteristics: a) lack of a coordinative or subordinative linker; b) non-contiguous V1-V2 sequence, with the verbs separated only by lexical items that code time, aspect or mood information; the mood morpheme may be reduplicated in V1 and V2 and the object of V1 may appear to its left; c) all verbs in the sequence are independently attested as verbs in the language, but V2 belongs to a close semantic class, adding movement, position, direction or continuity information to the event denoted by V1; d) sharing of functional information, with all the verbs in the sequence within the scope of time, aspect and mood informations; e) single event semantics; f) external argument sharing; g) monosentence intonation. However, guarani mbya presents a serializing morpheme {-Cy} necessarily affixed to V2. Based on previous minimalist theoretical analyses of serial verbs, we conclude that the multiverb constructions analyzed are asymmetrical SVCs and we present a syntactic analysis outline, considering the morpheme {-Cy} as the nucleus of an aspect projection (SAsp) located on the periphery of the argument structure projected by V1, with the adjunction of V2 to this nucleus and the movement of the vP containing V1 and its arguments to the SAsp specifier position.

Keywords:

Serial Verb Constructions. Mbya Guaraní. Generative Syntax.
Serializing Parameter.

SUMÁRIO

1.Introdução.....	16
1.1.Guarani mbya – informações preliminares sobre o povo e a sua língua .	17
1.1.1.O povo guarani e o guarani mbya.....	17
1.1.2.A língua guarani mbya	20
1.2.O que são e o que não são Construções Verbais Seriadas (CVSs).....	22
1.3.Justificativa.....	25
1.3.1. Relevância linguística.....	25
1.3.2. Relevância política	26
1.4.Objetivos e perguntas de pesquisa.....	28
1.5.Metodologia.....	29
1.6.Proposta de análise sintática	31
1.7.Organização da dissertação	32
2.Aspectos da gramática do guarani mbya	33
2.1.Características gerais da língua guarani mbya	33
2.2.Fonética, fonologia e ortografia.....	35
2.2.1.As consoantes e as vogais em guarani mbya.....	35
2.2.2.Algumas considerações sobre a fonologia e a ortografia do mbya	37
2.2.3.A sílaba e o acento em mbya	40
2.3.Das categorias lexicais	43
2.4.Sobre a Morfossintaxe	43
2.4.1.Expressões nominais	45
2.4.1.1.Sistema de Determinantes	46
2.4.1.2.Posse, gênero e número	48
2.4.1.3.Pronomes, concordância pessoal e demonstrativos.....	52
2.4.1.4.Informação de tempo em expressões nominais	55
2.4.1.5.Ordem dos constituintes em expressões nominais	57

2.4.2.Predicado verbal	59
2.4.2.1.Formas verbais e sua flexão.....	59
2.4.2.1.1.Verbo transitivos ativos	61
2.4.2.1.2.Verbo intransitivos ativos	63
2.4.2.1.3.Verbo descritivos	65
2.4.2.1.4.Cópula.....	66
2.4.3.Estruturas de adjunção.....	67
2.4.4.Elementos funcionais.....	68
2.4.4.1.Modo.....	68
2.4.4.2.Negação	71
2.5.Estrutura da sentença	74
2.5.1.Estruturas coordenadas	78
2.5.2.Estruturas subordinadas	80
2.5.3.Estrutura das construções interrogativas	86
3.Construções verbais seriadas: critérios de classificação.....	91
3.1.O que é uma Construção Verbal Seriada?	91
3.2.Tipologia e caracterização das CVSs	92
3.3.Estruturas verbais e assimetria verbal	97
3.4.Propriedades gramaticais das CVSs	100
3.4.1.Ausência de elemento coordenador ou subordinador.....	101
3.4.2.Contiguidade verbal.....	103
3.4.3.Estatuto verbal dos itens sequenciados.....	105
3.4.4.Semântica de evento único	107
3.4.5.Compartilhamento de informação funcional	109
3.4.6.Compartilhamento de argumentos dos verbos	113
3.4.7.Entonação monossentencial.....	116

3.5.Conclusões sobre o processo de serialização observado nas línguas humanas	117
4.Da natureza seriada das construções multiverbais em guarani mbya.....	119
4.1.Da simetria da sequência verbal	119
4.2.Verificação dos critérios para classificação das multiverbais como Construções Verbais Seriadas	123
4.2.1.Ausência de Coordenador e subordinador.....	123
4.2.2.Contiguidade verbal.....	129
4.2.3.Uso independente como verbo	131
4.2.4.Semântica de evento único	132
4.2.5.Compartilhamento de informação funcional	133
4.2.5.1.TAM – Tempo, modo, aspecto.....	133
4.2.5.2.Negação	135
4.2.5.3.Concordância	137
4.2.6.Compartilhamento de argumento interno e externo	140
4.2.7.Prosódia de monossentença	142
4.3.Conclusão do capítulo	143
5.A sintaxe das CVSs	145
5.1.Panorama das análises formais propostas para as CVSs	145
5.1.1.Análises com estruturas ternárias	146
5.1.2.Análises com adjunção	150
5.1.3.Análises com subordinação	153
5.1.4.CVSs como estruturas com especificação de núcleos funcionais	157
5.2.Seriadas em Mbyá: V2 como realização de aspecto.....	162
5.3.Conclusão do capítulo	168
6.Conclusão	170
7Referências bibliográficas	173

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do território tradicional guarani	18
Figura 2: Mapa atual de aldeias e sítios arqueológicos dos povos guarani	19
Figura 3: Proposta de Baker (1989) para a estrutura das CVSs	23
Figura 4: Outros sons consonantais do guarani mbya	36
Figura 5: Sons vocálicos orais do guarani mbya	37
Figura 6: Mapa da distribuição de línguas com e sem presença de CVSs	93
Figura 7: Ilustração de CVS sinalizada em ASL	104
Figura 8: Estrutura proposta por Baker (1989) para o compartilhamento de objetos - OSH.....	147
Figura 9: Exemplo de serialização verbal entre verbos com valências diferentes	147
Figura 10: Estrutura de coordenação encoberta, sem compartilhamento de objeto	148
Figura 11: Proposta de estrutura de adjunção para CVS	151
Figura 12: Estrutura de adjunção para CVS com compartilhamento de objeto ..	152
Figura 13: Proposta de estrutura de subordinação para CVS	154
Figura 14: Estrutura de CSVC - CVS de Consequência	155
Figura 15: Estrutura de RSVC - CVS de Resultado.....	156
Figura 16: Estrutura de PSVC - CVS de Propósito	156
Figura 17: CVS com V1 como núcleo de Aspecto.....	158
Figura 18: CVS com morfema serializador como núcleo de Aspecto, com adjunção de V2.	163

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Sons consonantais do guarani mbya.....	36
Quadro 2: Fonemas e alofones consonantais do mbya, bem como grafemas utilizados na escrita	38
Quadro 3: Fonemas e alofones vocálicos do mbya, bem como grafemas utilizados na escrita	38
Quadro 4: Marcadores de concordância pessoal em mbya.....	44
Quadro 5: Pronomes pessoais livres e clíticos em mbya.....	52
Quadro 6: Hierarquia de referência pessoal em guarani mbya.....	54
Quadro 7: Paradigmas de flexão verbal dinâmica e estática em mbya	60
Quadro 8: Descrição das classes semânticas e raízes verbais que podem ocorrer na posição V2 em construções multiverbais do guarani mbya	120
Quadro 9: Raízes e temas de V2, incluindo temas derivados.....	121

LISTA DE ABREVIACÕES

ACC - caso acusativo

ADJZ – adjetivizador

AGF – voz de demção do agente

AUX - Auxiliar

CAUS - causativo

COM – comitativo

CONJ – conjunção

CONS - consecutivo

CONT - contínuo

CSC - *Coordinate Structure Constraint*

CVS – construção verbal seriada

DAT – caso dativo

DC - declarative sentence-ending marker

DECL - declarativo

DET - determinante

DIM - diminutivo

EC - *connecting suffix*

EMPH – ênfase

EP - epêntese

EPP- *Extended Projection Principle*

ERG – ergativo

EXCL! - exclamativo

F – feminino

FACT - factitivo

FORCE – imperativo de força

FUT - futuro

G - gerúndio

I - *inflection* ou flexão

IMP – imperativo

LOC - locativo

NEG – negação

M - masculino

NMLZ - nominalizador

NOM - caso nominativo

NPOSS OU NPSSD – não possuído

OBJ - objeto

OSH - *Object Sharing Hypothesis*

PART - particípio

PAST OU PASS - passado

POSSM - possuído

PERF - marcador de aspecto perfectivo

PL - plural

POSS- possessivo

REAL – real

RECIP - recíproco

REFL - reflexivo

REL – relacional

REQ - requestativo

SER – serializador ou VSerial

SF – substantivo feminino

SG – singular

SM – substantivo masculino

SV – sintagma verbal

SN – sintagma nominal

SS – *same subject*

SUBJ - subjuntivo

SUJ – sujeito

TAM - tempo, aspecto e modo

TOP.N-A/S - *topical non-subject*

T - tempo

V1 - primeiro verbo

V2 - segundo verbo

VP1 - *verbal phase 1*

VP2 - *verbal phase 2*

Vn - verbo da cadeia

1 – 1ª pessoa

1PL.EXCL ou 1+2 – “nós” exclusivo (1+2)

1PL.INCL – “nós” inclusivo (1+2+3)

2 – 2ª pessoa

3 – 3ª pessoa

No sé si irán al viento estas palabras

Pero yo he escuchado al viento hablar

1. Introdução

Formulada dentro da Teoria Formal da Gramática, vertente da Gramática Gerativa, esta dissertação se dedica ao estudo gramatical de sentenças como (1), da língua guarani mbya (família tupi-guarani, América do Sul meridional). Essas sentenças apresentam sequência verbal formada por dois verbos (V1-V2) e serão, portanto, chamadas de construções ou sequências multiverbais ao longo deste trabalho.

1)	<i>Kuaxia</i>	<i>a-exa</i>	<i>a-i-ny.</i>
	paper	1SG-see	1SG-be.located-V2
	papel	1SG-ver	1SG-estar.localizado-V2
	“I’m reading seated.”		
	“Estou lendo sentado (onde estou).”		
	(mbya – Dooley, 1991, p. 32)		

Partindo de uma concepção biológica da linguagem, em que esta é vista como um fenômeno próprio da espécie humana (Chomsky, 2005; Berwick & Chomsky, 2016; Chomsky, 2017), entende-se que as línguas são manifestações de princípios combinatoriais universais com variações paramétricas previsíveis entre si. Assim, análises de estruturas linguísticas de línguas particulares são uma forma de tentar decifrar os sistemas cognitivos universais à espécie, subjacentes a cada língua. Portanto, ao se buscar compreender as construções multiverbais em guarani mbya, espera-se produzir uma análise comparativa translinguística do fenômeno da serialização verbal.

Nesse sentido, a presente dissertação, intitulada “Construções Multiverbais em Guarani Mbya”, decorre do interesse do autor e da linguística formal em melhor compreender construções multiverbais ou Construções Verbais Seriadas (CVSs), particularmente na língua guarani mbya. A descrição do fenômeno e a sua análise foram feitas com base em dados da língua mbya já publicados na literatura, incluindo a verificação dos dados de Vieira & Baranger (2021) com um falante

nativo da língua, residente na aldeia Xapukai¹, no Bracuí, em Angra dos Reis (RJ), durante o mês de julho de 2025.

1.1.

Guarani mbya – informações preliminares sobre o povo e a sua língua

Em alguma medida, esta dissertação dá continuidade a uma tradição da linguística e da antropologia brasileiras e sul-americanas, qual seja a investigação dos idiomas dos povos originários deste continente (Rodrigues, 1966; Cadogan, 1971). Essa tradição foi mobilizada pelo professor Aryon Rodrigues, quem apontou o estudo das línguas indígenas como “a maior tarefa da linguística no Brasil” (Rodrigues, 1966).

De modo geral, grande parte das línguas dos povos originários do território brasileiro correspondem às línguas da família tupi-guarani, divididas em oito ramos conforme a proposta de Rodrigues e Cabral (2012), a saber, guarani, guarayo, tupi, teneteara, Xingu, kawahib, kamayura, setentrional. No ramo guarani, os autores apontam a existência de guarani antigo², guarani paraguaio, kaiowa, nhandeva, guarani do chaco, izoso, tapiete e guayaki (Rodrigues & Cabral, 2012, p. 498). Atualmente, as línguas guarani faladas no Brasil são o mbya, o kaiowa e o nhandeva. Este estudo se dedica especificamente à parcialidade mbya, aprofundada na próxima subseção

1.1.1.

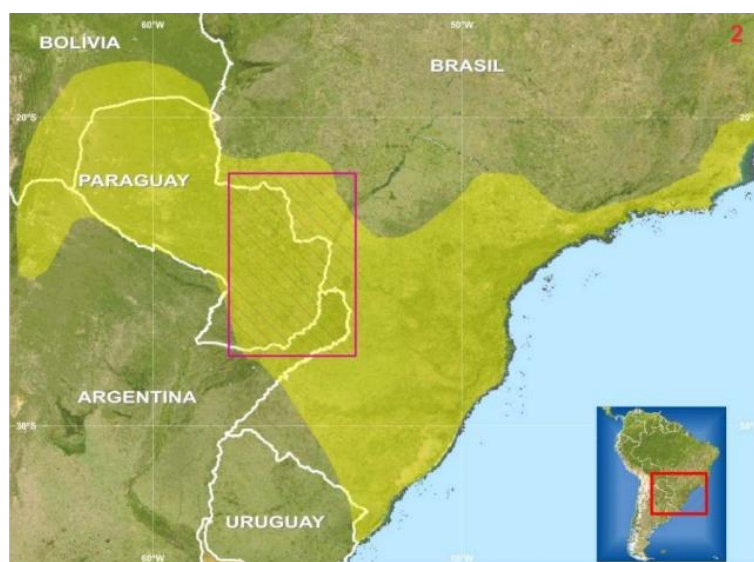
O povo guarani e o guarani mbya

¹ Embora seja usualmente grafada e referida como “Sapukai”, a aldeia em questão será referida como “Xapukai” neste trabalho em função de comentário feito pelo colaborador da pesquisa, residente da aldeia, em uma sessão de coleta de dados. Em tom jocoso, divertido com a má pronúncia dos juruá para o nome da aldeia, ele externou o seu estranhamento com a forma “Sapukai”, visto que a fricativa alveolar [s] não consta do inventário fonológico do guarani mbya. O colaborador explicou, ainda, que a aldeia se chama “Xapukai”, com uma consoante oclusiva alveolar africada [tʃ] no ataque da primeira sílaba, em alusão a um canto ritualístico da tradição guarani.

² Registros dos séculos XVII e XVIII feitos pelos missionários jesuítas das variedades faladas nas Reduções ou Missões.

No curso da invasão e colonização europeia do subcontinente sul-americano, ainda no século XVI, os portugueses encontraram populações guarani habitando regiões desde a bacia do Rio da Prata (próximas aos rios Paraguai, Paraná, Paranapanema e Uruguai) até a costa atlântica (Rodrigues, 2011). Em outras palavras, o território tradicional guarani “compreende a região de Misiones na Argentina, o Leste Paraguai, o Norte do Uruguai, os estados do sul do Brasil e o litoral desde o Espírito Santo até o Rio Grande do Sul” (Ladeira, 1994, p. 3). Efetivamente, o território mais densamente povoado pelos guarani nesse período corresponde ao encontro do Leste do Paraguai, do Nordeste da Argentina e do estados atuais do Paraná e do Mato Grosso do Sul, como se vê no mapa abaixo.

Figura 1: Mapa do território tradicional guarani



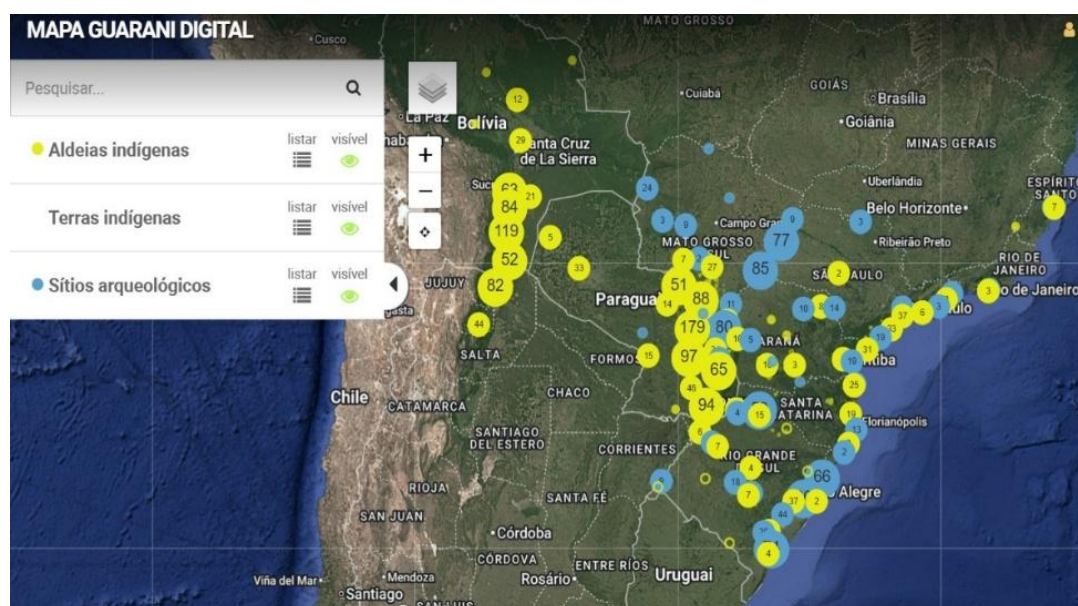
Fonte: Guarani Retã, 2008.

No início do século XVII, na região destacada em vermelho no mapa acima, a Companhia de Jesus fundou as suas primeiras Missões ou Reduções com vistas à assimilação forçada dos indígenas ao modo de vida dos jesuítas. Destacou-se, nesse contexto, o padre António Ruiz de Montoya, autor da mais antiga obra de referência sobre o idioma guarani, o “Tesoro de la lengua Gvaraní”, publicado em 1639. Cabe registrar que, até o presente, “os Guarani seguem vivendo onde sempre viveram, apesar de inumeráveis pressões, ameaças e mortes” (Melià, 2008). O mapa abaixo, recortado do Mapa Guarani Continental³, com os círculos amarelos indicando

³ “Resultado do trabalho de uma rede com mais de 200 colaboradores, entre comunidades guarani, indigenistas e acadêmicos, o Mapa Guarani Continental 2016 apresenta toda a área de ocupação

aldeias guarani atuais, evidencia a resistência guarani e a sua presença no mesmo território ancestralmente habitado.

Figura 2: Mapa atual de aldeias e sítios arqueológicos dos povos guarani



Fonte: Mapa Guarani Continental, 2025.

De qualquer forma, apesar do empreendimento colonizador, em geral, e das missões jesuíticas, em particular, “certo número de tribos guaranis tinham escapado dos jesuítas e dos colonos e conservaram a sua autonomia”, estabelecendo-se em territórios de mata inacessíveis aos seus contendores (Clastres, 1978, p. 10). De acordo com a autora, provavelmente descendem dessas tribos – então chamadas *cainguás* (“gente da floresta”) – as atuais populações chiripá, kaiowa e mbya. Cadogan (1971, p. 16) coincide em afirmar que certos grupos dos mbya escaparam da catequização e resistiram à colonização dos europeus e, depois, da elite crioula local. Essa hipótese é corroborada, ainda, pela constatação de que os mbya, dentre os povos guaranis atuais, “tentam com o máximo vigor preservar sua identidade cultural” (Clastres, 1978, p. 85). No caso concreto do povo mbya, a manutenção da sua identidade é fortemente vinculada à sua língua e à sua religiosidade, aspectos

atual do povo Guarani na América do Sul. São mais de 280.000 pessoas unidas por uma língua e cultura comuns, vivendo na Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai.” Disponível em <https://guarani.map.as/#/>. Acesso em 15/11/2025.

identificados como centrais por todos os etnólogos que estudaram esse povo desde o século passado (Martins, 2003).

Quanto ao contingente populacional, segundo dados do mesmo Mapa Guarani Continental, a população guarani atualmente supera os 280.000 indivíduos (Continental, 2016) em territórios na Argentina, na Bolívia, no Brasil e no Paraguai, sendo aproximadamente 30.000 guarani mbya⁴ (Ladeira, 2020). De acordo com Baranger (2022), os falantes nativos de mbya são cerca de 27.000, distribuídos em territórios na Argentina, no Brasil e no Paraguai.

O presente estudo, por óbvio, não abrangeu a totalidade da população guarani mbya nem percorreu seus diversos territórios; ao contrário, o contato com os dados primários da língua contou com a gentileza dos então alunos⁵ do curso de Magistério Indígena da CIE Guarani Karai Kuery Renda, próxima à aldeia Xapukai, no Bracuí, em Angra dos Reis (RJ). Da mesma forma, pesquisa de campo só foi possível graças à generosidade de um desses alunos-professores, Lino Karai Mirim, que voluntariamente se interessou pela pesquisa e ofereceu a sua colaboração.

Antigo território de migrações guarani, essa região do litoral fluminense está habitada de forma perene por população mbya desde a década de 1960, quando os pioneiros das aldeias hoje existentes na Costa Verde do Rio de Janeiro lá se estabeleceram, “orientados por sonhos motivacionais de suas lideranças, pelos relatos dos antigos parentes e por moradores caiçaras da região, que conheciam as antigas áreas dos Guarani no litoral” (Mello, 2023, p. 106).

1.1.2.

A língua guarani mbya

Segundo Rodrigues (Rodrigues, 2011, p. 41), os idiomas guarani antigo e tupinambá apresentavam amplas semelhanças lexicais, morfológicas e sintáticas,

⁴ Ladeira, Maria I. 2020. Guarani Mbya. São Paulo: Instituto Socio Ambiental (ISA), Disponível em https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Mbya. Acesso em 16/09/2025.

⁵ Essa turma, hoje, é de colegas professores, os primeiros formados em um curso de magistério indígena no estado do Rio de Janeiro. A solenidade ocorreu em 10/07/2025, conforme a reportagem a seguir: <https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2025/07/11/aldeia-sapukai-em-angra-dos-reis-celebra-formatura-da-primeira-turma-de-magisterio-indigena-no-rj.ghtml>.

sendo possível, inclusive, a inteligibilidade mútua entre falantes dessas línguas. No guarani moderno, conforme o mesmo autor (Rodrigues, 2011, p. 42), efetivaram-se tendências apontadas pelos registros de Montoya (1639), como a queda de consoantes em coda; ainda, a língua mantém grande ocorrência de nasalizações e o predomínio de vocábulos oxítonos. Isso que se chama guarani moderno, evidentemente, é um conjunto de parcialidades (Ivo, 2018, p. 27) faladas por milhares de pessoas em regiões da Bolívia, do Paraguai, da Argentina e do Brasil.

Nesse sentido, Morello afirma o guarani tratar-se de um idioma transnacional e pluricêntrico (2017, p. 224). Geneticamente falando, a língua guarani constitui, de acordo com Rodrigues e Cabral (2012), o Ramo Guarani da família linguística Tupi-Guarani (ou TG), composto pelas seguintes línguas ou parcialidades: mbya, kaiowa (paĩ tavy terã), nhandeva (ava-guarani/chiripa), xeta, avañe'e (guarani paraguaio), guarani do chaco (chiriguano), izoceño, guayaki e o extinto guarani antigo. Já Dietrich (2010) agrupa quase todas as línguas do Ramo Guarani no que chama de Grupo Guarani Meridional, excetuando apenas o guayaki. Independentemente da classificação adotada, o mbya é a variedade mais meridional do idioma guarani, sendo falado no Brasil, no Paraguai e na Argentina (Benites, 2020, p. 8).

A língua guarani mbya é parte fundamental da identidade do povo homônimo e, de modo geral, continua sendo adquirida como primeira língua pela maior parte de seus milhares de falantes. De acordo com o Inventário da Língua Guarani Mbya⁶, 98% dos guarani mbya entrevistados declararam ter proficiência na produção oral da língua e 97% deles afirmaram ser proficientes na compreensão oral do idioma (Morello e Seiffert, 2011, p. 60). A língua também é vigorosa no que se refere à transmissão intergeracional, com 98% de transmissão da língua para a primeira geração – a dos filhos –, 99% para a segunda – a dos netos – e ainda consistentes 89% para a terceira – a dos bisnetos (Morello e Seiffert, 2011, p. 63).

O mesmo Inventário registra falantes de português em todas as comunidades investigadas e falantes de espanhol em 32 delas – os quais são trilingües mbya, português e espanhol (Morello e Seiffert, 2011, p. 52). Cacique da aldeia Xapukai,

⁶ A amostra populacional do ILGM foi composta por habitantes de 69 aldeias guarani mbya localizadas nos três estados da região Sul e em três estados do Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo), cobrindo de forma significativa o território mbya em solo brasileiro.

que sediou o trabalho de campo desta pesquisa, Silva (2024, p. 14-15), em sua dissertação de mestrado, percebe o alto nível de bilinguismo dos mbya (falantes de mbya e português brasileiro) não só como evidência da força da língua mbya, mas principalmente como um indício da ameaça que o português, língua majoritária que é, constitui para a manutenção da vitalidade da língua guarani mbya. Os principais aspectos gramaticais dessa língua, no que concerne à possibilidade de serialização verbal, serão abordados em maior profundidade no capítulo 2 desta dissertação.

1.2.

O que são e o que não são Construções Verbais Seriadas (CVSs)

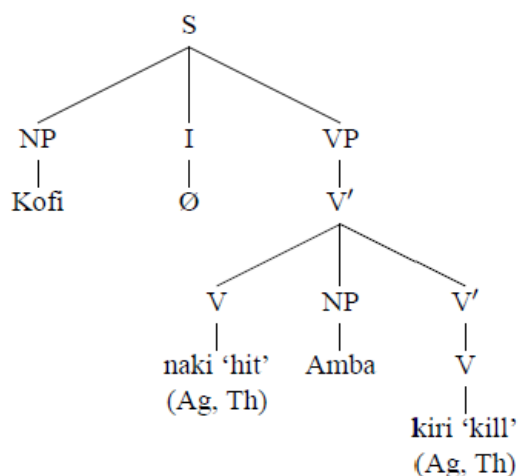
A pesquisa buscou investigar se as sentenças multiverbais, exemplificadas em (1), acima, são construções verbais seriadas (CVS ou SVC, do inglês *serial verb construction*), fenômeno que ocorre com certa frequência em línguas africanas (Stewart, 1963; Stahlke, 1970; Baker, 1989; Baker, & Stewart, 2002; Aboh, 2008), asiáticas (Li & Thompson, 1973; Bisang, 1992) e ameríndias (Aikhenvald, 2006), sendo comum também em línguas sinalizadas (Supalla, 1990; Benedicto *et al.*, 2008; Couvee & Pfau, 2018; Souza, 2023). Nesse sentido, o dado (2) exemplifica a ocorrência de estruturas seriadas em Libras.

- 2) TIAGO_a IR_b ANDAR_{CL-bicicleta} FESTA_b
 (Tiago pedalou (e) foi para a festa.)
 (LIBRAS – Souza, 2023, p. 211)

Na literatura, esse tipo de construção já foi abordada com mais peso no processo combinatorial (Baker, 1989; Baker & Stewart, 2002) e com mais peso nas propriedades lexicais dos itens seriados (Aboh, 2009). A fim de explicar casos em que dois verbos seriados têm o mesmo referente como argumento, Baker (1989) desenvolveu a hipótese de compartilhamento de objeto, segundo a qual um V2 seriado selecionaria um argumento do V1 e lhe atribuiria um papel temático. Essa proposta modifica o princípio de projeção endocêntrica da Teoria X-Barra (Chomsky, Jacobs, Rosenbaum, 1970) ao postular, nas línguas serializadoras, a

possibilidade de SVs com dois núcleos, como ilustra a Figura 3, abaixo. Entretanto, embora muito referenciada, essa proposta inicial recebeu diversas críticas (Byrne, 1991; Veenstra, 1993; Agbedor, 1994; Collins, 1997; Durie, 1997; Aboh, 2009), inclusive do próprio autor em momento posterior (Baker & Stewart. 2002).

Figura 3: Proposta de Baker (1989) para a estrutura das CVSs



Fonte: Baker (1989).

Outro tipo de análise com destaque é a proposta eminentemente lexical desenvolvida por Aboh (2009). Segundo o autor, o verbo seriado é um item lexicalmente distinto do verbo homônimo que pode ocorrer em uma sentença independente; mais ainda, o verbo seriado tem a sua estrutura argumental esvaziada (Cleary-Kemp, 2015, p. 224). Na esteira de Lefebvre (1991, 71), Aboh (2009) enfatiza que é necessário elaborar uma análise lexical da serialização verbal para tentar explicar as evidências empíricas.

De qualquer forma, é preciso reconhecer que há diferentes tipos de construções multiverbais – nem todas com serialização verbal – e que o construto mesmo de CVS permanece mal demarcado (Haspelmath, 2016). Efetivamente, estruturas idiomáticas lexicalizadas (3a), construções com verbos quase-sinônimos (3b) e predicados complexos (3c) são analisadas junto a CVSs em alguns trabalhos (Comrie, 1995; Durie, 1997; Thornes, 2003; Aikhenvald, 2006; Butt *et. al*, 2021), o que pode prejudicar a consistência da categoria de verbo serial.

- 3) a. *Tai² sung³ sik⁶ faan⁶*
 look dishes eat rice
 ver pratos comer arroz
 “Live within one’s means”
 “Viver dentro das possibilidades.”
 (cantonês – Matthews, 2006, p. 79)
- b. *Hunju tobung-danya*
 slaughter.pig slaughter.cow-3.Cont
 abater.porco abater.vaca-3.Cont
 ‘They were slaughtering.’
 ‘Eles estavam abatendo.’
 (kambera – Klammer, 1998, p. 283 *apud* Aikhenvald, 2006, p. 30)
- c. *Asif-ne saanp-nu Maar ditta*
 asif.SM-ERG snake.SM-ACC kill.V1 put.PF
 asif.SM-ERG cobra.SM-ACC matar.V1 colocar.PF
 “Asif killed the snake”
 “Asif matou a cobra.”
 (punjabi – Butt *et. al*, 2021, p. 7)

Expressões fixas como (3a) não são produtivas, visto que os conjuntos de verbos e argumentos que participam dessas construções já estão lexicalmente definidos. No caso das construções com verbos quase-sinônimos (3b), deve-se observar que a dupla de verbos é empregada para intensificar o evento ou a ação denotados, sem que haja composicionalidade semântica do evento com o uso de dois verbos. Finalmente, predicados complexos como (3c) apresentam tipicamente uma relação eventiva única e um verbo leve na cadeia verbal.

É necessário, portanto, buscar descrever, distinguir entre si e definir as diferentes construções multiverbais registradas nas línguas humanas. Nesse sentido, o fenômeno da serialização verbal mostra-se um bom objeto de estudo para produzir

insights sobre elementos mais básicos da sintaxe, como as definições de categorias como “verbo” e “sentença”. Por tais razões, a presente dissertação optou por uma delimitação restrita do fenômeno, que pode contribuir não tanto para um mosaico tipológico ou para uma abordagem prototípica da serialização, mas sim para a eventual elaboração de generalizações sobre a estrutura sintática das CVSs. Os critérios definidores da serialização verbal são abordados de forma detalhada no capítulo 3 deste trabalho, e a avaliação das sentenças multiverbais do guarani myba são confrontadas com esses critérios no capítulo 4.

1.3.

Justificativa

1.3.1. Relevância linguística

Após a vigência, em 2019, do Ano Internacional das Línguas Indígenas, a resolução adotada pela Assembleia Geral da ONU no dia 18/12/2019 proclamou a década de 2022 a 2032 como Década Internacional das Línguas Indígenas (DILI), com o objetivo de “chamar atenção para a crítica perda de línguas indígenas e para a necessidade urgente de se preservar, revitalizar e promover as línguas indígenas”⁷. O mesmo documento insta a Unesco – agência da ONU para a Educação, a Ciência e a Cultura – a liderar os esforços em busca dos objetivos propostos. Segundo o site da DILI, há mais de quatro mil comunidades linguísticas vinculadas a essa iniciativa e já foram realizados mais de três mil eventos e atividades.

No Brasil, a partir de 2021, organizou-se o Grupo de Trabalho Nacional da DILI-Brasil, subdividido em um GT para línguas indígenas orais, um GT para o português falado por indígenas e um GT para línguas indígenas de sinais. Nos últimos anos, esses grupos têm manifestado suas demandas a representantes do Ministério dos Povos Indígenas e produzido diferentes materiais que podem subsidiar a elaboração da política linguística no Brasil, como se pode atestar pelo

⁷ No original, em inglês: “Proclaims the period 2022–2032 as the International Decade of Indigenous Languages, to draw attention to the critical loss of indigenous languages and the urgent need to preserve, revitalize and promote indigenous languages”. Tradução do autor.

teor do último documento, de agosto de 2025, publicado pelo grupo, um conjunto de propostas para a política das línguas indígenas nos âmbitos linguístico, cultural, educacional, social, saúde e justiça⁸.

Além de se somar a tantos esforços dedicados à promoção de línguas indígenas, no contexto da DILI, esta dissertação reconhece que a compreensão do fenômeno da serialização verbal ainda é insuficiente. Até o momento, pouco se sabe sobre como as CVS se relacionam com outras categorias gramaticais, tanto de um ponto de vista evolutivo quanto de um ponto de vista conceitual (Andrason & Aikhenvald, 2022, p. 3). Tampouco se conhece a trajetória evolutiva dessas construções, isto é, de quais formas elas provêm e em quais formas podem se transformar (Andrason & Aikhenvald, 2022, p. 3). Outra lacuna diz respeito à ausência de uma definição mais restrita do fenômeno, a qual é necessária para que se possam elaborar generalizações empiricamente testáveis (Haspelmath, 2016). Assim, esta pesquisa se justifica na medida em que pode ajudar a construir conhecimento sobre esse fenômeno linguístico presente em grande quantidade de línguas de todas as partes da Terra. Apesar de esta pesquisa não abordar questões relativas à emergência, à evolução, à diacronia e ao espalhamento da serialização verbal, a presente dissertação contribui para um panorama geral e tipológico das línguas serializadoras e para uma teoria sintática geral do fenômeno em questão

1.3.2. Relevância política

No prefácio a “A queda do céu” – testemunho autobiográfico de Davi Kopenawa, xamã yanomami, e libelo contra a destruição da Amazônia em nome de interesses privados –, Viveiros de Castro reflete sobre o futuro:

Pois não é impossível que os povos indígenas, com sua ‘máquina territorial primitiva’ que antecede milênios ao ‘aparelho de captura’ dos Estados nacionais implantados nas Américas, perdurem após o colapso de muitos, senão de todos, nossos orgulhosos Entes Soberanos, em um mundo que promete ser materialmente muito diferente daquele em que vivemos hoje – o

⁸ Disponível online no seguinte endereço, acessado em 19/11/2025: https://www.decadalinguasindigenasbr.com/wp-content/uploads/2025/11/proposta_aldeiaburiti.pdf.

qual, como se sabe, foi construído graças à invasão, ao saque e à limpeza étnica das Américas.

(Viveiros de Castro, 2019, p. 20)

Seis anos depois da publicação dessas linhas, a estupidez etnocida, ecocida e suicida do “povo da mercadoria” – etnônimo cunhado por Kopenawa – continua devastando *habitats* e suprimindo as condições de habitabilidade da Terra para os humanos. Conforme a Organização Meteorológica Mundial, agência da ONU especializada no tema, 2024 foi o ano mais quente já registrado, com média de temperatura cerca de 1,55°C acima dos níveis pré-industriais⁹, e todos os anos da década de 2015-2024 compõem a lista dos 10 anos mais quentes registrados na história humana. Neste mesmo ano de 2025, a COP30, 30ª Conferência das Partes da ONU sobre as mudanças climáticas, ocorreu no Brasil e foi sediada em Belém, capital do estado do Pará, em meio à Floresta Amazônica, cuja integridade ecológica deve ser preservada – em colaboração com os seus povos indígenas e com as comunidades tradicionais – pelo menos em função do seu papel na regulação do clima global¹⁰ (Brando *et. al*, 2025).

Nesse contexto, é de espaços como esses, vistos como as margens e periferias desse sistema – mas que evidentemente podem ser enquadrados como centros¹¹ – que surgem diversos recados sobre a traição que o “povo da mercadoria” comete contra toda a humanidade. Efetivamente, recados desse tipo são muitos e são feitos há muito tempo. Em discurso no ano de 1980, Russell Means, ativista indígena lakota oglala, afirmou com convicção a sua visão de futuro, da qual aquela de Viveiros de Castro parece beber.

É o papel dos povos índios americanos, o papel de todos os seres da natureza, sobreviver. (...) E quando a catástrofe acabar, nós povos índios americanos ainda estaremos aqui para habitar o

⁹ A temperatura média de 2024, portanto, já excedeu parcialmente os objetivos do Acordo de Paris, a saber, a limitação do aumento da temperatura média mundial “bem abaixo” dos 2°C em relação aos níveis pré-industriais e a realização de esforços para conter esse aumento de temperatura abaixo de 1,5°C.

¹⁰ Segundo Artaxo *et. al* (2022), “Tropical forests have a critical role in supporting biodiversity, storing carbon, regulating the water cycle, influencing the radiation balance via albedo, and having an important role in human well-being”.

¹¹ “A Amazônia é o centro do mundo”, afirmou Eliane Brum em discurso no primeiro encontro do *Rainforest Journalism Fund*, em Manaus, em julho de 2019. Acesso em 18/11/2025. https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/09/opinion/1565386635_311270.html

hemisfério. Não importa se serão somente um punhado vivendo no alto dos Andes. Os povos índios americanos sobreviverão¹².
(Means, 1980)

Ontem, hoje, quem sabe até quando, comunidades tradicionais e os povos indígenas vêm tentando explicar esse cenário para os representantes do “povo da mercadoria”, os *napẽ* para os yanomami, os *juruá* para os guarani, os brancos, enfim; nós temos sido amplamente incapazes de escutar. A visão de mundo eurocêntrica, “que acha feio o que não é espelho”, pode embaçar os sentidos e fazer negligenciar os outros, seus conhecimentos, sua inteligência. Mas não é preciso que seja assim. Em cada território onde houver um povo que ainda resiste “à total dissolução pelo liquidificador modernizante do Ocidente”¹³, é preciso procurá-lo e escutar o que os seus membros têm a dizer.

Dessa forma, com vistas ao estabelecimento de um diálogo entre saberes, é que esta pesquisa linguística sobre as construções verbais seriadas se debruçou sobre a língua guarani mbya

1.4. Objetivos e perguntas de pesquisa

Desde o início deste projeto, a pesquisa esteve pautada pelos objetivos de compreender o fenômeno da serialização verbal e de contribuir para a sistematização dos conhecimentos linguísticos sobre o idioma guarani mbya. Esquemáticamente, é possível dividir esses dois objetivos gerais em cinco pontos específicos, listados abaixo.

1. Contribuir para a adequação das descrições de construções multiverbais, com dados da língua guarani mbya.
2. Verificar a hipótese de que tais construções, na língua em questão, constituem estruturas seriadas.

¹² Russell Means, ativista indígena lakota oglala, em discurso no Black Hills International Survival Gathering, em 1980, na Dakota do Sul, nos Estados Unidos.

¹³ Expressão usada por Vivieiros de Castro na página 16 do mesmo prefácio a “A queda do céu” citado no início da sub-seção.

3. Contribuir para a adequação explanatória do fenômeno da serialização, verificando, com base nos dados do guarani mbya, a cobertura empírica e a capacidade explicativa de análises minimalistas que tratam o fenômeno da serialização como expressão de estruturas predicativas com verbo leve.
4. Contribuir para um melhor entendimento da gramática das línguas tupi-guarani, particularmente do guarani mbya.
5. Contribuir para a criação de um banco de dados linguísticos da língua guarani mbya.

Além de buscar atingir os objetivos acima, a pesquisa procurou responder às quatro perguntas abaixo, que derivam fundamentalmente dos primeiros três objetivos específicos apresentados. A conclusão desta dissertação apresentará as respostas elaboradas.

1. É possível identificar estruturas verbais seriadas em guarani mbya?
2. Em caso afirmativo, a análise das CVSs em guarani mbya corrobora a proposta de Aboh (2009) sobre a serialização verbal, *i.e.*, que o fenômeno depende de um processo de gramaticalização de verbos?
3. Em caso afirmativo, esse processo de gramaticalização pode afetar qualquer elemento verbal ou há restrições sobre os itens que podem ser gramaticalizados?
4. De que forma os achados sobre o guarani mbya contribuem para uma compreensão abstrata, universal, do fenômeno da serialização verbal em línguas naturais?

1.5. Metodologia

A pesquisa apresentada nesta dissertação valeu-se de duas estratégias principais, a pesquisa bibliográfica¹⁴ e a pesquisa de campo, executadas conforme os objetivos imediatos de cada ação. Inicialmente, empreendeu-se um levantamento bibliográfico de materiais de referência sobre a serialização verbal, os quais evidentemente foram lidos para a aproximação aos problemas de pesquisa que permanecem relevantes nesse tema. Essa bibliografia de referência, além de questões gerais e análises sintáticas formais sobre a serialização, inclui três obras que discutem especificamente as construções multiverbais em guarani mbya – um artigo de Dooley (1991), outro de Vieira (2017) e outro de Vieira & Baranger (2021) –, sendo que Dooley (1991) e Vieira & Baranger (2021) são apresentadas e discutidas com atenção especial no capítulo 4 deste trabalho.

Em etapa posterior, procedeu-se à coleta de dados em pesquisa de campo, na já mencionada aldeia Xapukai, no Bracuí, em Angra dos Reis (RJ). A metodologia da coleta de dados consistiu em tomar os dados oferecidos por Vieira & Baranger (2021) e validá-los junto a um consultor guarani mbya, falante nativo do idioma, nascido no estado de São Paulo e residente na aldeia de Xapukai, em Angra dos Reis (RJ). A lista de sentenças que embasou a coleta de dados se encontra no apêndice A do capítulo 4, seção 1. A seção 2 do mesmo apêndice apresenta um relatório da coleta, com as principais considerações feitas pelo consultor da pesquisa.

Infelizmente, embora as contribuições importantes da coleta de dados em diversos âmbitos, para os objetivos específicos deste trabalho, essa primeira etapa de coleta foi insuficiente. A existência de mais tempo disponível e a possibilidade de um experimento de coleta mais bem informado teoricamente seriam dois fatores decisivos para uma coleta assertiva. Com a bagagem dos êxitos da coleta empreendida e considerando as lacunas por ela deixadas, elaborou-se um segundo experimento de coleta de dados – o qual ainda não encontrou ocasião, mas pode ser oportunamente realizado. Esse material, preparado para uma eventual nova rodada de coleta de dados, consta no apêndice B do capítulo 4.

¹⁴ Como o português brasileiro não é uma língua serializadora, a tradução das CVSs para o português é um desafio. Nesta dissertação, tentamos preservar a semântica de evento único, em vez de transformar as sentenças em coordenadas, mas talvez não tenhamos tido sucesso em todas as traduções.

Cumpra esclarecer, ainda, que a pesquisa de campo cujos dados constam nesta dissertação se relaciona ao projeto de extensão universitária “A Língua Guarani Mbya e seu Uso na Escola: Proposta de Material Didático Bilingue Português/Guarani Mbya” (Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro), coordenado pela professora Marci Fileti Martins.

Finalmente, quanto à apresentação dos dados linguísticos, a tradução de estruturas seriadas é desafiadora, sobretudo quando a língua de destino não apresenta o tipo de seriada ou construção multiverbal em análise. Nesta dissertação, a opção feita foi de tentar preservar os dados originais, entendendo que, em muitos casos, a língua de destino da tradução não oferece transposição exata. Seguindo a metodologia de Souza (2023), os dados linguísticos são apresentados na dissertação conforme se encontraram originalmente nas fontes, eventualmente com a adição de tradução em português. Quando completa, a apresentação dos dados segue esta ordem: (i) dado original, em itálico quando de língua estrangeira; (ii) glossa dada pelo autor da fonte original; (iii) glossa em língua portuguesa, traduzida pelo autor desta dissertação; (iv) tradução feita pelo autor da fonte original; (v) tradução em língua portuguesa feita pelo autor desta dissertação. Embora extensa, essa apresentação visa preservar a apresentação original dos dados, conforme apresentados pelos autores citados. Infelizmente, em alguns casos, a fonte original apresentou os dados sem uma glossa completa, o que não foi possível sanar nesta pesquisa.

1.6.

Proposta de análise sintática

Conforme se verá no decorrer desta dissertação, as construções multiverbais do guarani mbya apresentam propriedades de CVSs. Assim, com base em descrições formais e análises teóricas minimalistas já propostas para a serialização verbal, pode-se concluir que as estruturas multiverbais do mbya são CVSs assimétricas. Um esboço de análise sintática dessas construções é apresentado no capítulo 5, considerando o morfema {-Cy} como núcleo de uma projeção de aspecto (SAsp) situada na periferia da estrutura argumental projetada por V1, com adjunção

de V2 a este núcleo e com movimento do *vP* contendo V1 e seus argumentos para a posição de especificador de SAsp.

1.7.

Organização da dissertação

A dissertação está dividida em seis capítulos, sendo o primeiro esta introdução, que expõe informações relevantes da pesquisa realizada e anuncia o fenômeno em análise. O capítulo 2 apresenta os principais aspectos da gramática do guarani mbya. O capítulo 3 apresenta o processo de serialização verbal. O capítulo 4 apresenta as construções multiverbais verificadas em mbya à luz do processo de serialização discutido no capítulo anterior, concluindo que são CVSs assimétricas. O capítulo 5 apresenta as propostas teóricas para a sintaxe das CVSs e sugere que a sintaxe das CVSs do mbya são estruturas de relação aspectual entre eventos. O último capítulo, é claro, procura conferir sentido de todo ao texto e apresenta as conclusões da pesquisa.

2. Aspectos da gramática do guarani mbya

A fim de avaliar a possibilidade de haver seriação verbal em construções feitas em guarani mbya, é indispensável uma aproximação com a gramática da língua. Portanto, este capítulo apresenta os principais aspectos da gramática do mbya, com ênfase naqueles relevantes para a descrição e análise do fenômeno da seriação verbal. Inicialmente, são apresentados aspectos fonológicos e o sistema ortográfico adotado para o guarani mbya; em seguida, as classes lexicais existentes na língua; finalmente, a estrutura sentencial.

2.1. Características gerais da língua guarani mbya

A língua guarani mbya é parte fundamental da identidade do povo homônimo e, de modo geral, continua sendo adquirida como primeira língua pela maior parte de seus milhares de falantes. Segundo dados do Mapa Guarani Continental¹⁵, a população guarani atualmente supera os 280.000 indivíduos (Mapa Guarani Continental, 2016) em territórios na Argentina, na Bolívia, no Brasil e no Paraguai, sendo aproximadamente 30.000 mbya¹⁶ (Ladeira, 2020). De acordo com Baranger (2022), os falantes nativos de mbya são cerca de 27.000, distribuídos em territórios na Argentina, no Brasil e no Paraguai.

O idioma é eminentemente oral, havendo pouco material escrito em mbya ou mesmo traduzido para o mbya. Artigos de descrição ou de análise da língua também são relativamente raros, com destaque para o *Léxico Guarani, dialeto Mbyá: com informações úteis para o ensino médio, a aprendizagem e a pesquisa*

¹⁵ “Resultado do trabalho de uma rede com mais de 200 colaboradores, entre comunidades guarani, indigenistas e acadêmicos, o Mapa Guarani Continental 2016 apresenta toda a área de ocupação atual do povo Guarani na América do Sul. São mais de 280.000 pessoas unidas por uma língua e cultura comuns, vivendo na Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai.” Disponível em <https://guarani.map.as/#/>. Acesso em 16/09/2025.

¹⁶ Ladeira, Maria I. 2020. Guarani Mbya. São Paulo: Instituto Socio Ambiental (ISA), Disponível em https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Mbya. Acesso em 16/09/2025.

linguística, de Robert Dooley (2015), e para a tese de doutorado de Marci Fileti Martins (2003), *Descrição e análise de aspectos de gramática do guarani mbyá*.

Ainda não foi publicada uma gramática completa do guarani mbya e, tradicionalmente, a literatura especializada em linguística dedicou-se à fonética e à fonologia da língua (Guedes, 1983; Dooley, 1984; Davi-Costa, 2012; Ivo, 2014, 2018), bem como ao sistema ortográfico adotado (Benites, 2020). Além disso, têm relevância também trabalhos sobre aspectos morfológicos e sintáticos da língua (Dooley, 1991; Martins, 1996, 2003; Vieira, 2017; Vieira & Baranger, 2021; Baranger, Cerno, Núñez 2023; Mello, 2023). O conteúdo do presente capítulo baseia-se, em sua quase totalidade, nas obras referidas acima.

Dos pontos de vista fonético e fonológico, o guarani mbya é uma língua com muitos sons nasais e nasalizados (Guedes, 1983; Dooley, 1984). Dooley (2015, p. 5) afirma que a nasalização, nas línguas guarani, é iniciada em vogais nasais que ocorrem no final de determinadas raízes e em consoantes nasais, como os fonemas /m, n, ŋ/. Segundo o autor, a nasalização é predominantemente regressiva, ou seja, da direita (final da palavra) para a esquerda, contudo em certos casos o espalhamento nasal também ocorre da esquerda para a direita. Quanto ao contorno prosódico das palavras, a língua apresenta predomínio de palavras oxítonas e tende a formar pés métricos iâmbicos (Dooley, 2015).

Em termos morfológicos, mbya é uma língua aglutinante (Dooley, 2015), sendo as suas palavras comumente formadas por combinação de morfemas, sem muita fusão entre si, com o sentido denotado pela palavra sendo formado pela composição do significado dos morfemas. A língua também se caracteriza, assim como outros idiomas da família tupi-guarani (Dietrich, 1990; Seki, 2000), por poder empregar a mesma forma morfo-fonológica em diferentes funções sintáticas. Finalmente, do ponto de vista sintático, o mbya apresenta ordem bastante livre e as informações funcionais de tempo, aspecto e modo (TAM) podem ser realizadas por partículas presentes na estrutura interna do predicado nominal ou verbal (Dooley, 2015).

No que se segue, apresentam-se as principais características da gramática mbya, considerando os seus diferentes componentes.

2.2.

Fonética, fonologia e ortografia

Nas subseções a seguir são apresentados, nesta ordem, os sons consonantais e vocálicos utilizados em mbya; considerações de ordem fonológica; e, finalmente, o sistema ortográfico adotado.

2.2.1.

As consoantes e as vogais em guarani mbya

O guarani mbya distingue foneticamente os tipos de sons consonantais listados abaixo (Ivo, 2018):

- a. oclusivas plenas não vozeadas: [p, t, k, ʔ];
- b. oclusivas pré-nasalizadas vozeadas: [^mb, ⁿd, ^ŋg, ^ŋg^w];
- c. oclusivas labializadas: [k^w] e [g^w];
- d. nasais: [m, n, ɲ];
- e. tepe: [ɾ];
- f. africadas palatal vozeada e alveolar e palatal não-vozeadas, respectivamente: [d͡ʒ]; [ts] e [tʃ];
- g. fricativa glotal vozeada: vozeada [ɦ]
- h. Aproximantes labiodental, labiovelar, palatal e velar, respectivamente: [v], [w], [j] e [ɰ].

Sendo assim, os sons consonantais do guarani mbya podem ser apresentados de forma esquemática no Quadro 1 e na Figura 4, abaixo.

Quadro 1: Sons consonantais do guarani mbya

CONSOANTES (PULMÔNICAS) © 2019 IPA

	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Pós-alveolar	Retroflexo	Palatal	Velar	Uvular	Faringal	Glotal
Plosiva	p		t					k			ʔ
Nasal	m		n				ɲ				
Vibrante											
Tap ou flap			ɾ								
Fricativa											h
Fricativa lateral											
Aproximante		ʋ					j	ɰ			
Aproximante lateral											

Os símbolos à direita de uma célula são vozeados, à esquerda são não vozeados. Áreas sombreadas denotam articulações julgadas como impossíveis.

Fonte: elaboração própria.

Figura 4: Outros sons consonantais do guarani mbya

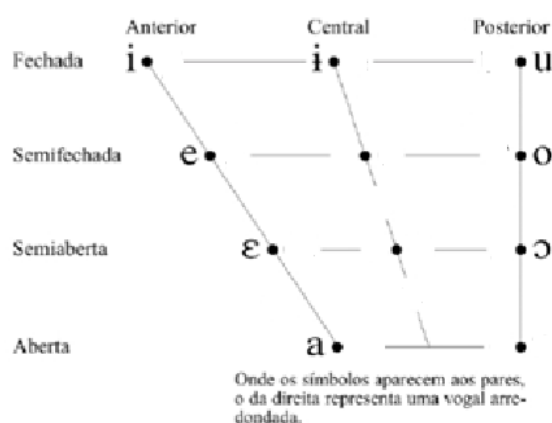
Aproximante labiovelar vozeada	w
Africada palatal vozeada	ɗʒ
Africada alveolar não-vozeada	ʈs
Africada palatal não-vozeada	ʈʃ
Oclusivas pré-nasalizadas vozeadas	^mb, ⁿd, ^ɲg, ^ɲg^w
Oclusivas labializadas	k^w g^w

Fonte: elaboração própria.

Ao todo, são 22 os sons consonantais que compõem o inventário fonético do mbya, considerados os diferentes alofones dos fonemas com alofonia e também contados sons complexos formados por dois ou mais sons.

Em relação ao seu quadro vocálico, segundo Ivo (2018), o guarani mbya apresenta os oito sons vocálicos orais exibidos na Figura 5, abaixo, todos os quais também ocorrem de forma nasalizada, totalizando 16 sons vocálicos. Deve-se observar, ainda, que [e] e [ɛ] são duas realizações possíveis de um só fonema, assim como ocorre com [o] e [ɔ], aspecto que será demonstrado na próxima seção.

Figura 5: Sons vocálicos orais do guarani mbya



Fonte: elaboração própria.

2.2.2.

Algumas considerações sobre a fonologia e a ortografia do mbya

Em uma das obras fundacionais da Fonologia, *Grundzüge der phonologie*, Trubetzkoy (1939) afirmou que o conteúdo essencial de um dado fonema é, na verdade, uma propriedade relacional, na medida em que o fonema se constitui pelas diferenças que estabelece ante os demais fonemas. Nas palavras do próprio autor, “the content of a phoneme depends on what position this phoneme takes in the given phonemic system, that is, in final analysis, with which other phonemes it is in opposition” (Trubetzkoy, [1939]/1969, p. 67)¹⁷.

Essa abordagem, evidentemente, é bastante alinhada com a noção de valor linguístico desenvolvida por Saussure: “[valores linguísticos] são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema.” (Saussure, [1916]/2006, p. 136). Isto importa para dizer que, apesar dos 22 sons consonantais e 16 sons vocálicos apresentados acima, o guarani mbya opera com um conjunto de fonemas mais enxuto.

¹⁷ “O conteúdo de um fonema depende de qual posição este fonema toma no sistema fonêmico em questão, ou seja, em última análise, com quais outros fonemas ele está em oposição.” Tradução do autor.

Efetivamente, são 14 fonemas consonantais e 12 fonemas vocálicos (seis orais, seis nasais) (Benites, 2020). Os Quadros 2 e 3, abaixo, adaptados de Benites (2020), também indicam os alofones possíveis de cada fonema e os grafemas escolhidos para representá-los na escrita.

Quadro 2: Fonemas e alofones consonantais do mbya, bem como grafemas utilizados na escrita

CONSOANTES				
Fonema	Alofones	Grafemas	Exemplo	Tradução
/p/		p	poty	"flor"
/t/		t	tata	"fogo"
/k/		k	ky	"piolho"
/k ^w /		ku	kuaray	"sol"
/ʔ/		'	mba'e	"coisa"
/m/	[m], [mb]	m, mb	mamõ, mboi	"onde", "cobra"
/n/	[n], [nd]	n, nd	nambi, ndee	"orelha", "você"
/r/		r	rora	"farofa"
/h/		h	haxa	"machado"
/tʃ/	[tʃ], [ts]	x	xivi'i	"gato"
/ɲ/	[ɲ], [dʒ]	nh, j	nhande, jaxy	"nós", "lua"
/ŋ/	[ŋ], [ŋg]	ng	agỹ, angã	"hoje", "futuro distante"
/ŋ ^w /	[ŋ ^w], [ŋ ^h g ^w], [g ^w]	ngu, gu	nguaimi, kângue	"velha", "ossada"
/v/	[v], [w]	v	yvyra	"árvore"

Fonte: elaboração própria, adaptado de Benites (2020, p. 78-79).

Quadro 3: Fonemas e alofones vocálicos do mbya, bem como grafemas utilizados na escrita

VOGAIS				
Fonema	Alofones	Grafemas	Exemplo	Tradução
/a/		a	avaxi	"milho"
/e/	[e], [ɛ]	e	eiru, ndee	"abelha", "você"
/i/		i	iraity, ipo	"cera de abelha", "mão dele(a)"
/o/	[o], [ɔ]	o	oo	"casa"
/u/		u	tuu	"pai de alguém"
/y/		y	yy, yapo	"água", "barro"
/ã/		ã	akã, Tupã	"cabeça", "deus do trovão"
/ẽ/	[ẽ], [ɛ̃]	ẽ	oẽ	"ele(a) saiu"
/ĩ/		ĩ	peteĩ	"um"
/õ/	[õ], [ɔ̃]	õ	mokõi	"dois"
/ũ/		ũ	tapeũ	"asfalto/caminho preto"
/ỹ/		ỹ	raỹi	"semente"

Fonte: elaboração própria, adaptado de Benites (2020, p. 80).

A respeito do sistema ortográfico, Dooley (2015, p. 14) afirma que “Os escritores da própria língua materna são os que determinam como ela deve ser escrita”. Afinal, é isso o que se verifica na obra de Benites (2020), “Proposta para um sistema ortográfico unificado da língua guarani mbya falada no Brasil”.

De acordo com Benites (2020, p. 78), “A escrita das línguas Guarani – Mbya, Nhandewa, Ava, Kaiowa – faladas no Brasil é um sistema em consolidação”. Assim, Benites considera a variação ortográfica entre os falantes de diferentes variedades guarani e mesmo entre grupos de mbya distintos (nomeadamente, comunidades do Espírito Santo – que adotam um sistema ortográfico idêntico ao do nhandewa – e as demais comunidades mbya do Sudeste e do Sul – que adotam uma ortografia baseada naquela que foi proposta por Dooley e pelos professores mbya que trabalharam com o missionário) e critérios fonológicos para apresentar o sistema acima, com três inovações em relação à proposta de Dooley.

A primeira inovação é a opção de grafar **ngu** para representar “os segmentos velares labializados [ɲw] e [ɲgw], alofones do fonema /ɲw/” (Benites, 2020, p. 78). Independentemente do estatuto fonológico desses sons, debatido por Dooley (2012), Guedes (2013) e Ivo (2018), é unânime o fato de que tais sons formam parte do guarani. Benites (2020), como Dooley (1982) e Guedes (1983) entende que se trata de consoantes nasais subjacentes que, ao assimilarem propriedades orais da vogal homossilábica se tornam pré-nasalizadas. Conforme o autor, valendo-se do seu conhecimento intuitivo do guarani, é preferível adotar o trígrafo **ngu** para representar as nasais labializadas [ɲw] e [ɲgw], diferentemente do que propôs Dooley (2013), que preconizou o uso de **gu** para representar esses sons da língua.

A segunda novidade defendida por Benites é a exclusão do grafema **g**, que poderia representar “a consoante oclusiva velar sonora [g], a qual não faz parte do sistema fonológico do Mbya” (Benites, 2020, p. 78). Por fim, a terceira proposta de modificação do sistema ortográfico é a inclusão de grafemas nasais para representar cada uma das seis vogais nasais da língua (Benites, 2020).

Respeitando a primazia dos falantes nativos sobre o sistema ortográfico da sua língua e reconhecendo a produção de conhecimento linguístico por parte de membros da comunidade indígena que acolheu o pesquisador e viabilizou esta pesquisa, a presente dissertação segue a proposta de Benites (2020) para a grafia dos dados em guarani mbya.

2.2.3.

A sílaba e o acento em mbya

Segundo Dooley (2015), o padrão silábico do mbya consiste em vogal única (V) ou consoante seguida de vogal (CV). Sendo assim, de acordo com o autor, guarani mbya não registra sílabas com coda, e conseqüentemente não ocorrem palavras terminadas em consoante (ao contrário do que ocorre em outras línguas da família tupi-guarani). Ainda de acordo com essa descrição da sílaba, não deveria haver na língua conjuntos de duas ou mais consoantes; porém, existem alguns casos em que isso ocorre, como se vê nos dados abaixo (1a-b)¹⁸.

- (1) a. *ha'vy*¹⁹
 Ele-SS
 “então”
- b. *rã*²⁰
 NMLZ-FUT
 “(o que é) futuro”

(mbya – Dooley, 2015, p. 5)

Como se pode inferir dos exemplos dados, os encontros consonantais que desviam do padrão ocorrem necessariamente com a oclusiva glotal como primeiro item do ataque silábico e sempre em palavras compostas. Para Dooley, isso se deve à perda de uma vogal final existente após a oclusiva glotal no primeiro item da composição, o qual sofreria contração: *ha'e* (pronome anafórico de 3ª pessoa) no caso de *ha'vy* e *va'e* (nominalizador) no caso de *rã*.

¹⁸ Observe-se que os exemplos grafados em guarani mbya seguem a proposta ortográfica de Benites (2020), a qual prevê o uso do apóstrofo (') para representar na escrita o som da consoante oclusiva glotal, a qual é representada por ʔ no Alfabeto Fonético Internacional (IPA).

¹⁹ Contração de *ha'e* – pronome anafórico de 3ª pessoa – e *vy* – mesmo sujeito.

²⁰ Contração de *va'e* – nominalizador – e *rã* – futuro.

Outra descrição da sílaba do mbya foi feita por Martins (2003), com algumas diferenças em relação à proposta de Dooley. Segundo a autora, há quatro aspectos fundamentais do padrão silábico do mbya:

i) a forma canônica da sílaba é (C)V(V), ii) somente o núcleo silábico é obrigatório e é constituído apenas pelos segmentos vocálicos da língua, iii) não há sílaba travada e iv) todos os segmentos consonantais que compõem o inventário fonológico do dialeto podem aparecer no ataque, posição esta em que somente um segmento é permitido.

(Martins, 2003, p. 172-173)

Diferentemente de Dooley, a autora reconhece a possibilidade de um segmento vocálico posterior à vogal nuclear da sílaba, como ocorre em *ayvu* (*ay.vu*, “idioma, língua, palavra”), por exemplo. Também adiciona as informações de que o ataque silábico não pode ter mais do que um segmento e de que não há restrição quanto às consoantes que podem figurar nessa posição. Em trabalho mais recente, Ivo (2018, p. 225) corrobora a descrição de Martins, afirmando que a sílaba nas línguas guarani pode ter uma consoante opcional no ataque e pode ter uma vogal em coda: “(C)V(V) (consoante em *onset* e uma segunda vogal em coda)”.

Quanto à palavra, para Dooley (2015), o padrão acentual do mbya é a palavra oxítônica. Considerando a existência de morfemas átonos que podem ocorrer em posição final no sintagma, o autor afirma que o acento recai sobre a última sílaba que puder recebê-lo, conforme (2), abaixo (Dooley, 2015, p.6).

(2)	<i>Kova'e</i>	<i>oo</i>	<i>porã</i>	<i>py</i>
	[ko.βa.ʔe	o.o	põ.'rã	pi]
	P.DEMNS	casa	bonita	LOC
	“Nesta casa bonita.”			

(mbya – Dooley, 2015, p. 6)

Diferentemente, Martins (2003, p. 179) entende que o guarani mbya é sensível ao peso silábico e, portanto, que “não aceita palavras constituídas de uma

única sílaba leve”, realizando o alongamento do núcleo silábico de palavras morfológicas monossilábicas, como *y* (“água”), que se realiza como *yy*. De acordo com a autora, *mbya* tem sílabas pesadas, e a regra acentual da língua constrói pés binários com núcleo à direita, a partir da borda direita da palavra. Martins (2003) afirma haver um processo de alongamento vocálico de vogais monossilábicas (como “*nde*”), resultando em uma sílaba pesada (CVV) (como “*ndee*”) que atrai acento. Assim, vê-se que o *mbya* é sensível à quantidade e que constrói tanto pés iâmbicos padrão quanto pés iâmbicos formados por duas sílabas leves (Martins, 2003, p. 198).

Esse padrão é majoritário na língua e, quando necessário, pode ser construído por um processo fonológico como a duplicação da vogal apresentada acima, já que há na língua palavras morfológicas de apenas uma sílaba (como apresentado em *y* “água”, acima). Existem até mesmo morfemas assilábicos, como o prefixo relacional²¹ {*r-*}, realizado ora como [*r-*] (diante de vogal), ora como $\emptyset$ (diante de consoante), otimizando o padrão silábico da língua (CV). A esse respeito, devem-se considerar dois exemplos de uso do prefixo relacional que geram palavras fonológicas oxítonas, de pé métrico iâmbico e com molde silábico (CV) (3a-b).

- (3) a. *xe.-r-e.xá*
 1SG-REL.-olho
 “meu olho”
- b. *xe.- $\emptyset$ -.pó*
 1SG-REL.-mão
 “minha mão”

(*mbya* – Martins, 2003, p. 184)

²¹ Os prefixos relacionais são uma categoria tradicional do estudo e da descrição das línguas tupi, utilizados também para as línguas guarani da família tupi-guarani. De acordo com Seki (2000, p. 55), “O uso desses prefixos [nas sentenças de línguas da família TG] depende a) da função gramatical que o possuidor tem na construção, b) do tipo de construção e c) do tipo de referência expressa”.

2.3.

Das categorias lexicais

O guarani mbya, assim como todas as línguas naturais, distingue as categorias lexicais, isto é, tem itens lexicais que são categoricamente diferentes uns dos outros e cujo emprego respeita restrições específicas conforme a categoria. Além disso, a língua tem palavras de classe aberta (conjunto potencialmente infinito, formado por categorias lexicais, na Teoria da Gramática Gerativa) e palavras de classe fechada (conjunto finito, formado por itens funcionais, na Teoria da Gramática Gerativa). Dessa forma, para identificar adequadamente as principais categorias de palavras do mbya, é preciso considerar a distribuição dos itens lexicais, a forma como se combinam na sintaxe e a maneira como contribuem composicionalmente para o sentido denotado pelos constituintes formados. Aplicados ao mbya, tais critérios permitem observar nomes, verbos, adjetivos e advérbios como classes abertas; e pronomes, demonstrativos, posposições, numerais e partículas como classes fechadas (Martins, 2003).

2.4.

Sobre a Morfossintaxe

Segundo Martins (2003), o principal critério para distinção de nomes e verbos, no guarani mbya, é o conjunto de marcadores de concordância pessoal, visto que nomes e verbos se combinam com diferentes subconjuntos desses marcadores. Esses marcadores se dividem em ativos (agentivos) e inativos (não-agentivos), conforme o Quadro 4, abaixo (Martins, 2003, p. 36).

Quadro 4: Marcadores de concordância pessoal em mbya

Marcadores de concordância pessoal		
	Ativos	Inativos
1sg	a-	xe-
2sg	ere- (re-)	nde- (ne-)
3sg	o-	
1pl Incl.	ja-	nhande-
1pl Excl.	oro- (ro-)	ore-
2pl	pe-	pende- (pene-)
3pl	o-	

Fonte: elaboração própria, adaptado de Martins (2003, p. 36).

Como ilustram os dados abaixo, extraídos de Martins (2003, p. 37-38), o conjunto de marcadores ativos ocorre com verbos transitivos (4a) e intransitivos (4b) como sujeito agentivo. Já os marcadores inativos, por denotarem quaisquer referentes não agentivos, podem ocorrer junto a nomes (5a), verbos descritivos (5b) e verbos transitivos (5c), nesse caso marcando na morfologia verbal o objeto direto de 1ª e 2ª pessoas.

- (4) a. *Nd-a-i-pete-i* *mitã*
 NEG-1 SG-3REL-bater-NEG *menina*
 "Não bato na menina"
- b. *Ha'e o-ke-xe*
 Ele 3-dormir-AUX
 "Ele quer dormir."
- (5) a. *Xee a-∅-moí* *xe=∅-ao*
 Eu 1SG-3REL-por 1SG=REL-roupa
 "Eu ponho minha roupa"
- b. *Ne=porã*
 2SG=bom

"Você é bom"

- c. *Xe=kavaju xe=o-joko*
 1SG=cavalo 1SG=REL-cercar
 "Meu cavalo me cercou"

(mbya – Martins, 2003, p. 36-37)

Outros aspectos das categorias de nomes e verbos serão abordados na sequência do capítulo, considerando, quando necessário, elementos descritos para a gramática do guarani paraguaio, desde que não contradigam os dados e as evidências da literatura sobre o guarani mbya. Essa opção se deve, por um lado, à proximidade estrutural entre as línguas guarani e, por outro, à identificação de lacunas na descrição gramatical do mbya. Ainda que fujam ao escopo desta dissertação, é necessária a realização de pesquisas futuras que se encarreguem de preencher essas lacunas.

2.4.1.

Expressões nominais

O sintagma nominal em guarani mbya apresenta essencialmente determinante ou possuidor, núcleo referencial e adjetivo, sendo que cada um dos elementos mencionados pode ser realizado por diferentes itens lexicais (Dooley, 2015, p. 92). O núcleo do sintagma nominal, por exemplo, pode ser um radical nominal lexical (6a), uma expressão nominalizada (6b), um pronome (6c) ou um nome próprio (6d). Segundo Dooley (2015, p. 92), o sintagma nominal em mbya geralmente contém até três itens (o núcleo e mais dois), embora também existam sintagmas nominais mais numerosos.

- (6) a. *kova'e oo guaxu*
 P.DEMNS **casa** grande
 "esta **casa** grande"

(mbya – Dooley, 2015, p. 92)

- b. *o-iko* **jeroky**²²
 3-haver **dança**
 “houve **dança**”

(mbya – Dooley, 1998, p. 44)

- c. **xee**
 1SG
 “**eu**”

(mbya – Dooley, 2015, p. 108)

- d. **Roberto** *tuja'i*
 Roberto velho-DIM
 “**Roberto** velhinho”

(mbya – Dooley, 2015, p. 92)

Na sequência, aprofunda-se a análise do sintagma nominal em guarani mbya.

2.4.1.1.

Sistema de Determinantes

Determinantes são morfemas que podem acompanhar os nomes e indicar a sua definitude ou não e a sua quantidade, precisando a referência intencionada. Em guarani mbya, os determinantes precedem os nomes, à diferença dos adjetivos, que os sucedem. Segundo Dooley (2015, p. 111), os elementos que podem ocorrer como determinantes em mbya são os demonstrativos (7a), os quantificadores não-numéricos (7b) e os quantificadores numéricos (numerais, 7c), todos os quais “podem também ocorrer em função referencial, como pronomes”.

²² Trata-se de um nome deverbal, o qual advém de *-jeroky* (“dançar”)

- (7) a. *peva'e* *ava-kue*
 P.DEMNS homem-PL
 "aqueles homens"
- b. *amongue* *ava-kue*
 P.IND homem-PL
 "certos homens"
- c. *mokoĩ* *ava-kue*
 dois homem-PL
 "dois homens"

(mbya – Dooley, 2015, p. 93)

Em guarani mbya, conforme Dooley (2015), o uso de demonstrativos marca a definitude do nome empregado, ao passo que a ausência de demonstrativos no determinante (uso de quantificadores não-numéricos ou de numerais) denota indefinitude, salvo quando se emprega o sufixo *-ve* ("definido") (8a). O mesmo autor registra também a combinação de demonstrativo e numeral como determinantes de um mesmo sintagma nominal definido (8b)

- (8) a. *mokoĩ-ve* *ava-kue*
 dois-DEF homem-PL
 "ambos os homens"
- b. *peva'e* *mokoĩ* *ava-kue*
 P.DEMNS **dois** homem-PL
 "aqueles dois homens"

(mbya – Dooley, 2015, p. 93)

Dooley considera, ainda, os pronomes interrogativos como “um subtipo especial dos determinantes” em mbya, ressaltando que eles ocorrem exclusivamente em construções interrogativas (diretas ou indiretas), podendo ocorrer em função referencial (9a) ou em função de determinante (9b).

(9) a. ***Mava’e*** *ou?*
 P.INT 3-vir
 “**Quem** veio?”

b. ***Mava’e*** *ava* *ou?*
 P.INT homem 3-vir
 “**Qual** homem veio?”

(mbya – Dooley, 2015, p. 94)

2.4.1.2.

Posse, gênero e número

Em mbya, os nomes se diferenciam em termos da noção de posse, havendo nomes “i) *inalienavelmente possuíveis*, ii) *alienavelmente possuíveis* e iii) *não possuíveis*” (Martins, 2003, p. 37). Com base nessa distinção, os nomes recebem diferentes marcas de concordância pessoal. Os nomes inalienavelmente possuíveis (nomes das relações de parentesco e das partes do corpo, por exemplo) necessariamente devem ser marcados com o marcador inativo que lhe corresponda (*xe*, da 1ª pessoa, em (10a); e a forma nula da 3ª pessoa em (10b)), além de o possuidor ser expresso no sintagma.

(10) a. ***xe***=*Ø-po*
 1SG=REL-mão
 “minha mão”

b. *mitã Ø-po*

criança Rel-mão
 “mão da criança”

(mbya – Martins, 2003, p. 39)

Já os nomes alienavelmente possuíveis podem facultativamente ser marcados pelo pronome inativo (11a-b).

- (11) a. *mba'e*
 coisa
 “coisa”
- b. *xe=mba'e*
 1SG=coisa
 “minha coisa”

(mbya – Martins, 2003, p. 37)

Por fim, os nomes não possuíveis (animais silvestres, por exemplo) rejeitam a ocorrência dos pronomes que marcam a concordância pessoal, o que leva a língua a adotar outros tipos de estruturas composicionais para denotar a posse nesses casos (12).

- (12) *Jagua* *xe=mba'e*.
 Cachorro 1SG=coisa
 “O cachorro é meu.”, literalmente “o cachorro é
 minha coisa”)

(mbya – Martins, 2003, p.38)

Diferentemente da noção de posse, que é expressa na morfologia nominal, a noção de gênero não produz nenhum tipo de concordância em guarani mbya.

Assim como em outras línguas guarani, a informação do gênero de um referente pode ser denotada por um item lexical independente (por exemplo, *ava* (“homem, macho”) e *kunhã* (“mulher, fêmea”)) ou então poderá apenas ser inferida contextualmente. As expressões a seguir (13a-c) exemplificam o caso em que um item lexical é empregado para denotar a informação de gênero dos nomes.

- (13) a. *uru*
ave
“ave, não especificada para gênero”
- b. *uru* *ava*
ave homem/macho
“galo”
- c. *uru* *kunhã*
ave mulher/fêmea
“galinha”

(mbya – Martins, 2003, p. 44)

Já a categoria de número, em mbya, é marcada por um sufixo que indica coletividade (*kuery* ou as formas reduzidas *kue* e *gue*, esta após som nasal), como demonstram os exemplos (14-16ab) abaixo.

- (14) a. *tuu*
pai
“pai (de alguém)”
- b. *tuu* *kuéry*
pai PL
“os pais (de alguém)”

- (15) a. *tuja*
velho
“velho”
- b. *tuja kue*
velho PL
“os velhos”
- (16) a. *kunhã*
mulher/fêmea
“mulher”
- b. *kunhã gue*
mulher/fêmea PL
“as mulheres”

(mbya – Martins, 2003, p. 44)

No entanto, esse sistema não se aplica necessariamente a todos os nomes pluralizados na língua (Martins, 2003). Alternativamente, os nomes podem ser marcados para o plural lexicalmente por meio do emprego de quantificadores ou numerais, como em (17a-c).

- (17) a. *oo*
casa
“casa”
- b. *oo-kuary*
casa-PL
“conjunto de casas”
- c. *mokoĩ* *oo*
dois casa

“duas casas”

(mbya – Martins, 2003, p. 44)

2.4.1.3.

Pronomes, concordância pessoal e demonstrativos

Em guarani mbya, há pelo menos dois conjuntos de pronomes pessoais diferentes, os pronomes fortes e os fracos (clíticos). No caso dos pronomes fortes, pode-se observar a ocorrência de alongamento vocálico nas formas monossilábicas (1sg e 2sg), a fim de respeitar a restrição da língua quanto ao tamanho da palavra fonológica mínima, com dois elementos métricos (Martins, 2003). Já os pronomes fracos, os clíticos, são prosodicamente dependentes de outro item lexical, que pode ser nome, verbo ou posposição, e assim não precisam atender à restrição de dois elementos métricos na palavra fonológica.

Também se deve observar que o paradigma pronominal carece de formas para a 3ª pessoa, tanto no singular quanto no plural. Segundo Martins (2003, p. 45), o demonstrativo *ha'e* é utilizado no lugar do pronome livre de 3ª pessoa – e pode ser que esteja em processo de gramaticalização para atuar como pronome pessoal de terceira pessoa. Para suprir a ausência do clítico de 3ª pessoa, usa-se a forma {i-}, um prefixo relacional que, no seu uso original, “codifica o possuidor de terceira pessoa não reflexiva” (Martins, 2003, p. 39). O Quadro 5, abaixo, apresenta os pronomes pessoais fortes e fracos em mbya.

Quadro 5: Pronomes pessoais livres e clíticos em mbya

Pronomes pessoais		
	Livres	Clíticos
1sg	xee	xe-
2sg	ndee	ere-
3sg		
1pl Incl.	nhande	já-
1pl Excl.	ore	ore-
2pl	pende	pe-
3pl		

Fonte: elaboração própria, adaptado de Martins (2003, p. 45).

Quanto à função sintática, pronomes pessoais fortes atuam como sujeito de orações independentes (18), enquanto os fracos podem ocorrer como sujeito de verbos descritivos (19a), objeto de verbos transitivos (19b) e nome possuidor de algum outro referente (19c, repetido de 3b).

(18) *Xee a-a-ta jety a-Ø-jogua*
eu 1SG-ir-FUT batata 1SG-3REL-comprar
 “Eu irei comprar batata.”

- (19) a. *Xe=Ø-kyrĩ*
 1SG=REL-pequeno
 “Sou pequeno.”
- b. *Xe=kavaju xe=o-joko*
 1SG=cavalo 1SG=REL-cercar
 “Meu cavalo me cercou”
- c. *Xe-Ø-pó*
 1SG-REL.-mão
 “Minha mão”

(mbya – Martins, 2003, p. 47)

Além disso, nas sentenças em mbya a marcação de concordância pessoal respeita uma hierarquia de referência pessoal para codificar os participantes da predicação. Segundo Martins (2003, p. 76), essa hierarquia se conforma ao seguinte padrão. Quando o agente é de 3ª pessoa e o objeto paciente é de 1ª ou 2ª, somente o paciente é marcado – com marcadores inativos –, o mesmo acontecendo quando o agente é de 2ª pessoa e o objeto paciente de 1ª. Quando o agente é de 1ª pessoa e o objeto paciente é de 2ª, usa-se o prefixo *portmanteau* {oro-}, que codifica de uma só vez um agente de 1ª pessoa do singular e um objeto paciente de 2ª pessoa

(singular ou plural) (Martins, 2003, p. 51). Também é possível a marcação morfológica tanto no agente quanto no objeto paciente – com os respectivos marcadores de atividade e inatividade – quando o objeto paciente for de 3ª pessoa, qualquer que seja a pessoa do discurso do agente.

O quadro 6, abaixo, sistematiza essas informações.

Quadro 6: Hierarquia de referência pessoal em guarani mbya

Agente	Objeto	Tipo de marcador	Argumento(s) marcado(s) morfológicamente no verbo
3ª Pessoa	1ª ou 2ª Pessoa	Inativo	Somente o objeto paciente.
2ª Pessoa	1ª Pessoa	Inativo	Somente o objeto paciente.
1ª Pessoa	2ª Pessoa	Prefixo <i>portmanteau</i> {oro-}	Ambos o sujeito agente e o objeto paciente podem ser marcados.
Qualquer pessoa do discurso	3ª Pessoa	Ativo para o agente e Inativo <i>i-</i> para o objeto.	Ambos o sujeito agente e o objeto paciente podem ser marcados.

Fonte: elaboração própria, adaptado de Martins (2003, p. 76).

Dessa forma, no caso de sentenças em que apenas o objeto é marcado morfológicamente no verbo, o sujeito agente é codificado por um item nominal ou pronominal. No caso de concordância tanto com o agente quanto com o objeto, sendo este de 2ª pessoa, usa-se o prefixo *portmanteau* junto ao verbo e codificando os dois argumentos. Já no caso de concordância tanto com o agente quanto com o objeto, sendo este de 3ª pessoa, a forma inativa de 3ª pessoa *i-* é empregada para codificar o objeto e a forma ativa correspondente a pessoa do discurso do sujeito agente é que o codifica.

Finalmente, há pelo menos três demonstrativos na língua, os quais se definem com base em um sistema dêitico vinculado à noção de proximidade no tempo e no espaço. A forma que indica o referente mais próximo ao falante

temporal e espacialmente é *ko-va'e* (“este/um que está aqui”), cujo uso se exemplifica em (20a); a forma que indica um referente mais próximo ao ouvinte é *upe-va'e* (“esse/um que está aí”), apresentada em (20b); já a forma *ha'e* (“aquele/aquilo de que se fala”), acima mencionada, indica indivíduos, eventos ou proposições do discurso, como se vê em (20c).

- (20) a. *ko-va'e yvoty*
 aqui-NOM flor
 “esta flor (aqui)”
- b. *Upe-va' e a-i-pota*
 aí-NOM 1SG-3REL-querer
 “Quero este/a aí.”
- c. *Ha'e mitã i-porã*
 esta criança REL-bonita
 “Esta menina é bonita.”

(mbya – Martins, 2003, p. 48)

2.4.1.4.

Informação de tempo em expressões nominais

Em guarani mbya, a flexão de tempo é marcada no interior do sintagma nominal por meio de clíticos que se ligam ao nome nuclear ou, caso haja adjetivo no sintagma, ao modificador do nome nuclear. Marcam o passado as formas *-kue* ~ *-gue*; um morfema nulo marca o tempo presente; e o futuro é marcado pela forma *-rã* (Dooley, 2015, p. 95).

Conforme o mesmo autor, a marcação de futuro nos nomes pode ocorrer tanto em se tratando de argumentos (21a) quanto em se tratando de adjuntos (21b).

- (21) a. *janeiro re avaxi jevyrã nhanhotỹ*
 “em janeiro plantamos **o que será** o segundo milho”
- b. *ajukue ajogua kamixarã*
 “comprei tecido **para ser uma camisa**”
 (mbya – Dooley, 2015, p. 95)

Segundo Dooley (2015, p. 95), o tempo passado também é marcado no sintagma nominal, junto aos itens que o autor entende como “nomes relacionais” (22), os quais serão discutidos na seção 2.4.1.3.

- (22) *kova'e oo ma xerogue*
 “esta casa **era** minha casa (mas não é mais agora)”
 (mbya – Dooley, 2015, p. 96)

Como referido acima, a forma nominal não-marcada para tempo expressa o tempo presente em guarani mbya.

Ainda, deve-se observar que há autonomia entre a informação temporal do nome nuclear e a de uma eventual expressão nominalizada em função modificadora (Dooley, 2015, p. 96), quando ocorre no sintagma nominal. A lista de sentenças em (23-25a-c) ilustra as possibilidades de combinação entre passado presente e futuro nas expressões nominais. Em (23), o nome nuclear do sintagma está marcado no passado; em (24), não está marcado, denotando o tempo presente; e em (25) a marcação é de tempo futuro no nome nuclear.

- (23) a. *ajou peteĩ xero katy'i guare xevy omba'eapo va'ekue*
 “achei um **ex-vizinho** meu que trabalhava para mim”
- b. *ajou peteĩ xero katy'i guare xevy omba'eapo va'e*
 “achei um **ex-vizinho** meu que trabalha para mim”

- c. *a-jou peteĩ xero katy'i guare xevy omba'eapo va'erã*
 “achei um **ex-vizinho** meu que trabalhará/aria para mim”
- (24) a. *ajou peteĩ xeirũ xevy omba'eapo va'ekue*
 “achei um companheiro meu que trabalhava para mim”
- b. *ajou peteĩ xeirũ xevy omba'eapo va'e*
 “achei um companheiro meu que trabalha para mim”
- c. *ajou peteĩ xeirũ xevy omba'eapo va'erã*
 “achei um companheiro meu que trabalhará/aria para mim”
- (25) a. *ajou peteĩ xeirũrã xevy omba'eapo va'ekue*
 “achei um **para ser** meu companheiro que trabalhava para mim”
- b. *ajou peteĩ xeirũrã xevy omba'eapo va'e*
 “achei um **para ser** meu companheiro que trabalha para mim”
- c. *ajou peteĩ xeirũrã xevy omba'eapo va'erã*
 “achei um **para ser** meu companheiro, que iria/irá trabalhar para mim

(mbya – Dooley, 2015, p. 96)

2.4.1.5.

Ordem dos constituintes em expressões nominais

Finalmente, as expressões nominais em mbya podem apresentar as seguintes ordens (Dooley, 2015, p. 15): demonstrativo + nome nuclear (26a); numeral + nome nuclear (26b); possuidor + nome nuclear (26c); nome nuclear + adjetivo (26d); nome nuclear + oração subordinada adjetiva (26e).

- (26)
- a. *kova'e oo*
“esta casa”
 - b. *mokoĩ oo*
“duas casas”
 - c. *jagua ro*
“a casa do cachorro”
 - d. *oo porã*
“casa bonita.”
 - e. *oo aexa va'ekue*
“a casa que vi”

(mbya – Dooley, 2015, p. 15)

Além disso, o sintagma nominal em mbya pode ser descontínuo desde que cada um dos itens que compõe possa ser isoladamente interpretado como um sintagma nominal pleno (Dooley, 2015, p. 99). Assim, (27) é inseparável, visto que o adjetivo *porã* (“bonita”) não pode constituir sozinho um sintagma nominal, mas os exemplos em (28a-c) demonstram a possibilidade de sintagmas nominais descontínuos.

- (27)
- tekoa porã***
“aldeia bonita”

- (28) a. *ajou peteĩ ava oo apoa*
 “achei **um homem que é construtor de casas**”
- b. *peteĩ ava ajou oo apoa*
 “**um homem** achei **construtor de casas**”
- c. *peteĩ ajou ava oo apoa*
 “**um** achei **homem construtor de casas**”
- (mbya – Dooley, 2015, p. 99)

2.4.2.

Predicado verbal

As subseções a seguir dedicam-se à apresentação dos tipos de flexão verbal existentes em guarani mbya, bem como dos diferentes tipos de verbo da língua.

2.4.2.1.

Formas verbais e sua flexão

Sendo o guarani mbya uma língua de tipo *ativo* (Klimov, 1977 *apud* Seki, 1990), as combinações realizadas entre as formas verbais e as formas pronominais respeitam a dicotomia entre atividade e inatividade, havendo um paradigma de flexão ativa ou dinâmica e outro de flexão inativa ou estática. Por meio desse sistema, os argumentos que são agentes da ação expressa por qualquer verbo recebem marcação dinâmica ou ativa, enquanto os demais argumentos sentenciais (objetos, sujeitos de verbos que não expressão ação) recebem marcação estática ou inativa (Dooley, 2015; Mello, 2023).

Abaixo, o Quadro 7 exibe com as flexões dinâmica e estática, incluindo as formas em que o prefixo relacional (Martins, 2003, p. 38) ocorre com realização fonológica, a classe *xer-* da flexão estática.

Quadro 7: Paradigmas de flexão verbal dinâmica e estática em mbya

Paradigmas de flexão verbal			
	Dinâmica	Estática	
		Classe <i>xe-</i>	Classe <i>xer-</i>
1sg	a-	xe-	xer-
2sg	ere-, re-	nde-, ne-	nder-, ner-
3sg	o-	i-, inh-, j-, nh-	h-
1pl Incl.	ja-, nha-	nhande-, nanhe-	nhander-, nhaner-
1pl Excl.	oro-, ro-	ore-	orer-
2pl	pe-	pende-, pene-	pend-, pender-, pener-
3pl	o-	i-, inh-, j-, nh-	h-

Fonte: elaboração própria, adaptado de Mello (2023, p. 177).

De acordo com Martins (2003, p. 49), as formas verbais em mbya podem ser flexionadas por prefixos pessoais de concordância, prefixos relacionais e pronomes clíticos (29a-b). Além disso, os verbos podem ser combinados com sufixos como o nominalizador {-a} (30).

- (29) a. *Xe=Ø-piru ma*
 ISG=REL-seco já
 "Já estou seco."
- b. *Maria xe=r-exa*
 Maria ISG=REL-ver
 "Maria me viu."

(mbya – Martins, 2003, p. 51)

- (30) *Oro-ma' e-ty-a*
 1PL.EXCL-coisa-plantar-NOM
 "o fato de nós plantarmos"

(mbya – Martins, 2003, p. 55)

Ainda segundo Martins (2003, p. 49), são quatro os tipos de verbos existentes na língua: “i) transitivo ativo, ii) intransitivo ativo iii) intransitivo inativo (descritivo)²³ e iv) cópula”. Como se percebe a partir das quatro subclasses propostas, além da transitividade, outro critério de distinção dos verbos é a noção de atividade, especificamente em termos de controle ou carência de controle do participante sobre a ação verbal (Seki, 1990; Martins, 2003).

Assim, verbos como *peju* (“soprar”, um verbo transitivo ativo), que denotam uma ação realizada voluntariamente por um sujeito, ativos, ao passo que verbos como *axy* (“ter dor”, um verbo intransitivo inativo ou descritivo), que denotam uma ação a qual escapa da vontade e do controle do sujeito que a realiza, são inativos. Cabe mencionar, no entanto, a existência de verbos que parecem desviar desse padrão: *manõ* (“morrer”) é um verbo intransitivo ativo, embora a ação denotada fuja ao controle do sujeito. Na sequência, cada um dos tipos de verbo será descrito e ilustrado.

2.4.2.1.1.

Verbos transitivos ativos

Como o nome indica, os verbos transitivos ativos requerem um argumento interno que lhes sirva de complemento e são conjugados conforme a flexão ativa. Esses verbos são os únicos que podem ser combinados com alguns afixos, como o sufixo causativo {-*uka*}, responsável por aumento de valência verbal (31a), e os prefixos {*je-*}, reflexivo (31b), e {*jo-*}, recíproco (31c). Outra característica desses

²³ Em mbya e em outras línguas da família tupi-guarani, há uma classe palavras cuja identificação é debatida na literatura (Rodrigues, 1981; Seki, 2000; Cabral, 2001; Vieira, 2001; Duarte, 2001; Martins, 2003). Rodrigues (1981), Cabral (2001) e Vieira (2001) entendem tratar-se de nomes relacionais, ao passo que Seki (2000), Duarte (2001) e Martins (2003) avaliam que se tratam de verbos descritivos. Esses verbos denotam características de um referente e, quando traduzidos para o português, normalmente dão lugar ao uso de algum adjetivo. É o que se vê no dado A. abaixo (Martins, 2003, p.55), em que o termo *puku* (“alto”) é o núcleo da predicação, denotando uma característica do sujeito de 1ª pessoa expresso pelo morfema flexional *xe*.

A. Nda-xe-Ø-puku-ta-i
Neg-1sg-3Rel-alto-Fut-Neg
"Não serei alto"

verbos é que eles podem ser nominalizados pelo sufixo agentivo {-a} ou pela adição do prefixo {embi-}, que identifica o objeto ou o paciente²⁴.

- (31) a. *Ava o-Ø-juka-**uka** kunhã pe uru*
homem 3-3REL-matar-**CAUS** mulher DAT galinha
"O homem mandou a mulher matar a galinha"
- b. *O-**nhe**-unga*
3-**REFL**-bater
"Bateu nele mesmo"
- c. *Ja-**jogue**-raa*
1PL INC-**RECIP**-levar
"levamos uns aos outros"
- (mbya – Martins, 2003, p. 52)

Uma característica do guarani mbya que difere das demais línguas tupi-guarani é que os papéis temáticos de agente e tema, referentes aos argumentos interno e externo, são ambos combinados com o verbo, sendo o agente marcado pelos pronomes pessoais ativos e o tema pelo prefixo relacional {i-}²⁵ (32).

- (32) *A-**j**-apo tembi'u*
1SG-3REL-fazer comida
"Faço comida"
- (mbya – Martins, 2003, p. 53)

²⁴ Além da forma indicada, tomada como forma básica, os morfemas apresentados no parágrafo também podem ser encontrados com as seguintes realizações: -uka ~ -ka; je- ~ nhe-; jo- ~ nho-; embi- ~ emi-.

²⁵ Além da forma {i-}, tomada como forma básica, o morfema também podem ser encontrado com as seguintes realizações: i- ~ j- ~ Ø.

2.4.2.1.2.

Verbos intransitivos ativos

Guarani mbya também conta com verbos intransitivos ativos. Os verbos intransitivos ativos requerem apenas um argumento externo e são marcados com os prefixos pessoais ativos conforme a pessoa do discurso do referente envolvido na ação verbal (33). Eles podem ser nominalizados com o uso do sufixo {-va'e} e aceitam o prefixo causativo {mbo-} (34a-b).

- (33) *Tata o-gue*
 fogo 3-apagar
 "O fogo apagou"

- (34) a. *o-javy-va'e-ty*
 3-errar-NOM-sempre
 "um que sempre erra"

- b. *a-mbo-gue tata*
 1SG-CAUS-apagar fogo
 "Apaguei o fogo"

(mbya – Martins, 2003, p. 54)

À primeira vista, tais formas podem parecer exclusivamente verbos inacusativos, mas não há evidências claras quanto à existência de verbos inergativos na língua, “visto que os verbos intransitivos são mascarados pela cisão morfológica ativo/não-ativo” (Vieira, 2013, p. 189). Embora a morfologia em guarani mbya não entregue as diferenças entre verbos inacusativos e eventuais verbos inergativos, Vieira observou restrições sintáticas distintas para dois grupos de verbos intransitivos ativos no que se refere ao escopo do quantificador.

Segundo a hipótese de trabalho da autora, ainda inconclusiva, porém promissora, no interior da classe dos verbos intransitivos em guarani, seriam inacusativos somente os verbos que apresentam semântica de mudança de estado

ou local, como *ka* (“quebrar”), *‘a* (“cair”) e *mano* (“morrer”), ilustrados nos exemplos abaixo (35a-c). A evidência apresentada é que, nas construções com verbos intransitivos como esses, nos quais há mudança de estado ou local, a língua admite que o quantificador *–pa* tenha escopo sobre o sujeito do verbo intransitivo.

- (35) a. *Karo o-je-ka-pa*
Copo 3-REFL-quebrar-pa
"Todos os copos se quebraram" ou "O copo se quebrou todo"
- b. *Kyrĩgue o-‘a-pa ikua py*
Crianças 3-cair-pa buraco em
"Todas as crianças caíram no buraco"
- c. *Kyrĩgue o-‘a-pa ikua py*
Crianças 3-cair-pa buraco em
"Todas as crianças caíram no buraco"
- (mbya – Vieira, 2013, p. 205)

Já em outros verbos intransitivos com morfologia ativa, como *pita* (“fumar”), *puka* (“rir”) e *guata* (“andar”), os quais não expressam mudança de estado ou local, e sim algum tipo de atividade realizada pelo sujeito do verbo intransitivo, o mesmo quantificador *–pa* não pode ter escopo sobre o sujeito do verbo; nesse contexto, apenas a forma universal do quantificador, *pavẽ*, é licenciada, como se vê abaixo, em (36-38a-b). Esses verbos intransitivos marcados com morfologia ativa seriam, na verdade, verbos inergativos.

- (36) a. **Huixa-kuery o-pita-pa*
Chefe-PL 3-fumar-pa
- b. *Pavẽ huixa-kuery o-pita*

Todos chefes 3-fumar

"Todos os chefes fumaram"

(mbya – Vieira, 2013, p. 206)

- (37) a. **Avakue o-puka-pa*
Homens 3-rir-pa

- b. ***Pavẽ** ava o-puka*
Todos homem 3-rir
"Todos os homens riram"

(mbya – Vieira, 2013, p. 206)

- (38) a. **Xivi-kuery o-guata-pa ka[?]aaguy rupi*
Onça-PL 3-andar-pa mata por

- b. ***Pavẽ** xivi-kuery o-guata ka[?]aguy rupi*
Todas onça-PL 3-andar mata por
"Todas as onças andaram pela mata"

(mbya – Vieira, 2013, p. 205)

2.4.2.1.3.

Verbos descritivos

Outro tipo de verbo do guarani mbya é o chamado verbo descritivo (Martins, 2003, p. 54), que são como os verbos inacusativos porém são não-volitivos e apresentam peculiaridades morfossintáticas, suscitando o já mencionado debate sobre a sua classificação (seção 2.4.2.1, p. 57, nota de rodapé 23). Em grande medida, os verbos descritivos são empregados para expressar qualidades ou propriedades, codificando a categoria de pessoa com os pronomes da flexão inativa (o mesmo usado junto aos nomes para indicar o possuidor e junto aos verbos transitivos para codificar o objeto).

Pesa para a sua classificação como verbos o fato de que eles aceitam marcadores morfossintáticos que só ocorrem com outros verbos, como o marcador de futuro {-

ta} e o morfema descontínuo de negação de predicado {*nd(a)- ... -i*} (39a). Além disso, aceitam o sufixo nominalizador {-*a*}, que também ocorre com outros verbos, mas não com nomes (39b).

- (39) a. *Nda-xe-∅-puku-ta-i*
 NEG-1SG-3REL-alto-FUT-NEG
 "Não serei alto"
- b. *xe=∅-angai-a*
 1SG=REL-magro-NOM
 "o fato de eu ser magro"
- (mbya – Martins, 2003, p. 55)

2.4.2.1.4. Cópula

Finalmente, guarani mbya também apresenta verbos que funcionam como uma cópula. É o caso de *kuai*, verbo que só admite flexão para a 1ª e a 2ª pessoas do plural, com o sentido de “ser” (40); apesar de funcionar como cópula, *kuai* é um verbo descritivo em mbya. Também atuam como cópula os verbos *i* e *iko* (41a-b), que são flexionados como verbos inacusativos (Martins, 2003, p. 56).

- (40) *Mboapy meme ore=kuai*
 três dobro 1PL=ser
 “Somos seis.”

- (41) a. *Apy oro-i*
 aqui 1PL.EXCL-estar
 "Estamos aqui."

- b. *Xe=r-o py a-iko*

1SG=REL-casa LOC 1SG-**estar**

"Estou na minha casa."

(mbya – Martins, 2003, p. 56-57)

2.4.3.

Estruturas de adjunção

Em guarani mbya, os advérbios “funcionam somente como adjuntos de sentenças e de constituintes verbais” (Martins, 2003, p.57). Os advérbios de tempo, lugar, direção, modo, intensidade modificam constituintes verbais (42a), enquanto os advérbios que “expressam atitude do falante com relação a seu enunciado” modificam sentenças inteiras (42b).

- (42) a. *o-o pojava*
3-ir **rápido**
“Foi **rápido/rapidamente**.”

- b. *Ka'aru ete ma*
tarde **verdadeiramente** já
“Já é **verdadeiramente** tarde.”

(mbya – Martins, 2003, p. 62)

Por outro lado, as posposições, que são como preposições mas sucedem o seu complemento, ocorrendo em posição à sua direita, constituem uma classe fechada de palavras funcionais. Em guarani mbya, as posposições são marcadas com os prefixos relacionais e também com pronomes pessoais clíticos (43a); apresentam, portanto, comportamento análogo ao dos nomes possuíveis e dos verbos inativos. Também cabe mencionar que as posposições podem ser combinadas com os prefixos {je-} (reflexivo) e {jo-} (recíproco) (43b).

- (43) a. *Ndee e-ju xe=r-eve*

2SG 2IMP-vir 1SG-REL-COM

"você vem comigo"

- b. *O-iko jo-upe*
3-estar RECIP-DAT

"Vivem um para o outro."

(mbya – Martins, 2003, p. 65)

2.4.4.

Elementos funcionais

2.4.4.1.

Modo

A expressão da categoria de modo em mbya distingue as orações independentes das dependentes, visto que estas ocorrem com a adição de morfemas ao radical verbal, enquanto aquelas normalmente prescindem de morfemas específicos na forma afirmativa, havendo apenas diferentes formas de negação (Martins, 2003, p. 119-120). Os modos indicativo (44a-b) e imperativo (45a-b) são expressos dessa forma pelas orações independentes em mbya, ao passo que o modo exortativo excepcionalmente apresenta um morfema específico (46a-b).

- (44) a. *Mboi o-i-karai jagua pe.*
cobra 3-3REL-picar cachorro DAT
"A cobra picou o cachorro."

- b. *Mboi nd-o-i-karai-ĩ jagua pe.*
cobra NEG-3-3REL-picar-NEG cachorro DAT
"A cobra não picou o cachorro."

(mbya – Martins, 2003, p. 120)

Como se pode ver, a forma afirmativa do modo indicativo, em mbya, é realizada sem a presença de qualquer morfema específico (44a); a forma negativa do modo indicativo é realizada com o morfema descontínuo *nd(a)–...–i*, sendo que o prefixo *nd(a)–* ocorre antes do primeiro morfema de pessoa e o sufixo *–i* ocorre após o radical verbal (Martins, 2003, p. 120).

O modo imperativo em mbya apresenta formas apenas para a segunda pessoa (singular e plural), sendo que a forma negativa do modo imperativo é construída por meio do sufixo *–eme*, conforme se vê nos exemplos em (45a-b).

- (45) a. *E-guapy.*
2.IMP-sentar
"Sente-se."
- b. *e-jae'o-eme*
2-chorar-NEG
"Não chore."

(mbya – Martins, 2003, p. 120-121)

Diferentemente dos outros modos expressos pelas orações independentes, o modo exortativo em mbya é codificado com o emprego do elemento *ta–* (apenas *t–* diante de vogal) proclítico ao radical verbal. Já a concordância pessoal se realiza da mesma forma que no modo indicativo (46a-b).

- (46) a. *T-a-∅-exa.*
EX=1SG-3REL-ver
"Que eu veja."
- b. *ta='i-kuai porã*
EX=3REL-viver bem
"Que vivam de acordo."

(mbya – Martins, 2003, p. 121)

Já as orações dependentes em mbya podem expressar os modos subjuntivo (47a-c), consecutivo (48a) e gerúndio (49a), codificados por meio de sufixos acrescentados ao radical verbal (Martins, 2003, p. 121). O modo subjuntivo é formado pelo acréscimo do sufixo *-ramo* (“quando”, “se”, “porque”) ao radical verbal, gerando orações adverbiais que expressam eventos temporais, condicionais, causais (47a-c). Quanto à codificação dos argumentos do verbo, no subjuntivo ela segue o mesmo padrão das orações independentes.

- (47) a. *A-porandu-ramo o-mbováí*
 LSG-perguntar-SUBJ 3-responder
 "Quando perguntei ele/ela respondeu"
- b. *Xee a-a xe=r-eve re-jeroky ta-ramo.*
 Eu LSG-ir LSG=REL-com 2SG-dançar FUT-SUBJ
 "Eu vou se você dançar comigo."
 (mbya – Martins, 2003, p. 138)
- c. *Yy iporã e'ỹ ramo xee nday'ui'rã*
 água 3-boa NEG SUBJ eu NEG-1SG-tomar-NEG-FUT
 "Já que esta água não é boa, não vou tomar."
 (mbya – Adaptado de Dooley, 2015, p. 88)

Por sua vez, o modo consecutivo emerge da combinação do sufixo *-rire* (“depois de”, “depois que”) com o radical verbal, formando orações adverbiais temporais (48). Assim como ocorre no subjuntivo, no modo consecutivo os argumentos dos verbos são marcados da mesma forma que nas orações independentes (Martins, 2003, p. 141).

- (48) *O-karu pa rire o-o.*
 3-comer tudo CONS 3-ir
"Depois que comeu tudo, foi."
 (mbya – Martins, 2003, p. 141)

Finalmente, as construções com gerúndio em guarani mbya parecem seguir uma tendência encontrada em outras línguas da família tupi-guarani, como o Kamaiurá:

“envolvem dois (ou mais) verbos que compartilham um mesmo argumento (...) e geralmente o segundo verbo expressa um evento que é entendido como simultâneo, ou desenvolvido em sequência, ou ainda como sendo resultado ou finalidade do evento/estado expresso pelo primeiro.”

(Seki, 2000, p. 313)

A autora afirma, ainda, que tal tipo de construção constitui “um forte candidato a serem interpretadas como verbos seriais” (Seki, 2000, p. 313). Martins (2003, p. 142) entende que o mbya apresenta construções com essas características, formadas por meio da adição do sufixo *-vy* (que também pode ocorrer sob outras formas) ao verbo da oração dependente ou verbo leve em questão (49a-b). Essas construções são negadas por meio do sufixo *-e'ỹ*, de negação de orações dependentes, mas têm seus argumentos codificados da forma que ocorre nas orações independentes. Essa questão é aprofundada nos capítulos 4 e 5.

- (49) a. *O-ma'e o-iko-vy*
 3-olhar- 3-estar-G/SER
 "Ficou olhando."
- b. *A-jopy e-r-eko-vy.*
 1SG-pegar ?-REL-ter-G/SER
 "Peguei para ficar."
- (mbya – Martins, 2003, p. 142-143)

2.4.4.2. Negação

A principal forma de negação em mbya, que ocorre em predicadores no modo indicativo, é construída por meio do emprego de um morfema descontínuo {nda-...-i} de negação, conforme ilustram os dados (50a-b).

- (50) a. *Kuee ma **nda'**oky vaipai*
 “Ontem **não** choveu muito.”
- b. *Ava'i **ndaeryi** teri*
 “O menino ainda não tem/ganhou nome.”
- (mbya – Dooley, 2015, p. 87)

Nessa estrutura, o prefixo {nda-} do morfema de negação ocorre necessariamente no início do principal componente verbal, embora o sufixo {-i} que compõe o mesmo morfema tenha posição variável. Esse sufixo pode ocorrer entre o final do item verbal e o final do conteúdo proposicional; de modo que a sua posição indica “o alcance semântico da negação”, conforme ilustra o contraste em (51a-b) (Dooley, 2015, p. 87).

- (51) a. ***Nda'**eve ranhei.*
 NEG-ser.possível por.enquanto-NEG
 “Não há mais possibilidade.”
- b. ***Nda'**evei ranhe.*
 NEG-ser.possível-NEG por.enquanto
 “Por enquanto não há possibilidade.”
- (mbya – Dooley, 2015, p. 87)

Além da negação realizada pelo morfema descontínuo {nda-...-i}, discutida acima, há outras formas de realização da negação em guarani mbya, como é o caso de *e'ỹ* e *eme*. A forma livre *e'ỹ* pode ser utilizada para realizar a negação de

sintagmas nominais (52a) ou de constituintes sintáticos como uma oração subordinada adverbial (52b).

- (52) a. *Peteĩ ára revegua e'ỹ ou*
um cego 3-vir
“Veio um cego.”
- b. *Oký vy e'ỹ yvytu.*
Chover SS **NEG** ventar
"Foi sem chover que ventou."
(mbya – Dooley, 2015, p. 87²⁶)

No caso das sentenças em modos verbais não-indicativos, nomeadamente o imperativo (53a) e o optativo (53b), a negação é realizada por meio da forma livre *eme*.

- (53) a. *Eipe'a eme okẽ.*
“Não abra a porta.”
- b. *Tou eme Raul*
"que Raul não chegue"
(mbya – Dooley, 2015, p. 88)

A negação ocorre também por meio da forma *any*, a qual é uma resposta negativa que “substitui o predador principal dentro da locução predadora de uma sentença indicativa” (Dooley, 2015, p. 88). Conforme o autor, as formas abaixo (54a-b) são respostas possíveis para uma pergunta como “Você vai à cidade?”, revelando que a negação em mbya tem uma forma especial quando ocorre com a elisão do predicado.

²⁶ “Oký vy e'ỹ yvytu.”, no original, em mbya. Glossa e tradução do autor.

- (54) a. *Xee any*
 “Eu não.”
- b. *Xee any reguai*
 "Eu não posso."

(mbya – Dooley, 2015, p. 88)

Além disso, guarani mbya também permite formar pronomes (55a) e termos adverbiais (55b) negativos por meio do acréscimo do sufixo negativo *-ve*. Cabe ressaltar que, ao contrário do que ocorre no português, em mbya não há restrição quanto à ocorrência de mais de um elemento negativo em uma sentença.

- (55) a. *Ore rokyje teĩ mba'eve ndoikoi.*
 1PL.EXCL.-sentir.medo alguma.coisa-NEG NEG-3-
 acontecer-NEG.
 “Estávamos com medo mas **nada** (lit. coisa nenhuma)
 aconteceu.”
- b. *Peteĩgueve ndorokyjei.*
 Um-PASS-NEG NEG-1PL.EXCL.-sentir.medo-
 NEG
 "Não ficamos com medo **nenhuma vez**."

(mbya – Adaptado de Dooley, 2015, p. 89)

2.5.

Estrutura da sentença

Por marcarem na flexão verbal o sujeito e o objeto direto dos verbos, as línguas guarani apresentam significativa liberdade na ordem das suas sentenças. Nesse sentido, deve-se ressaltar que o discurso espontâneo em mbya tende a não apresentar todos os argumentos de forma explícita (i.e. como palavra isolada), já

que o padrão da língua é manter os argumentos verbais ocultos, informados apenas pelo contexto discursivo ou por morfemas flexionais (56a-b).

- (56) a. *Mboi a-Ø-exa t-a-pe py.*
 cobra LSG-3REL-ver REL-caminho LOC
 “Vi a cobra no caminho.”
- b. *a-pyrõ raí-'i.*
 1SG-pisar quase-DIM
 "quase pisei nela (na cobra)"
- (mbya –Martins, 2003, p. 50)

Nesse sentido, afirma Dooley (2015, p. 14), guarani mbya apresenta outras características tipológicas que são comuns nas línguas *pro-drop*, como a ocorrência de orações sem sujeito (“Choveu ontem”, em português, por exemplo) e a possibilidade de inverter o termo que designa o sujeito para depois do verbo.

O mesmo fenômeno pode ser observado em guarani paraguaio, língua estruturalmente muito próxima ao mbya em função de ambas serem, na visão de pesquisadores como Ivo (2018, p. 27), parcialidades²⁷ de uma língua guarani. Estigarribia (2020), em sua gramática do guarani paraguaio, também assinala o fato de que a sentença mais simples do guarani consiste em um predador isolado, sem qualquer sintagma nominal associado (57a-b). Segundo o autor, em consonância com a análise de Dooley sobre o guarani mbya, isso se deve ao fato de a língua permitir tanto *subject drop* quanto *object drop* (58).

- (57) a. *Cherecháma.*
 1SG.INACT-POSSM-see-already
 1SG.INACT-POSS-ver-já

²⁷ À luz do trabalho de Ivo (2018, p. 27), o termo “parcialidade” foi escolhido para esta etapa do trabalho aludindo ao termo guarani –*guará*, apresentado em Montoya (1639, p. 8) como “bando, religião, parcialidade”: *Abareheguara pende?* (“De que bando, religião, parcialidade és?”).

“They/You saw me already.” / “I have already been seen.”

“Eles/você já me viram/viu.” / “Eu já fui visto.”

b. *Ahecháma.*

1SG.INACT-POSSM3-see-already

1SG.INACT-POSS3-ver-já

“I saw (him/her/it) already.”

“Eu já o/a vi.”

(guarani paraguaio – Estigarribia, 2020, p. 230)

(58) *Oipeju.*

3-3REL-soprar

“Ele/a sopra (algo).”

(mbya – Martins, 2003, p. 153)

Estritamente sobre a ordem dos elementos na sentença, Dooley (2015, p. 14) afirma que a ordem mais neutra das sentenças independentes em mbya é SVO, ou “Sujeito – Predicador – Objeto direto – Adjunto”. Por outro lado, segundo o mesmo autor, nas sentenças dependentes a ordem não-marcada é outra, SOV, ou “Sujeito – Objeto direto – Predicador – Adjunto” (Dooley, 2015). Efetivamente, considerando a família tupi-guarani de forma geral, essa última parece a ordem básica predominante (Jensen, 1988), assim como parece ter sido a ordem mais neutra inclusive do guarani mbya, ao menos em uma etapa anterior de seu desenvolvimento histórico (Dooley, 2015, p. 14).

Ainda sobre a ordem dos constituintes, cabe mencionar que a flexão em mbya apresenta dois padrões opostos: a flexão de pessoa e número ocorre como prefixo nos radicais verbais, nominais e posposicionais (Dooley, 2015), enquanto a flexão de tempo e a marcação de pluralidade sucedem o nome nuclear da construção.

Martins (2003, p. 153) enfatiza que a presença de constituintes nominais em posição argumental é facultativa, dado que os argumentos são obrigatoriamente

codificados junto à forma verbal. Conforme a autora, as ordens SVO e SOV são preferenciais, mas outras formas também são possíveis (59a-f). Nas situações em que pode ocorrer ambiguidade, há alguns recursos que podem ser empregados, como o acréscimo de posposição, que torna o argumento oblíquo, ou o uso de mecanismos discursivos (Martins, 2003, p.157).

- (59) a. *Xee a-∅-jogua jety.*
 Eu 1SG-3REL-comprar batata
 “Eu compro batata.”
- b. *Xee jety a-∅-jogua.*
 c. *Jety a-∅-jogua xee.*
 d. *Jety xee a-∅-jogua.*
 e. *A-∅-jogua jety xee.*
 f. *A-∅-jogua xee jety.*

(mbya – Martins, 2003, p. 154)

Afinal, de acordo com Martins (2003, p.158), o mbya apresenta ordem livre, já que mesmo o uso da ordem preferencial (SVO) não impede a ocorrência de ambiguidade estrutural (60).

- (60) *O-i-xu'u xivi'i.*
 3-3REL-morder gato
 “O gato mordeu (algo/alguém). / (Algo/alguém)
 mordeu o cachorro.”

(mbya – Martins, 2003, p. 158)

A autora aponta, ainda, que o cotejamento de dados históricos do guarani do século XVII (Montoya, 1639) com dados do mbya contemporâneo (sobretudo aquele falado por jovens escolarizados e bilíngues, falantes de português brasileiro) parece revelar um processo de mudança de ordem preferencial de constituinte (Martins, 2003). Nesse caso, a ordem arcaica OV estaria sendo substituída por uma

ordem VO, havendo maior variação e liberdade de ordens enquanto esse processo ainda se desenvolve (Martins, 2003, p. 162).

2.5.1. Estruturas coordenadas

Segundo Dooley (2015), em guarani mbya, sintagmas do mesmo tipo podem ocorrer de forma coordenada por meio de justaposição dos sintagmas ou mediante o uso da conjunção *ha'e*. Estigarribia, analisando o guarani paraguaio, também identifica a possibilidade de coordenação de estruturas por meio de justaposição (sobretudo com verbos de movimento, como em (61a)), do uso das formas *ha* (apontada como a mais predominante, apresentada em (61b)) e *ha'e* ou ainda da forma *terã* (sinalizada como conjunção disjuntiva, conforme (61c)).

- (61) a. *Ehóna eñeno mba'e.*
 IMP-go-REQ IMP-lie.down thing
 IMP-ir-REQ IMP-deitar coisa
 “Please go (and) lie down to sleep or something.”
 “Por favor vá (e) deite para dormir ou alguma coisa.”
- b. *Ojapova'erã peteĩ purahéi ha ndouetevoi iñakâme mba'eve iporãmíva.*
 3.ACT-make-must one song and NEG-3.ACT-come-NEG-very=EMPH 3.INACT-head=in nothing 3.INACT-beautiful-DIM-ADJZ
 3.ACT-fazer-dever uma canção e NEG-3.ACT-vir-NEG-muito=EMPH 3.INACT-cabeça=em nada 3.INACT-belo-DIM-ADJZ
 “He had to make a song and nothing beautiful came into his head.”
 “Ele teve de fazer uma canção e nada belo veio à sua cabeça.”

- c. *Luisa tẽra Josẽ ohóta ñemuhame.*

Luisa or Jose 3.ACT-go-Fut trade-NMLZ.LOC=in

Luisa ou Jose 3.ACT-ir-Fut trocar-NMLZ.LOC=em

“Luisa or Josẽ will go to the store.”

“Luisa ou Josẽ v~ao ~a loja.”

(guarani paraguaio – Estigarribia, 2020, p. 259-260)

Ainda segundo Dooley, do ponto de vista entonacional, a coordena~ao de dois itens recebe apenas um contorno pros~odico quando ~e feita com uso da conjun~ao, mas as outras possibilidades de coordena~ao (dois itens justapostos ou mais do que dois itens coordenados, independentemente da presen~a de conjun~ao) tendem a receber um contorno a cada item coordenado (Dooley, 2015, p. 91). Quanto ~as conjun~oes coordenativas, al~em de *ha'e*, cabe mencionar tamb~em as formas *ha'e gui* (“e tamb~em”), *ha'e r~a* (“mas”), *mba'eta* (“porque”), *ter~a* (“ou”) e *guive* (“tamb~em” – normalmente posposto ~a senten~a coordenada) (Dooley, 2015, p. 91, 116).

Como se v~e a seguir, em mbya a coordena~ao pode ocorrer tanto entre predicados independentes (62a) quanto entre ora~oes subordinadas (62b).

- (62) a. *Ore kuery roma'etỹ, roka'api, romba'eapo mba'emo'i roguereko aguã.*

“N~os plantamos, capinamos, trabalhamos para que tenhamos alguma coisinha.”

- b. *Ava ooxe ka'aguy re okaxa vy guaxu ojuka aguã, oke aguã guive.*

“O homem queria ir ~a mata ca~ar, para matar veado, para dormir tamb~em.”

(mbya – Dooley, 2015, p. 131)

2.5.2. Estruturas subordinadas

Segundo Dooley (2015), as orações subordinadas em guarani mbya tendem a ocorrer antes das matrizes (63), com exceções motivadas por questões de semântica ou de estrutura informacional.

- (63) *Xero katy aa jave aexa mboi tape py.*
 “Quando estava indo para casa vi uma cobra no caminho.”
 (mbya – Dooley, 2015, p. 15)

Estigarribia (2020), a partir da análise do guarani paraguaio, afirma que as orações subordinadas em guarani são marcadas com o acréscimo de um sufixo ou de uma partícula junto ao predador da própria oração subordinada. Conforme o autor, orações relativas e de complemento (respectivamente, adjetivas e substantivas) em guarani podem ser entendidas como sentenças nominalizadas via sufixação. No caso das orações relativas, as formas utilizadas nesse processo são o sufixo *-va* (64a) ou a partícula *-va’e* (64b), forma histórica do sufixo, as quais transformam palavras de outras classes em adjetivos e, no nível da sentença, formam orações relativas.

- (64) a. *Pe kuimba’e iporãva che ména.*
 Med.SG man 3.INACT-beautiful-ADJZ
 1SG.INACT-husband
 Med.SG homem 3.INACT-bonito-ADJZ
 1SG.INACT-marido
 “That beautiful man is my husband.” (Literally, “That man who is beautiful is my husband.”)
 “Aquele homem bonito é meu marido” (Literalmente, “Aquele homem que é bonito é meu marido.”)

(guarani paraguaio – Estigarribia, 2020, p. 264)

b. *yy iporã e'ỹ va'e.*

“água que não é boa”

(mbya – Dooley, 2015, p. 88)

Já no caso das orações de complemento o sufixo utilizado é *–ha*, um nominalizador produtivo em contextos variados, que marca o predicador da oração subordinada (Estigarribia, 2020). Conforme o autor, assim como *–va* transforma não-adjetivos em adjetivos e forma orações adjetivas, o sufixo *–ha* transforma não-nomes em nomes e forma orações de complemento (65a). Dooley (2015, p. 114)) corrobora essa visão para o guarani mbya, afirmando que “os complementizadores são todos nominalizadores que nominalizam a oração e designam a ação verbal ou suas circunstâncias”. Em mbya, segundo Dooley (2015), o sufixo *–ha* do guarani paraguaio assume a forma *–a* (65b).

(65) a. *Aikuaa cherayhuha.*

1SG.ACT-know 1SG.INACT-POSSM-love-NMLZ

1SG.ACT-saber 1SG.INACT-POSSM-amar-NMLZ

“I know that you/s/he/they love(s) me.”

“Eu sei que você/ele/a(s) me ama(m).”

(guarani paraguaio – Estigarribia, 2020, p. 268)

b. *Xeayvu xera'y oua re.*

“Eu falei que meu filho vem.”

(mbya – Dooley, 2015, p. 115)

Ainda assim, em certos contextos pode haver subordinação de uma oração de complemento apenas por justaposição, sem marcação explícita. No guarani

paraguaio, segundo o autor, isso pode gerar construções com verbos seriados quando há verbos de movimento envolvidos (66) (Estigarribia, 2020, p. 269).

- (66) *Panambi oñeha'ã oñemomombyry.*
 butterfly 3.ACT-AGD-POSSM3-attempt 3.ACT-AGD-Make1-far
 borboleta 3.ACT-AGD-POSSM3-tentar 3.ACT-AGD-Make1-longe
 “The butterfly tried to move away.”
 “A borboleta tentou ir para longe.”
 (guarani paraguaio – Estigarribia, 2020, p. 269)

Finalmente, as orações subordinadas adverbiais em guarani podem contribuir para uma sentença complexa com informações de finalidade, concessão, causa, condição, modo, tempo ou local (Estigarribia, 2020). As orações de finalidade em guarani paraguaio são formadas pela adição do complementizador *haguã* (“para”) após o verbo da oração subordinada (67a) ou da forma –*vo* (literalmente, “enquanto”), possível quando o verbo principal indica movimento (67b). Em guarani mbya, segundo Dooley (2015), registra-se a forma –*aguã* (67c).

- (67) a. ...*oguerekova'erã mayma garantía oikotevêva oñedefende haguã*
 3.ACT-have-must every guarantee 3.ACT-need-ADJZ 3.ACT-AGD-defend=for
 3.ACT-ter-precisar toda garantia 3.Act-precisar-ADJZ 3.ACT-AGD-defender=para
 “...they shall have every guarantee necessary (in order) to defend themselves.”
 “...eles devem ter todas as garantias necessárias (para) se defenderem.”

- b. *ovevejoa hembí'u rekáyo.*
 3.ACT-fly-all POSSM3-NMLZ.REL-ingest
 POSSM-seek-while
 3.ACT-voar-todos POSSM3-NMLZ.REL-ingerir
 POSSM-procurar-enquanto

“they all flew together to look for their food”
 (Literally, “they all flew together while searching for their food.”)

“eles todos voaram juntos para procurar sua comida.”
 (Literalmente, “eles todos voaram juntos enquanto procuravam sua comida.”)

(guarani paraguaio – Estigarribia, 2020, p. 271-272)

- c. *Xeayvu xera'y ou aguã re.*
 “Eu falei para meu filho vir.”
 (mbya – Dooley, 2015, p. 115)

Já orações adverbiais concessivas são formadas principalmente pela locução (*ramo*) *jepe* (68a) (Estigarribia, 2020). Dooley (2015) também identifica no guarani mbya o uso de *jepe* para a formação de oração subordinada adverbial concessiva (68b).

- (68) a. *Ñandereta ramo jepe, peteĩnte Cristondive.*
 1PL.INCL.INACT-POSSM-numerous if though one-
 only Christ=with
 1PL.INCL.INACT-POSSM-vários se embora um-só
 Cristo=com
 “Even though we are many, we are one with Christ.”
 “Embora nós sejamos muitos, somos um só com
 Cristo.”

(guarani paraguaio – Estigarribia, 2020, p. 273)

b. *Orereve peẽ kuery ndapeoi vy jepe, pendexarai eme ke orere.*

“Ainda que vocês não vão conosco, não se esqueçam de nós.”

(mbya – Dooley, 2015, p. 121)

Em guarani, as orações subordinadas adverbiais causais podem ser geradas pela combinação de posposições como =gui, =rehe e =rupi com um predicador (69a-b).

(69) a. *Oĩgui Ysyry guasu Paraguái rembe'ýre avakuéra opirakutu opaichagua pira oĩva ko ysyrype.*

there.is=from river big Paraguay POSSM-edge=at
person=PL 3.ACT-fish+pierce all-as=from fish there.is-ADJZ
PROX.SG river=in

existir=de rio grande Paraguai POSSM-margem=em
pessoa=PL 3.ACT-pescar+fisgar todos-como=de peixe existir-
ADJZ PROX.SG rio=em

“Because it is on the banks of the Paraguay River, people fish all sorts of fish that are in that river.’ (Literally, “From being on the banks...”)

“Porque estão nas margens do Rio Paraguai, as pessoas pescam todo tipo de peixe que existe nesse rio.”
(Literalmente, “Por estar nas margens...”)

(guarani paraguaio – Estigarribia, 2020, p. 274)

b. *Ava onha pojava ovy, mba'e ta okyje xivi gui.*

“O homem correu embora depressa, pois estava com medo da onça.”

(mbya – Dooley, 2015, p. 116)

Por sua vez, as orações subordinadas adverbiais condicionais são formadas pelas posposições átonas =*rõ* e =*ramo* (70a), as quais ocorrem em variação livre. Quando tônicas, essas posposições formam orações subordinadas adverbiais temporais com eventos simultâneos (70b). Estigarribia (2020) oferece exemplos como os seguintes para essas construções no guarani paraguaio; Dooley (2015) aponta o mesmo uso de =*ramo* como conjunção subordinativa temporal no guarani mbya (70c).

- (70) a. *Cherendúramo ejúke!*
 1SG.INACT-POSSM-listen=if IMP-come-FORCE
 1SG.INACT-POSSM-ouvir=se IMP-vir-FORCE
 “If you heard me, come.”
 “Se você me ouviu, venha.”
 (guarani paraguaio – Estigarribia, 2020, p. 275)
- b. *Aháramo agueraháta ndeao.*
 1SG.ACT-go=when 1SG.ACT-carry-FUT
 2SG.INACT-clothes
 1SG.ACT-ir=quando 1SG.ACT-carregar-FUT
 2SG.INACT-roupas
 “When I go, I will bring your clothes.”
 “Quando eu for, levarei suas roupas.”
 (guarani paraguaio – Estigarribia, 2020, p. 277)
- c. *Mboi orombopoxy ta ma ramo mae ma mboka py ajuka.*
 “Foi somente quando estávamos para embravecer a cobra que matei-a com a espingarda”
 (mbya – Dooley, 2015, p. 121)

Em guarani paraguaio, as orações subordinadas adverbiais de modo são marcadas com o sufixo nominalizador –*ha*, que forma as orações de complemento, combinado com *icha* (“como”). A sentença abaixo (71a) exemplifica uma

construção desse tipo. De maneira análoga, orações subordinadas adverbiais de lugar são marcadas com o mesmo sufixo *-ha* e mais uma posposição de lugar (71b). Em guarani mbya, a expressão de local ocorre de outra forma (71c).

- (71) a. *Ejapo katu reipotaháicha.*
 IMP-make just 2SG.ACT-want-NMLZ-as
 IMP-fazer somente 2SG.ACT-querer-NMLZ-como
 “Do (it) as you want.” / “Do whatever you want.”
 “Faça (aquilo) como você quiser.” / “Faça aquilo que quiser.”

(guarani paraguaio – Estigarribia, 2020, p. 276)

- b. *Kuña guápa oĩhápe, mba'ekue jepe overajey.*
 woman industrious there.is-NMLZ=in thing-POST
 though 3.ACT-shine-again
 mulher trabalhadora existir-NMLZ=em coisa-POST
 embora 3.ACT-brilhar-novamente
 “Onde há uma mulher trabalhadora, até as coisas velhas brilham novamente.”
 “Where there is an industrious woman, even old things shine again.”

(guarani paraguaio – Estigarribia, 2020, p. 278)

- c. *ndee re-ju xee a-ju-a gui.*
 você 2SG-vir eu 1SG-vir-NOM LOC
 “Você vem de onde eu vim.”

(mbya – Martins, 2003, p. 137)

2.5.3. Estrutura das construções interrogativas

Finalmente, é preciso considerar as formas como o guarani mbya codifica as construções interrogativas. Para Martins (2003, p. 143), há na língua duas

estratégias básicas para esse fim, o uso de palavras interrogativas (72a) e o uso de partículas (72b), sendo que ambas as estratégias podem co-ocorrer (72c).

- (72) a. *Maua'e re-∅-exa?*
 quem 2SG-3REL-ver
 “Quem você viu?”
- b. *Re-∅-exa pa Timóteo pe?*
 2SG-3REL-ver Q Timóteo POS
 "Você viu Timóteo?"
- c. *Maua'e pa re-∅-exa?*
 quem Q 2SG-3REL-ver
 "Quem você viu?"

(mbya –Martins, 2003, p. 143)

Embora sejam possíveis as formas com e sem a combinação de palavras interrogativas e partículas de questão, segundo Martins (2003, p. 144-145), parece haver uma preferência por perguntas com a combinação das duas estratégias (73a) em detrimento de perguntas feitas apenas com uma palavra interrogativa (73b).

- (73) a. *Mba'e pa oque-r-eko o-voxa py*
 o que Q 3-3REL-ter 3REFL-bolsa LOC
 “O que ele tem na sua própria bolsa?”
- b. *Mba'e oque-r-eko o-voxa py*
 o que Q 3-3REL-ter 3REFL-bolsa LOC
 "O que ele tem na sua própria bolsa?"

(mbya –Martins, 2003, p. 145)

Em relação aos constituintes de uma sentença, é importante destacar que, à exceção do verbo, qualquer um dos elementos pode ser interrogado, sendo substituído por uma palavra interrogativa (Martins, 2003). As sentenças abaixo (74–78a-b) exemplificam respectivamente essa ocorrência com sujeito e objeto, argumento oblíquo, itens locativos e temporais, expressões de modo e constituintes de quantidade e de causa.

- (74) a. *Maua'e o-Ø-juka mboi?* (Sujeito)
 quem 3-3REL-matar cobra
 “Quem matou a cobra?”
- b. *Mba'e pa Timóteo o-Ø-juka?* (Objeto)
 o que Q Timóteo 3-3REL-matar
 "O que Timóteo matou? "
 (mbya –Martins, 2003, p. 145)
- (75) a. *Maua'e pe João o-Ø-me'e mbo'y?* (Oblíquo)
 quem DAT João 3-3REL-dar colar
 “A quem João deu o colar?”
 (mbya –Martins, 2003, p. 146)
- (76) a. *Mamo pa o-o?* (Locativo)
 onde Q 3-ir
 “Onde ele/a vai?”
- b. *Araka'e nho-mbo'e-a o-va'e ta?* (Temporal)
 quando TRANS-ensinar-NOM 3-chegar FUT
 "Quando o professor vai chegar?"
 (mbya –Martins, 2003, p. 146)
- (77) a. *Mba'e xa pa pe-nho-tỹ mandioka?* (Modo)
 como Q 2PL-TRANS-plantar mandioca
 “Como vocês plantam mandioca?”

(mbya –Martins, 2003, p. 146)

- (78) a. *Mbovy pa re-i-pota?* (Quantidade)
 quantos Q 2SG-3REL-querer
 “Quantos você quer?”
- b. *Mba'ere João o-'u banana?* (Causa)
 por que João 3-comer banana
 "Por que João come banana?"

(mbya –Martins, 2003, p. 147)

Outro aspecto interessante das estruturas interrogativas em guarani mbya é a ordem dos constituintes, a qual é aparentemente livre (Martins, 2003, p. 147). Observar essa característica pode ser um fator importante para a compreensão do guarani mbya e para a distinção das línguas guarani em relação às línguas tupi, as quais majoritariamente apresentam as palavras interrogativas em posição inicial obrigatória (Seki & Brandon, 1984). Em mbya, a ordem preferencial é a ocorrência da palavra interrogativa no início da sentença (79a), mas ela também pode ocorrer no final (79b) e até no interior da sentença (79c).

- (79) a. *Maua'e o-Ø-jogua jety?*
 quem 3-3REL-comprar batata
 “Quem comprou batata?”
- b. *Jety o-Ø-jogua maua'e?*
- c. *Jety maua'e o-Ø-jogua?*

(mbya –Martins, 2003, p. 147)

Em casos de subordinação, assim como em orações principais, qualquer constituinte exceto o verbo pode ser interrogado, sendo substituído por palavra interrogativa. No entanto, quando se questiona um dos argumentos de uma oração

dependente, “a palavra interrogada ocorre na posição inicial da oração dependente” (Martins, 2003, p. 152) (80a-b).

- (80) a. *Maria o-Ø-juka mboipe [o-piá pe o-i-xu'u-va'e-kue]*
 Maria 3-3REL-matar cobra POSP [REL-menino
 POSP 3-3REL-morder-REL-PASNOM]
 “Maria matou a cobra que mordeu seu filho.”
- b. *Maria o-Ø-juka mboi pe [mava'e o-i-xu'u-va'e-kue]*
 Maria 3-3REL-matar cobra POSP [quem 3-3REL-
 morder-REL-PASNOM]
 “Maria matou a cobra que mordeu quem?”
 (mbya –Martins, 2003, p. 147)

Também é possível questionar orações dependentes por meio da partícula *pa*, usada em perguntas de sim ou não. Nesse caso, a partícula *pa* segue o sintagma questionado, o qual “ocorre necessariamente em posição inicial na oração dependente” (Martins, 2003, p. 153) (81a-c).

- (81) a. *Maria o-porandu Pedro pe [komandapa o-'u ha'e]*
 Maria 3-perguntou Pedro POSP feijão Q 3-comer ele
 “Maria perguntou a Pedro se foi feijão que ele
 comeu.”
- b. *Maria o-porandu Pedro pe [o-'u pa ha'e komanda]*
 Maria 3-perguntou Pedro POSP [3-comer Q ele
 feijão]
 “Maria perguntou a Pedro se ele comeu feijão.”
- c. **Maria o-porandu Pedro pe [o-'u ha'e komanda pa]*
 (mbya –Martins, 2003, p. 153)

3. Construções verbais seriadas: critérios de classificação

3.1. O que é uma Construção Verbal Seriada?

Estruturas multiverbais, com sequenciamento de dois ou mais verbos, são frequentes e muito distribuídas geograficamente. No entanto, como já discutido na introdução, nem todas as sequências multiverbais podem ser consideradas sequências seriadas (Construções Verbais Seriadas – CVSs). Na linguística formal, apenas sequências com as sete propriedades listadas abaixo são classificadas como CVSs.

(1)

- a. Ausência de elemento coordenador, subordinador ou de ligação;
- b. Sequência verbal: dois ou mais verbos, contíguos ou não;
- c. Status verbal: todos os verbos sequenciados são independentes na língua;
- d. Semântica monossentencial, denotando um evento complexo único, com cada verbo denotando composicionalmente um subevento;
- e. Compartilhamento de informações funcionais;
- f. Compartilhamento de argumentos externos;
- g. Entonação de monossentença.

Sentenças como (2a-b), respectivamente da língua dagaare (família nigero-congolesa, Gana) e da língua ewe (família nigero-congolesa, Gana), são analisadas como CVSs por apresentarem todas as propriedades listadas em (1).

- (2) a. *N da wa di la kapala.*
 1SG PST come eat F fufu
 1SG PASS vir comer F fufu

“I came and ate fufu.”

“Eu vim e comi fufu.”

(dagaare – Hiraiwa & Bodomo, 2008 p. 807)

b. *Áma â-da nú du*

Áma POT-cook thing eat

Áma POT-cozinhar coisa comer

“Áma will cook and eat.”

“Áma vai cozinhar e comer.”

(ewe – Ameka, 2006, p. 138)

O guarani mbya, conforme apresentado na introdução, apresenta sentenças multiverbais como (3).

(3) *Kuaxia aexa ainy.*

paper 1SG-see 1SG-be.located-V2

papel 1SG-ver 1SG-estar.localizado-V2

“I’m reading seated.”

“Estou lendo sentado (onde estou).”

(mbya – Dooley, 1991, p. 32)

Neste capítulo, os critérios de classificação listados em (1) são detalhados com base em dados de diversas línguas. No capítulo 4, esses critérios são retomados para verificar se as estruturas multiverbais do mbya são CVSSs.

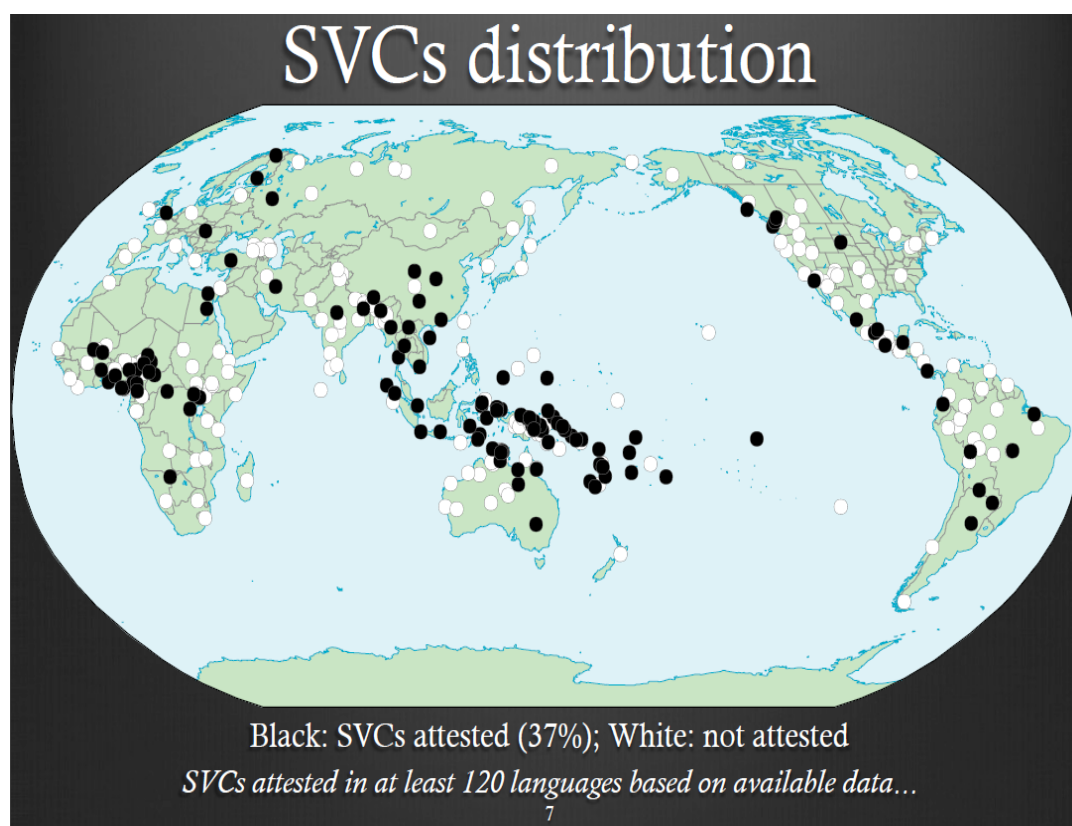
3.2.

Tipologia e caracterização das CVSSs

Embora não sejam facilmente encontradas em línguas europeias, as CVSSs são construções comuns. Ross e Lovestrand (2018) analisaram uma amostra de 325 línguas do *World Atlas of Language Structures* e concluíram que 120 delas

licenciam estruturas seriadas. O mapa abaixo apresenta a distribuição geográfica do fenômeno.

Figura 6: Mapa da distribuição de línguas com e sem presença de CVSs



Fonte: Ross & Lovstrand (2018).

Por casualidade, as línguas africanas foram as primeiras a serem analisadas em relação ao fenômeno da seriação. O primeiro estudo a apontar ocorrência de cadeias verbais seriadas foi Christaller (1875), sobre a língua twi (família nigero-congolesa, Gana). Tempo depois, registrou-se investigação semelhante sobre a língua ewe (Westermann, 1930).

Nesse estudo sobre a língua ewe, o autor identifica precisamente a ausência de conector entre os verbos seriados, a identidade necessária das informações de tempo e modo em todos os verbos da cadeia e, nos casos de compartilhamento de argumentos, a presença junto ao primeiro verbo da cadeia (Sebba, 1987). No entanto, a explicação oferecida por Westermann para esse fenômeno é extralinguística e etnocêntrica: “O povo ewe descreve cada detalhe de uma ação ou

acontecimento do início ao fim, e cada detalhe tem de ser expresso por um verbo específico: eles dissecam cada acontecimento e o apresentam em suas diversas partes” (Westermann, 1930 *apud* Sebba, 1987, p. 7)²⁸.

Já a partir da década de 1960, estudos formais sobre as CVSs começaram a ser desenvolvidos, particularmente o trabalho seminal de Stewart (1963), com base em dados da língua *twi*. Stewart trata as construções verbais seriadas como duas sentenças independentes combinadas transformacionalmente em uma só, sem presença explícita de elemento coordenador ou subordinador. No entanto, essa análise foi questionada por Ansre (1966), já que nem todos os itens tratados como verbos por Stewart ocorrem como verbos independentes na língua *twi*. Ansre faz questionamentos com base na premissa de Stewart de que cada um dos verbos sequenciados projeta uma sentença completa. Estudos posteriores construíram conhecimento teórico e empírico mais sólido sobre o tema, como veremos nas próximas seções e no próximo capítulo.

Em resumo, nas últimas décadas as pesquisas sobre seriação verbal avançaram tanto em termos de cobertura empírica, quanto em termos teóricos. Assim, foi possível propor uma delimitação mais clara do objeto em tela, graças à contribuição de estudos em diversas línguas, como os seguintes: sobre línguas orais asiáticas e oceânicas, Li e Thompson (1973), Lu (1977), See Gebauer (1980), Pawley & Lane (2008), Meakins (2010), Jensen (2014), Cleary-Kemp (2015); sobre línguas orais ameríndias, Sebba (1987), Dooley (1991), Aikhenvald (2012, 2022), Vieira & Baranger (2021); sobre línguas de sinais americanas e europeias, Benedicto et al. (2008), Couvee & Pfau (2018); Souza (2023) bem como outras investigações sobre línguas africanas, além das pioneiras (Baker, 1989; Baker & Stewart, 2002; Ameka, 2006; Aboh, 2008, 2015, 2018).

Como resultado desses esforços, podem-se utilizar, de forma consistente, os critérios apresentados em (1), repetidos em (4), abaixo, para classificação e análise de estruturas multiverbais como CVSs (Baker, 1989; Muysken & Veenstra, 1994; Baker & Stewart, 2002; Aikhenvald, 2006, 2018; Pawley & Lane, 2008; Larson,

²⁸ “Ewe people describe every detail of an action or happening from beginning to end, and each detail has to be expressed by a special verb: they dissect every hapenning and present it in its several parts.”, no original. Tradução do autor.

2011; Cleary-Kemp, 2015; Haspelmath, 2016; Veenstra & Muysken, 2017; Souza, 2023; Rodrigues, 2024).

(4)

- a. Ausência de elemento coordenador, subordinador ou de ligação;
- b. Sequência verbal: dois ou mais verbos, contíguos ou não;
- c. Status verbal: todos os verbos sequenciados são independentes na língua;
- d. Semântica monossentencial, denotando um evento complexo único, com cada verbo denotando composicionalmente um subevento;
- e. Compartilhamento de informações funcionais;
- f. Compartilhamento de argumentos externos;
- g. Entonação de monossentença.

Como já discutido, outros tipos de construções com dois ou mais verbos em série – a saber, expressões idiomáticas, sentenças em que um dos verbos atua como parte do argumento de outro verbo, estruturas em que os verbos não podem receber marcas de flexão, construções com verbos que não apresentam ocorrência independente na língua – não são consideradas CVSs, por não estarem de acordo com os critérios estabelecidos acima.

O exemplo (5), da língua tariana (família aruak, Amazônia), consiste em uma construção com dois verbos que não se encaixa nos critérios de CVSs por estar lexicalizada. Segundo Aikhenvald (2006, p. 193), “Essas [construções] são concebidas como lexemas unitários pelos falantes nativos.”²⁹. Em outras palavras, o que se vê no exemplo é que o léxico tariana registra um item lexical composto, cujo significado está fixado lexicalmente, e não mais depende da composição dos seus elementos – o que ocorre na derivação sintática das sentenças, inclusive as CVSs.

(5) *Du-wheta du-mat/fiketa.*

²⁹ “These are conceived of as unitary lexemes by native speakers”, no original. Tradução do autor.

3SGF-sit+CAUS 3SGF-be.bad+CAUS

3SGF-sentar+CAUS 3SGF-ser.mau+CAUS

“She ferments manioc beer.”³⁰

“Ela fermenta a cerveja de mandioca.”

(tariana – Aikhenvald, 2006, p. 193)

O exemplo (6), do inglês, consiste em uma construção com dois verbos que não se encaixa nos critérios de CVSs porque nesse caso um dos verbos atua como parte do argumento de outro verbo (Muysken *et al.*, 1978; Haspelmath, 2016). Uma construção desse tipo, em que o V1 toma como complemento uma estrutura infinitiva, viola os critérios *d.* e *e.* apresentados acima. Segundo o critério *d.*, a interpretação da sentença deve ser necessariamente de evento único, ao passo que (6) apresenta dois eventos: o agente “He” (“Ele”) fez alguma coisa, sendo este o evento expresso pelo verbo pleno da sentença, marcada como *realis* e com aspecto perfectivo; e o argumento selecionado pelo verbo pleno é “her cry” (“ela chorar”), que expressa um evento distinto do primeiro. Também é preciso notar que esse complemento infinitivo não carrega e nem poderia carregar as marcas de tempo, aspecto e modo, necessárias segundo o critério *f.*

- (6) *He made her cry*
 “Ele fez ela chorar.”

(inglês – Haspelmath, 2016, p. 305)

Nesse sentido, o exemplo (6) ilustra, ainda, que estruturas nas quais os verbos – ao menos um deles – não podem receber marcas de flexão devem ser excluídas da definição de CVS. Em (6), acima, como em (7), a seguir, um dos verbos é incapaz de receber qualquer marca de flexão. Além disso, em (7), encontra-

³⁰ Segundo Aikhenvald (2006, p. 193), esse é um trabalho tipicamente feminino, o que justifica a presença da marca de gênero na expressão idiomática.

se um verbo que atua apenas como indicador de modalidade, não apresentando ocorrência independente na língua inglesa.

(7) *John would have to run*

“John teria que correr”

(inglês – Muysken *et al.*, 1978, p. 126)

A escolha por uma delimitação formal e restrita do objeto de estudo tem, é claro, impacto sobre o conhecimento que se pode produzir. Pesquisas verdadeiramente ambiciosas podem tecer comparações entre CVSs e outros tipo de sequência verbal, tentando produzir generalizações subjacentes a qualquer ocorrência de verbos consecutivos. Uma pesquisa mais modesta, no entanto, como esta, guia-se pela prioridade de limitar o fenômeno, criando bases sólidas de comparação com o que já está definido e analisado na literatura. Portanto, neste trabalho, excluíram-se quaisquer estruturas que não se encaixassem nos critérios definidos acima para CVSs. Com isso, mesmo que de forma muito singela, espera-se contribuir para a compreensão do fenômeno gramatical de seriação como um fenômeno distinto, passível de ser estudado com profundidade e oportunamente explicado em todo o seu funcionamento.

No que se segue, serão apresentados e discutidos cada um dos critérios usados para identificação e análise das CVSs.

3.3.

Estruturas verbais e assimetria verbal

Inicialmente, faz-se necessário distinguir pelo menos dois tipos gerais de CVS, as simétricas e as assimétricas, classificação feita com base nas restrições combinatoriais aplicadas aos verbos que podem participar das sequencias seriadas (Aikhenvald, 2006). Fundamentalmente, são chamadas construções simétricas aquelas que apresentam dois verbos de classe semântica irrestrita, ao passo que são

- (9) *Deví má-tá yi xo-a me o.*
 child-DEF NEG-crawl go room-DEF containing.region.of
 NEG
 criança-DEF NEG-engatinhar ir sala-DEF
 contendo.região.de NEG
 “The child didn’t crawl into the room.”
 “A criança não engatinhou para dentro da sala.”
 (ewe – Ameka, 2006, p. 138)

Sendo assim, vê-se que as CVSs simétricas podem expressar sequências de eventos relacionados de alguma forma (seja por uma noção de causa e efeito, seja por uma sequencialidade temporal), ou ainda um evento principal cujo modo de realização é especificado por outro verbo.

Por seu turno, as CVSs assimétricas apresentam um verbo com menos carga lexical – frequentemente chamado de verbo menor – e outro verbo – principal – que projeta uma estrutura argumental plena. Do ponto de vista semântico, o verbo menor contribui para a interpretação do evento denotado indicando informação de movimento, direção e/ou aspecto (Couvee & Pfau, 2018; Lovestrland, 2021; Rodrigues, 2024). Quanto à ordem, tais construções admitem que o verbo menor preceda ou suceda o verbo principal. O dado (10), abaixo, do dialeto do Triângulo Mineiro, exemplifica esse tipo de construção, em que o V1 “corri” é uma informação de aspecto, descrevendo como o evento de abrir a porta se deu.

- (10) Eu corri abri a porta para ela.
 “Eu abri a porta para ela rapidamente.”
 (português do Triângulo Mineiro – Rodrigues, 2024, p. 376)

Já os exemplos (11a) e (11b, repetido de 2a) apresentam CVSs assimétricas nas quais o verbo menor oferece informação de movimento ou direção. Em (11a), abaixo, o verbo principal é o V1 “zo” (“correr”, um verbo de movimento), seguido pelo V2 “wa” (“vir”, um verbo de direção), que indica o sentido da corrida segundo

o referencial dos interlocutores. Por sua vez, o exemplo em (11b) demonstra a possibilidade de o V1 ser um verbo de movimento que precede o verbo principal e indica uma mudança de local anterior ao acontecimento denotado pelo verbo pleno da sentença.

- (11) a. *O da zo wa-ε la.*
 3SG PST run come-PRF FACT
 3SS PASS correr vir-PRFC FACT
 “She/he ran here.”
 “Ela/ele correu para cá.”
 (dagaare – Bodomo, 1997, p. 83 *apud* Lovestrand, 2021, p. 121)
- b. *N da wa di la kapala.*
 1SG PST come eat F fufu
 1SG PASS vir comer F fufu
 “I came and ate fufu.”
 “Eu vim e comi fufu.”
 (dagaare – Hiraiwa & Bodomo, 2008 p. 807)

As CVCs assimétricas são tratadas na literatura recente (e.g. Aboh 2015, 2018; Couvée & Pfau, 2018; Souza 2023; Rodrigues, 2024) como estruturas que refletem um processo de gramaticalização verbal, em que um verbo pleno lexicalmente é gramaticalizado na língua, passando a funcionar como núcleo de uma categoria funcional, por exemplo Aspecto. Essa questão será abordada novamente no capítulo 4.

3.4. Propriedades gramaticais das CVSS

Esta seção será dividida em subseções nas quais se abordam cada um dos critérios definidores de CVSs apresentados anteriormente.

3.4.1.

Ausência de elemento coordenador ou subordinador

Para uma sentença ser considerada uma CVS, a sua característica mais destacada talvez seja a ausência de um elemento que atue como coordenador ou subordinador (Sebba (1987), Baker (1989), Baker & Stewart (2002), Aboh (2018). Afinal, se houvesse coordenação ou subordinação – de qualquer tipo, manifesta ou não – entre as estruturas verbais, estas seriam analisadas como sentenças coordenadas ou subordinadas, respectivamente, não havendo nenhuma peculiaridade digna de explicação autônoma. Uma sentença em sranan (crioulo de base inglesa, Suriname) como (12), abaixo, apresenta dois verbos e nenhum elemento coordenador ou subordinador.

- (12) *Kofi teki a nefi koti a brede.*
 Kofi take the knife cut the bread
 Kofi pegar a faca cortar o pão
 “Kofi took the knife and cut the bread.” (“Kofi cut the bread with a knife”.)
 “Kofi pegou a faca e cortou o pão.” (“Kofi cortou o pão com a faca.”)

(sranan – Sebba, 1987, p. 101)

Cabe verificar a possibilidade de que uma estrutura desse tipo envolva coordenação assindética, o que implicaria a existência de duas sentenças na construção. É possível testar essa possibilidade levando em conta o Coordinate Structure Constraint – CSC (Ross, 1967), segundo o qual a configuração sintática

3.4.2. Contiguidade verbal

Outra questão importante ao se analisar uma construção multiverbal, considerando a possibilidade de tratar-se de uma CVS, é a proximidade ou a distância entre os verbos empregados. De acordo com Aikhenvald (2006), a depender da língua serializadora, os verbos em uma CVS podem ser contíguos ou podem ser separados por algum elemento interveniente. O exemplo (15), abaixo, apresenta uma CVS contígua na língua mwotlap (família oceânica, Ilhas Mota Lava e Banks, no Norte do arquipélago de Vanuatu), em que V1 “yon̄teg” (“escutar”) é sucedido diretamente por V2 “vēglal” (“saber”), sem qualquer elemento interveniente.

- (15) *kē y [to-yon̄teg vēglal vēh] na-ln̄e*
 3PL POT₁-hear know POT₂ ART-voice:2SG
 3PL POT₁-escutar saber POT₂ ART-voz:2SG
 “They might recognize your voice.”
 “Eles/as podem reconhecer a sua voz.”
 (mwotlap – François, 2006, p. 228)

Diferentemente, o dado em (16), a seguir, ilustra uma CVS na língua taba (família austronésica, Molucas do Norte, na Indonésia) em que os verbos não são contíguos, pois estão separados pelo DP “welik” (“porco”), que serve de argumento compartilhado ao V1 “babas” (“morder”), o verbo principal da construção, e também ao V2 “mot” (“morrer”).

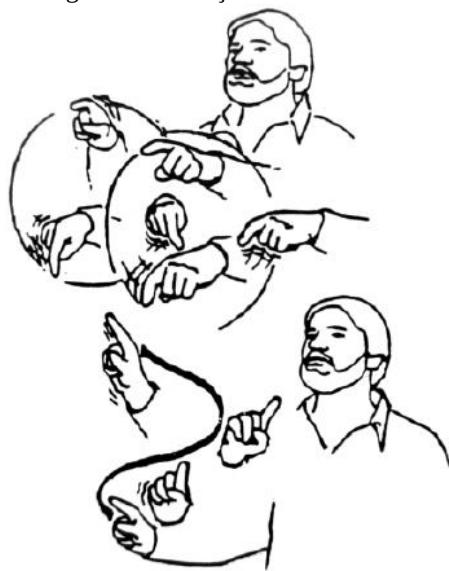
- (16) *Nbabas welik nmot do*
 3SG=bite pig 3SG=die REALIS
 3SG=morder porco 3SG=morrer REALIS
 “It bit the pig dead.”
 “Ele mordeu o porco à morte.”

(taba – Bowden, 2001, p. 297)

As línguas de sinais também registram CVSs, com variação entre línguas que licenciam apenas CVSs contíguas e outras que admitem CVSs contíguas e não-contíguas. Supalla identifica CVSs contíguas em ASL (língua de sinais americana), como o exemplo (17), Figura 7 abaixo. O autor aponta que, nessa língua, a contiguidade é necessária para a serialização verbal, pois a presença de qualquer elemento interveniente entre V1 e V2 produz agramaticalidade.

(17)

Figura 7: Ilustração de CVS sinalizada em ASL



“A person running zigzag uphill.”

“Uma pessoa corre ziguezagueia morro acima.”

(ASL –Supalla, 1990, p. 133-135 *apud* Souza, 2023, p. 56)

Couvee & Pfau (2018) identificam em NGT (*Nederlandse Gebarentaal*, língua de sinais dos Países Baixos) a existência de CVSs com elementos intervenientes entre V1 e V2, como o dado (18), apresentado a seguir.

- (18) INDEX₁ PAY INDEX₁ GIVE_{2(PL)}
 “I buy (cookies) for you.”
 “Eu compro (cookies) para você.”
 (NGT –Couvee & Pfau, 2018, p. 13)

Enfim, verifica-se a existência de variação translinguística quanto à contiguidade dos verbos seriados em CVSs. Dessa forma, vê-se que a contiguidade verbal não é um critério suficiente para delimitação do fenômeno estudado.

3.4.3. Estatuto verbal dos itens sequenciados

Nas CVCs, os itens sequenciados podem ser contíguos ou não, como visto acima, mas têm necessariamente de ser verbos. É necessário, portanto, definir o que é um verbo efetivo, distinguindo-o de auxiliares e outros itens funcionais. Para fazer isso, Haspelmath (2016, p. 303) propõe o critério do verbo independente³², ou seja, um verbo que pode ocorrer isoladamente como único verbo de uma sentença simples (Sebba, 1987; Haspelmath, 2016). Obviamente, este critério suscita questionamento sobre a natureza de sequências verbais assimétricas, já que, como dito anteriormente, nessas sequências um dos verbos funciona como verbo menor, sendo sintaticamente analisado como um item funcional (Benedicto et al., 2008; Aboh, 2009, 2015, 2018; Couvee & Pfau, 2018, ver capítulo 5). No entanto, é importante observar que mesmo esses elementos são atestados na língua como verbos, podendo ocorrer de forma independente em outras sentenças. Para ilustrar isso, considerem-se os exemplos (19a-b), do dialeto do Triângulo Mineiro do português brasileiro, no qual o verbo “pegar”, que atua na estrutura seriada como verbo menor (19a – Rodrigues, 2024), ocorre independentemente também como verbo pleno (19b).

³² “Comparative concept ‘independent verb’: for comparative purposes, an independent verb is a form that can express a dynamic event without any special coding in predication function and that can occur in a non-elliptical utterance without another verb” (Haspelmath, 2016, p. 303).

- (19) a. Eu peguei lavei a louça.

(Rodrigues, 2024, p. 376)

- b. Eu peguei a criança no colo.

(português do Triângulo Mineiro – Rodrigues, 2024, p. 376)

Como se discutirá no capítulo 5, na análise de Aboh (2015, 2018), ocorre, em línguas serializadoras, um processo de gramaticalização, de modo que certas raízes lexicais se tornam polifuncionais, podendo ser usadas estruturalmente como verbos plenos ou como itens funcionais. De acordo com Aboh, o que ocorre nas CVSs assimétricas é exatamente o emprego de uma dessas raízes polifuncionais para instanciar a categoria de Aspecto. O autor oferece os dados de gbe (família nigero-congolesa, Oeste da África) em (20a-b) como evidência desse processo de gramaticalização. Quando empregadas como verbos plenos (20a), essas raízes só aceitam referentes concretos. Já em CVSs, nas quais essas raízes são usadas como Aspecto, há o licenciamento também de referentes abstratos (20b).

- (20) a. *Súru zé àgbán/*túklá/*wányínyí/*nunywèn.*

Suru take plate/*trouble/*love/*knowledge

Súru pegar prato/*problema/*amor/*conhecimento

“Suru took a plate /some trouble/*love/*knowledge.”

“Súru pegou um prato/*algum problema/*amor/*conhecimento.”

- b. *Sétù zé wányínyí kpé mì tò àfónù dódó.*

Setu take love meet 1Sg.Acc at morning early

Sétù pegar amor encontra 1Sg Acc de manhã cedo.

“Setu showed me love early this morning.”

“Sétù pegou me causou (ou [me encontrou com]) amor hoje cedo.”

(gbe – Aboh, 2018, p. 11)

“Ozo raised Adesuwa to be beautiful in five years/*for five years.”

“Ozo criou Adesuwa ficou bonita em cinco anos/ *por cinco anos.”

(edo – Pi & Stewart, 1998, p. 209)

Essas CVCs são, portanto, diferentes das CVSs consecutivas, que exibem relações semânticas de precedência ou consequência entre os verbos, com cada V denotando um microevento independente, como exemplificado pelos dados (23a-b) abaixo.

- (23) a. *Òzó mién úkpùdé khién*
 Ozo see cup buy sell
 Ozo ver copo comprar vender
 “Ozo saw the cup, bought it and sold it.”
 “Ozo viu copo comprou para vender.”
- b. *Òzó dé èkpò ízè lé là ùkpòisén/ vbè ùkpòisén*
 Ozo buy bag rice eat for year five/ in year five
 Ozo comprar saco arroz comer por ano cinco/ em ano cinco
 “Ozo bought a bag of rice and ate it for five years/in five years.”
 “Ozo comprou saco de arroz comeu por/em cinco anos.”

(edo – Pi & Stewart, 1998, p. 209)

Finalmente, CVSs assimétricas também geram interpretação de evento único, muitas vezes com o V menor indicando algum tipo de movimento relacionado ao evento do V principal. Por exemplo, em (24a-b), abaixo, CVSs assimétricas da NGT, o V menor “GO” (“IR”) indica o tipo de movimento expresso pelos verbos WALK (“ANDAR”) e BEGIN (“COMEÇAR”).

- (24) a. GO INDEX₃ WALK
 IR INDEX₃ ANDAR
 “[The rabbit] walked [along the path].”
 “[O coelho] caminhou [ao longo do caminho].”
- b. INDEX₁ GO BEGIN
 INDEX₁ IR COMEÇAR
 “I will begin.”
 “Eu irei começar.”

(NGT – Couvee & Pfau, 2018, p. 14)

Defina (2016, p. 901), em estudo experimental, identificou uma relação estatisticamente significativa entre a expressão de eventos nas sentenças faladas e o uso de gestos co-fala³³ em dados da língua avatime (família nigero-congolesa, Gana), observando que os gestos co-fala ocorrerem de maneira coincidente com o número de eventos de uma sentença. Sentenças com um único evento são co-realizadas com a produção de um único gesto, e sentenças com dois eventos são co-realizadas com a produção de dois gestos. A autora nota que CVSs são co-realizadas um único gesto. Este resultado reforça, portanto, a observação empírica de que CVSs denotam um único evento.

3.4.5. Compartilhamento de informação funcional

Além dos aspectos já discutidos, as CVSs também se caracterizam pelo compartilhamento de informação funcional. São, portanto, estruturas monossentenciais em que uma sequência verbal é encaixada em uma única camada funcional. Por essa razão, V1 e V2 obrigatoriamente realizam as mesmas informações de TAM (tempo, aspecto, modo) (Rodrigues, 2024). Os dados (25) e

³³ Gestos co-fala são gestos espontâneos, não convencionais, que as pessoas fazem inconscientemente enquanto falam (Kendon, 1986; McNeill, 1992; Kita, 2022). O entendimento dos autores é de que os gestos co-fala se relacionam de forma complexa e significativa com a fala humana.

(26a-b), abaixo, das línguas gungbe, ewegbe e akan, respectivamente, ilustram essa característica.

- (25) *É má ná n`ò nyàn ví lé yì*
 3SG NEG FUT. HAB expulsar criança PL ir
 “Ele não expulsará as crianças habitualmente.”

- (26) a *E tsɔ-*(na) akɔɖu ɖu-*(na)*
 3SG pegar-HAB banana comer-HAB
 “Ele come banana habitualmente.”

- b. *Kofí bɔ-ɔ Áma ku-u no*
 Kofi golpear-PASS Ama morrer-PASS 3SG
 “Kofi golpeou Ama morreu.”

(Aboh, 2015, p. 275 *apud* Rodrigues, 2024, p. 381)

Em (25), a marcação das informações de tempo e aspecto antecede V1, mas tem escopo também sobre V2. Em (26a), aspecto é marcado nos dois verbos, também com escopo amplo. Já em (26b) se observa marcação dupla de tempo passado. Portanto, as CVSs podem apresentar marcadores compartilhados de tempo, aspecto, modo, ou essas informações podem aparecer reduplicadas nos dois verbos. A restrição é que os verbos sequenciados devem ter a mesma informação, não sendo possível, por exemplo, um dos verbos ser marcado para futuro, enquanto os demais são marcados para presente ou passado.

Stewart (1998) formulou a condição do radical nu (*bare stem condition*), segundo a qual nenhum verbo seriado pode ser auto-especificado para informação funcional. Para o autor, essa restrição indica que verbos seriados não possuem traços formais a serem checados em T. Sem essa checagem, elimina-se uma possível competição entre V1 e V2 que poderia impedir a derivação da sentença. De qualquer forma, o fato é que a condição apresentada é contestada por evidências como (26a-b), em que as marcações de tempo e aspecto se repetem nos dois verbos.

De modo geral, o que se verifica nas CVSs é que toda a sequência verbal toda tem que estar dentro do escopo dos mesmos marcadores de TAM. Vinculados a essa questão estão a posição e o escopo da negação nessas estruturas. Quanto à posição, verifica-se que a negação pode ocorrer ora junto ao V1, ora junto ao V2, ora com dupla ocorrência. Quanto ao escopo, a literatura observa escopo amplo da negação, cobrindo todos os verbos da sequência. O contraste de (27a-b), por exemplo, mostra que, em iorubá (família nigero-congolesa, Oeste da África), a negação ocorre em posição pré-V1, com escopo também sobre V2.

- (27) a. *Emi ko mu iwe wa.*
 1SG not take book come
 1SG NEG trazer livro vir
 “I did not bring a book.”
 “Eu não trouxe um livro.”
- b. **Emi mu iwe ko wa.*
 1SG take book not come
 1SG trazer livro NEG vir
 (iorubá – Bamgbose, 1974, p. 19 *apud* Collins, 1997, p.486)

(28a), abaixo, dado da língua haruai (família piawi, Papua Nova Guiné), exemplifica a negação pós-V2 (28a), também com escopo amplo. Negação em posição pré-V1 resulta em agramaticalidade em CVSs (28b), sendo possível apenas em estruturas de duas sentenças não seriadas (28c), em que se observa escopo restrito da negação.

- (28) a. *An dw rōbō p-ōy-n-ŋ*
 we go water get-NEG-FUT-1PL
 nós ir água pegar-NEG-FUT-1PL
 “We will not go for water.”
 “Nós não vamos buscar água.”

- b. **An dw-öl rōbö p-n-ŋ-a*
 we go-NEG water get-FUT-1PL-DECL
 nós ir-NEG água pegar-FUT-1PL
- c. *An dw-öl-ön, rōbö p-n-ŋ-a*
 we go-NEG-SS water get-FUT-1PL-DECL
 nós ir-NEG-SS água pegar-FUT-1PL-DECL
 “We will not go but will get water.”
 “Nós não iremos, mas vamos pegar água.”
 (haruai – Comrie, 1995, p. 31-32 *apud* Souza, 2023, p. 69-70)

Finalmente, em (29), dado da língua baule (família kwa, Costa do Marfim), pode-se observar a negação duplicada, pós-V1 e pós-V2, também com escopo amplo.

- (29) *ɔ fa-man agba man-man Yao.*
 3SG.SUBJ take NEG cassava give NEG Yao
 3SG pegar-NEG mandioca dar-NEG Yao
 “He doesn’t give any cassava to Yao.”
 “Ele não pegou deu mandioca para Yao.”
 (baule – Larson, 2010, p. 205 *apud* Haspelmath, 2016, p. 300)

Em suma, a posição da negação em uma CVSs pode variar conforme a língua serializadora, mas de modo geral³⁴ este item funcional tem escopo amplo sobre a sequência, independentemente de sua posição em relação aos verbos seriados.

³⁴ Há, na literatura, alguns dados ainda instáveis que ensejam a realização de mais pesquisas para se aprofundar o entendimento teórico a respeito dessa questão: (Rodrigues, 2024, p. 383) observa instabilidade da negação no dialeto do Triângulo Mineiro, (Pawley & Lane, 1998, p. 208-209) no barai (família trans-Nova-Guiné, Papua Nova Guiné) e (Dooley, 1991, p. 48) no próprio guarani mbya. Dixon (2006, p. 339) também aborda essa possibilidade.

- (31) Joana come bolo, Carlos come docinho.

(Souza, 2023, p. 74)

De qualquer forma, a estrutura argumental de uma CVS não necessariamente coincide com a soma dos argumentos esperados isoladamente para cada um dos verbos seriados. Efetivamente, a transitividade de um verbo pode mudar no contexto da serialização, como em (32a-b).

- (32) a. *Ó tì-rì nwóké áhù òkpo.*
 he hit-TENSE man that blow
 ele bater-TEMPO homem aquele pancada
 “He hit that man.” (lit. he hit that man a blow)
 “Ele bateu naquele homem.” (lit. ele bateu naquele homem uma pancada)
- b. *Ó tì-gbù-rù nwóké áhù.*
 he hit-kill-TENSE man that
 ele bater-matar-TEMPO homem aquele
 “He beat that man to death.” (lit. hit-kill)
 “Ele bateu naquele homem até a morte.” (lit. bater-matar))
 (igbo – Lord, 1975, p. 28, 33-34 *apud* Aikhenvald, 2006, p. 13)

Quando ocorre isoladamente, o verbo “tìrì” (“acertar”) exige dois objetos, como se vê em (32a), “nwóké áhù” (“aquele homem”) e “òkpo” (“pancada”). Por outro lado, quando o mesmo verbo ocorre sendo em uma CVS, não é necessário mais do que um objeto, “nwóké áhù” (“aquele homem”), para satisfazer a sua estrutura argumental, a exemplo da sentença (32b).

Além dessas configurações, ocorreu na linguística teórica debate sobre o compartilhamento do argumento interno. Baker (1989) propôs a hipótese do compartilhamento do objeto (OSH – *object sharing hypothesis*), adotada em muitas

pesquisas como um dos critérios necessários para identificação de uma CVS (Foley & Olson, 1985; Baker, 1989; Hale, 1991; Collins, 1997). Segundo essa hipótese, os verbos seriados em uma CVS necessariamente tem que compartilhar pelo menos um argumento interno.

Evidentemente, uma proposta assentada nessa hipótese é bastante restritiva, pois prevê que todas as CVSs apresentem compartilhamento de um argumento interno, já que o papel *theta* do objeto deve ser atribuído por todos os verbos da sequência, de V1 a Vn. Apesar de muito restritiva, essa hipótese foi assumida grande número de pesquisadores. Collins (1997), por exemplo, com base em dados de ewe, argumenta em favor da OSH. Entretanto, apesar da importância dessas contribuições, pesquisas mais recentes mostram que a hipótese de Baker é inadequada para uma teoria geral das CVSs. Por exemplo, a proposta de OSH não é capaz de explicar uma sentença como (33), abaixo, em que V2 licencia um objeto semanticamente independente de V1.

- (33) *Òjé! Sésínú kùn mótò cè só *(àdó).*
 EXCL! Sesinou drive car 1SG.POSS hit wall
 EXCL! Sesinou dirigir carro 1SG.POSS bater muro
 “Sesinou drove my car hit the wall!” (i.e., he drove my car
 into the wall!)
 “Sesinou dirigiu meu carro bateu no muro” (i.e., ele atingiu
 o muro dirigindo o meu carro!)
 (gungbe – Aboh, 2009, p. 4)

Em (33), tanto V1 quanto V2 são verbos transitivos e que necessariamente selecionam um argumento interno, mas cada um deles seleciona um objeto distinto. Aboh (2018) apresenta também outra configuração possível de CVS em gungbe que contrapõe a OSH de Baker (1989), como se observa em (34), a seguir. Nesta construção, V1 é um verbo inergativo, de modo que o compartilhamento de objeto é impossível, mesmo que o V2 seja um verbo transitivo.

- (34) *Xè ló zrón xé àtín ló jí.*
 bird DET fly climb tree DET on
 ave DET voar subir árvore DET em
 “The bird flew to the top of the tree.”
 “A ave voou até o topo da árvore.”
 (gungbe – Aboh, 2018, p. 5)

Levando os dados acima em consideração, Aboh (2009, 2018) entende que a hipótese de compartilhamento do objeto não pode ser aceita como condição de formação das CVSs.

3.4.7. Entonação monossentencial

Conforme discutido até aqui, evidências de diversos tipos apontam que as CVSs se comportam como uma única sentença, apesar da presença de dois ou mais verbos em sua estrutura. Assim como as propriedades lexicais, semânticas e morfossintáticas abordadas acima, a prosódia corrobora essa conclusão. Segundo Dixon (2006, p. 339), as CVSs apresentam apenas um agrupamento prosódico entonacional. Essa característica é verificada em línguas de sinais, por exemplo, como se vê em (35).

- /be _ – _ ta _ – _ len/
- (35) PLEASE INDEX₁ **PAY** INDEX₁ **1GIVE**₂ INDEX₂ PALM-
 UP
 POR.FAVOR INDEX₁ PAGAR INDEX₁ **1DAR**₂ INDEX₂
 PALMA-CIMA
 “I want to pay you (for it).”
 “Eu quero pagar você (por isso).”
 (NGT – Bos, 2016, p. 244 *apud* Couvee & Pfau, 2018, p. 6)

Couvee & Pfau (2018) entendem que (35) apresenta um único contorno prosódico. Segundo os autores, na realização dessa sentença ocorre uma articulação labial representando o V1 “PAY” (“pagar”) a qual se inicia quando este é verbo é sinalizado e se encerra ao final do V2 “GIVE” (“dar”). Essa articulação reforça o aspecto prosódico monossentencial da construção: não há pausa entre os verbos, ambos os quais se realizam dentro de um contorno entonacional fluído; ainda, a articulação labial se inicia no V1 e vai até o final do V2, sobrepondo-se inclusive a um sujeito pronominal interveniente (Couvee & Pfau, 2018, p. 6).

No que se refere às línguas orais, apesar de a percepção de prosódia monossentencial ser dominante, tal percepção se baseia fundamentalmente nas intuições dos pesquisadores, havendo poucos estudos fonético-experimentais dessa questão em particular (Hopperdietzel & Klingler, 2019; Crowley, 2002). Para preencher essa lacuna, Hopperdietzel & Klingler (2019) realizaram um estudo piloto sobre a prosódia de dois tipos de CVSs identificadas em daakaka (família austronésica, Vanuatu): CVSs com marcação única de informações de TAM; e CVSs com marcação concordante das informações de TAM. Segundo os autores, as CVSs em daakaka com marcação única de TAM efetivamente apresentam um único contorno prosódico; porém, as CVSs com marcação múltipla de TAM apresentam um contorno de fronteira prosódico para cada verbo (Hopperdietzel & Klingler, 2019).

Dessa forma, as construções multiverbais com marcação concordante de TAM em daakaka podem violar a monossentencialidade típica das CVSs. No entanto, de acordo com os autores, tal diferença prosódica também pode estar relacionada ao tamanho da construção seriada. De modo geral, as CVSs apresentam a prosódia de uma única sentença (Givón, 1991; Cleary-Kemp, 2015, P. 117; Haspelmath, 2016, p.308). Essa conclusão é corroborada pelos estudos de CVSs em línguas de sinais (Bos, 2016; Couvee & Pfau, 2018; Souza, 2023).

3.5.

Conclusões sobre o processo de serialização observado nas línguas humanas

Como se vê pelo histórico e pelas propriedades discutidas acima, as CVSs já receberam uma dose significativa de atenção por parte da linguística, área que se debruçou sobre este objeto a partir de diferentes prismas teóricos, como a tipologia e a linguística formal, e registrou análises de gramáticas bastante distintas entre si. Como resultado desse esforço, algumas generalizações já foram estabelecidas. Por exemplo, tentando estabelecer um panorama do fenômeno, Aikhenvald (2018) observa que todas as línguas serializadoras registram CVSs assimétricas, mas nem todas exibem CVSs simétricas. Na mesma linha de raciocínio, Aboh (2015, 2018) considera que a chave para que uma língua licencie estruturas verbais seriadas é a existência de raízes lexicais polifuncionais. Ou seja, para este autor, todas as estruturas seriadas são assimétricas, já que envolvem um processo de um verbo se tornar um elemento funcional.

Assim, pode-se lançar a seguinte hipótese para explicar o processo de serialização de uma língua: inicialmente, tem de ocorrer esvaziamento do conteúdo semântico de alguns verbos, que passarão a atuar como V menores e permitirão à língua a produção de CVSs assimétricas. Se este esvaziamento for produtivo, ele atinge mais raízes no léxico, e a língua passa a licenciar também CVSs simétricas (Rodrigues, 2024).

No capítulo 5, voltaremos a essas questões com o intuito de analisar a sintaxe das CVSs, com base nos dados do mbya guarani que apresentaremos no capítulo 4.

4.

Da natureza seriada das construções multiverbais em guarani mbya

Há registro de construções multiverbais em guarani mbya desde pelo menos o início da década de 1990, quando Dooley (1991) publicou o artigo “A Double-Verb Construction in Mbya Guarani”, que apresenta construções sintáticas, como (1), abaixo, com dois verbos sequenciados, sem seguir os padrões de coordenação ou subordinação encontrados na língua.

- (1) *Kuaxia aexa ainy.*
 paper 1SG-see 1SG-be.located-V2
 papel 1SG-ver 1SG-estar.localizado-V2
 “I’m reading seated.”
 “Estou lendo sentado (onde estou).”
 (mbya – Dooley, 1991, p. 32)

Dooley identifica nessas construções algumas características comuns às construções verbais seriadas que já vinham sendo descritas há algumas décadas em línguas africanas, asiáticas e caribenhas. Assim, a pergunta do autor, que também se assume neste trabalho é a seguinte:

- (2) As sentenças multiverbais do guarani mbya são CVs?

Para responder essa pergunta, neste capítulo as propriedades de CVs, apresentadas no capítulo 3, serão aplicadas aos dados do guarani mbya.

4.1.

Da simetria da sequência verbal

De acordo com a descrição de Dooley (1991), as construções multiverbais do guarani mbya são compostas de sequências verbais assimétricas, em que V1

pertence uma classe semântica aberta (*i.e.* qualquer verbo pode ocorrer na posição de V1), mas V2, tratado pelo autor como verbo suplementar (Dooley, 2015, p. 70) pertence a classes semânticas restritas. De acordo com o autor, esses chamados verbos suplementares “acrescentam um elemento semântico que complementa a designação do conteúdo proposicional” da construção (Dooley, 2015, p. 70).

Nessa descrição, verbos de sete classes semânticas, todas intransitivas, podem ocorrer na posição V2, conforme Dooley (1991, 2015). Há quatro tipos derivacionais possíveis (raiz simples, causativo+raiz, comitativo+raiz, recíproco-comitativo+raiz) para cada uma das sete áreas semânticas, totalizando 28 possibilidades de combinação de V2. Essa descrição é sistematizada no Quadro 8.

Quadro 8: Descrição das classes semânticas e raízes verbais que podem ocorrer na posição V2 em construções multiverbais do guarani mbya

Classe semântica	Raiz verbal
Ficar de pé	-‘ã
Sentar (ficar localizado)	-ĩ
Ser, existir, andar à volta (perambular)	-iko, -eko
Ser, existir (apenas no plural)	-k ^w a
Ir	-a ~ -o
Vir	-nhu ~ -u
Deitar, estar de bruços	-nhu ~ -u, nã

Fonte: elaboração própria, adaptado de Dooley (1991, p.34).

As raízes apresentadas no Quadro 8 podem receber afixos derivacionais, formando, conseqüentemente, os radicais derivados apresentados no Quadro 9, abaixo.

Quadro 9: Raízes e temas de V2, incluindo temas derivados

Radical	Tema simples	CAUS-Tema	COM-Tema	RECIP-COM-Tema
-‘ã	-‘ãmy	-mo’ãmy	-eno’ãmy	-nhongueno’ãmy
-ĩ	-ĩny	-moĩny	-enoĩny	-nhonguenoĩny
-iko, εko	-ikovy, -ekovy	-moingovy	-erekovy	-nhonguerekovy
-k ^w a	-kuapy	-mokuapy	-erokuapy	-nhonguerekuapy
- a ~ -o	-avy, -ovy	-monovy	-eravy	-nhongueravy
-nhu ~ -u	-nhuvy, uvy	-mouvvy	-eruvvy	-nhongueruvvy
- nhu ~ -u ~ nõ	-nhupy, upy ~ nõngy		-erupy	-nhonguerpy

Fonte: elaboração própria, adaptado de Dooley (1991, p.42).

Os dados (3-9), abaixo, ilustram a ocorrência dos elementos verbais formados pelas raízes e pelos afixos que podem ocorrer na posição de V2 das construções multiverbais em análise.

- (3) *Axĩma a’ãmy.*
 1SG-embarrassed-all 1SG-stand-V2
 1SG-envergonhado-todo 1SG-em.pé-V2
 “I was standing around completely embarrassed.”
 “Eu estava em pé completamente envergonhado.”
 (mbya – Dooley, 1991, p. 36)

- (4) *Nhapu’ã nha’ãmy.*
 1+2-rise 1+2-stand-V2
 1+2- levantar 1+2-em.pé-V2
 “We rose and stood up.”
 “Nós nos levantamos e ficamos em pé.”
 (mbya – Dooley, 1991, p. 46)

- (5) *Kuaxia anhopy herekovy.*
 Paper 1SG-take 3-COM-life-V2
 Papel 1SG-pegar 3-COM-vida-V2
 “I got the paper and had it with me.”
 “Eu peguei o papel e fiquei com ele.”
 (mbya – Dooley, 1991, p. 44)
- (6) *Amonguapypa imokuapy.*
 1SG-CAUS-sit-all 3-CAUS-be.PL-V2
 1SG-CAUs-sentar-todos 3-CAUS-ser.PL-V2
 “I made all of them sit down without exception.”
 “Eu fiz todos sentarem sem exceção.”
 (mbya – Dooley, 1991, p. 44)
- (7) *Moka anhopy heravy.*
 Rifle 1SG-get 3-COM-go-V2
 Rifle 1SG-pegar 3-COM-ir-V2
 “I got the rifle and took it with me.”
 “Eu peguei o rifle e o levei comigo.”
 (mbya – Dooley, 1991, p. 44)
- (8) *Moka anhopy heruvy.*
 Rifle 1SG-get 3-COM-come-V2
 Rifle 1SG-pegar 3-COM-vir-V2
 “I got the rifle and brought it with me.”
 “Eu peguei o rifle e o trouxe comigo.”
 (mbya – Dooley, 1991, p. 44)
- (9) *Xerovaingua xerero’a herupy.*
 1SG-EP-other.side-NR 1SG-EP-COM-fall 3-COM-lie-V2
 1SG-EP-outro.lado-NR 1Sg-EP-COM-cair 3-COM-deitar-

“My adversary grabbed me and made me fall down flat.”

“Meu adversário me agarrou e me fez cair de cara.”

(mbya – Dooley, 1991, p. 45)

As classes semânticas listadas por Dooley podem ser agrupadas em verbos de postura, movimento e localização. Essas classes se assemelham parcialmente às apresentadas em Ross & Lovestrand (2018) para as CVSs assimétricas. Em uma amostra de 100 línguas, os autores encontram 85 que licenciam CVSs assimétricas de movimento, 40 de postura, 40 de pegar, e 40 comparativas. Portanto, podemos dizer que as construções multiverbais encontradas em guarani mbya são estruturas com sequências verbais comuns nas línguas humanas e que, se analisadas como CVSs, devem ser classificadas com CVSs assimétricas.

No que se segue, serão discutidos os dados acima *vis-à-vis* as propriedades das CVSs apresentadas no capítulo 3.

4.2.

Verificação dos critérios para classificação das multiverbais como Construções Verbais Seriadas

As próximas subseções apresentam os principais critérios definidores das CVSs sendo aplicados aos dados do guarani mbya, evidenciando as suas semelhanças e eventuais particularidades desta língua.

4.2.1.

Ausência de Coordenador e subordinador

Como vimos no capítulo 3, casos *bona fide* de CVSs não apresentam coordenadores ou subordinadores mediando os verbos sequenciados. De modo geral, os verbos são sequenciados sem nenhum tipo de marca sequenciadora. Em contraste, na descrição de Dooley (1991), as sequências multiverbais do mbya apresentam um sufixo {-Cy}, o qual consiste em uma consoante C (v, p, b, m, ng,

n) seguida da vogal fechada central (y), como exemplificado por “V2” nas glossas em (10a-c). Deve-se notar que esta marca ocorre como sufixo de V2.

- (10) a. *Amopu 'ã xera 'y imo 'ãmy.*
 1SG-CAUS-rise 1SG-son 3-CAUS-stand-V2
 1SG-CAUS-erguer 1SG-filho 3-CAUS-ficar.em.pé-V2
 “I made my son stand up.”
 “Eu fiz meu filho ficar em pé.”
 (mbya – Dooley, 1991, p. 51)
- b. *Nhapu 'ã nha 'ãmy.*
 1+2-rise 1+2-stand-V2
 1+2-levantar 1+2-ficar.em.pé-V2
 “We rose and stood up.”
 “Nós nos levantamos e ficamos em pé.”
 (mbya – Dooley, 1991, p. 46)
- c. *Xeru xejopy xereravy.*
 1SG-pai 1SG-get 1SG-COM-go-V2
 1SG-pai 1SG-pegar 1SG-COM-ir-V2
 “My father got me and took me with him.”
 “Meu pai me pegou e fez eu ir com ele.”
 (mbya – Dooley, 1991, p. 47)

É necessário ponderar, portanto, se o sufixo em questão pode ser analisado como um elemento coordenador ou subordinador. Efetivamente, não parecer ser o caso. Primeiro, como se apresentou no capítulo 2, o coordenador aditivo manifesto usado na língua mbya é *ha'e*, exemplificado novamente em (11).

- (11) *Jypy xeramoĩ ranhe ou raka'e apy, ha'e gui ma xee voi aju karamboae.*

“Primeiro os meus avôs vieram aqui, e depois eu também vim.”

(mbya – Dooley, 2015, p. 118)

Há, ainda, outras diferenças entre as construções multiverbais e as estruturas coordenadas em mbya. Por exemplo, Dooley observa que, em coordenadas, o tempo pode ser independente nos dois constituintes coordenados. Essa independência não se observa em sentenças multiverbais, como se vê abaixo. Além disso, em construções multiverbais ocorre uma redução de concordância em V2, o que não é observado em coordenadas.

Cabe aqui salientar que embora, em estruturas seriadas, a concatenação dos verbos não seja, de modo geral, mediada por nenhum elemento, algumas línguas serializadoras apresentam um morfema serializador. É o caso do coreano (família coreânica, Coreia), como ilustra o dado (12).

- (12) *John-i sakwa-lul kkak-a mek-ess-ta.*
 John-NOM apple-ACC peel-EC eat-PAST-DC
 John-NOM maçã-ACC descascar-EC comer-PASS-DC
 “John ate the apple by peeling it.”
 “John comeu a maçã descascando-a.”

(coreano – Pyoun, 2011, p. 6 *apud* Souza, 2023, p. 52)³⁵

Dessa forma, tratar o sufixo {-Cy} do mbyá guarani como um elemento serializador não seria uma exceção exclusiva dessa língua. Vieira & Baranger (2021) defendem esse ponto de vista. No entanto, como argumentam as autoras, nem todas as construções com dois verbos e sufixo –vy são multiverbais. O morfema

³⁵ Pyoun (2011, p. 6) *apud* Souza (2023, p. 52) adota a seguinte glosa para a apresentação dos dados do coreano: NOM=*nominative*, ACC=*accusative*, EC=*connecting suffix*, DC=*declarative sentence-ending marker*.

{-Cy} atua também como subordinador de sentenças que expressam ideia de tempo, finalidade e causa, conforme ilustram respectivamente os dados (13a-c), abaixo.

- (13) a. *[Che-r-oo-py a-vae vy] a-i-kuaa i-monda-a ra'e.*
 [1SG-REL-house-LOC 1SG-arrive **CONJ**] 1SG-3-know 3-rob-NMLZ EVID
 [1SG-REL-casa-LOC 1SG-chegar **CONJ**] 1SG-3-saber 3-roubar-NMLZ EVID
 “I found out about the robbery [when I got home].”
 “Eu soube do roubo [quando cheguei em casa].”
- b. *Jagua o-o ka 'aguy-re [tatu o-juka vy].*
 dog 3-go forest-LOC [armadillo 3-kill **CONJ**]
 cão 3-ir floresta-LOC [tatu 3-matar **CONJ**]
 “The dog went into the forest [in order to hunt an armadillo].”
 “O cão foi para a floresta [para caçar um tatu].”
- c. *[Che-kane'õ vy] a-jevy che-r-oo-py.*
 [1SG-tired **CONJ**] 1SG-come 1SG-REL-house-LOC
 [1SG-cansado **CONJ**] 1SG-vir 1SG-REL-casa-LOC
 “I came back home [because I was tired].”
 “Eu vim para casa [porque estava cansado].”

(mbya – Vieira & Baranger, 2021, p. 17)

De início, à diferença do que ocorre nas multiverbais, deve-se perceber que há claramente dois eventos separados em cada exemplo de (13), o que evidencia a existência de duas sentenças distintas e, assim, a possibilidade de subordinação. Ainda, segundo as autoras, é comum translinguisticamente que as ideias de tempo, finalidade e causa sejam codificadas pelo mesmo item gramatical (Cristófar, 2003, p. 161; Vieira & Baranger, 2021, p. 17). De qualquer modo, parece bastante claro que sentenças subordinadas pelo morfema –vy como (13) apresentam restrições morfossintáticas diferentes de multiverbais. Dessa forma, vê-se que há duas construções sintaticamente distintas em mbya que utilizam a forma –vy: por um

lado, construções multiverbais; por outro, estruturas subordinadas de tempo, finalidade ou causa.

Vieira & Baranger (2021, p. 18) afirmam que o morfema –vy sofreu um processo de fossilização e, no seu uso contemporâneo em construções multiverbais, parece mais um item funcional expletivo (Aikhenvald, 2011, p. 22-23) do que um item de ligação entre os dois verbos. Atualmente, de acordo com as autoras, essas formas do sufixo serializador *Cy* se encontram fortemente gramaticalizadas e são pouco produtivas, visto que só podem ser combinados com o pequeno conjunto de verbos que atuam como V2 em CVSs em mbya.

Afinal, notam-se dois elementos chave para a distinção entre o sufixo serializador –vy e a conjunção subordinativa –vy: a posição relativa ao verbo e a alomorfia. Ao passo que o sufixo serializador –vy é necessariamente um sufixo verbal e se realiza mediante diferentes alomorfes condicionados pelo contexto fonológico, o subordinador –vy é uma forma livre e invariável. Os dados, abaixo, reforçam essa distinção, pois é possível a presença de constituintes intervenientes entre o verbo e a conjunção subordinativa em sentenças subordinadas (14a), mas não em estruturas multiverbais (14b).

- (14) a. *Nd-a-Ø-jogua-i mbojape [a-’e voi vy]*
 NEG-1SG-3-buy-NEG bread 1SG-leave **early** CONJ
 NEG-1SG-3-comprar-NEG pão 1SG-sair **cedo** CONJ
 “I didn’t buy bread, so I could leave early.”
 “Não comprei pão para poder sair cedo.”
- b. **Xee a-Ø-exa [a-a huixava’e vy]*
 I 1SG-3-see 1SG-go **chief** SER
 Eu 1SG-3-ver 1SG-ir **chefe** SER
- (mbya – Vieira & Baranger, 2021, p. 18)

Também é possível demonstrar que o sufixo serializador –vy não é uma conjunção subordinativa pelo fato de que a serialização pode ocorrer no interior de sentenças dependentes ou matrizes. O sufixo –vy pode ser empregado junto à

conjunção *ramo* (sujeitos diferentes, em 15a), no interior de uma sentença subordinada; ou junto à conjunção *aguã* (finalidade, em 15b), no interior da sentença matriz. Fosse –vy uma conjunção subordinativa nesses contextos, as sentenças geradas seriam agramaticais, pois não se estabelece subordinação entre o constituinte com o sufixo –vy e nenhum outro. De fato, o V2 seriado contribui para ambas as sentenças – seja a dependente (15a), seja a matriz (15b) – com a semântica de aspecto contínuo.

- (15) a. *Ara o-Ø-exa [tujai [o-i-nupã o-iko-vy] gu-a 'y ramo].*
 Ara 3-3-see [old.man [3-3-hit 3-be-SER] 3-son DS]
 Ara 3-3-ver [velho [3-3-bater 3-estar-SER] 3-filho DS]
 “Ara saw when the old man was hitting his own son.”
 “Ara viu quando o homem velho batia no seu próprio filho.”
- b. *Ha'e o-o o-i-ny [o-porai aguã]*
 s/he 3-go 3-sit-SER [3-sing CONJ]
 ele/a 3-ir 3-sentar-SER [3-cantar CONJ]
 “S/He is going in order to sing.”
 “Ele/a está indo para cantar.”
- (mbya – Vieira & Baranger, 2021, p. 19)

Para completar, Vieira & Baranger (2021, p. 19) apresentam ainda uma sentença em que coocorrem o sufixo serializador {-Cy} e a conjunção subordinativa –vy (16), evidenciando que se tratam de formas diferentes.

- (16) *Banco a-joi a-i-ny vy, ha- 'a.*
 bench 1SG-wash 1SG-be.sit-SER CONJ 1SG-fall
 banco 1SG-lavar 1SG-estar.sentado-SER CONJ 1SG-cair
 “When I was washing the bench, I fell.”
 “Quando eu estava lavando o banco, caí.”
- (mbya – Vieira & Baranger, 2021, p. 19)

4.2.2.

Contiguidade verbal

De acordo com a descrição de Dooley (1991), em mbya, os argumentos internos de um verbo tendem a ser realizados como prefixos de concordância, sendo que argumentos internos livres podem ocorrer antes ou depois do verbo. Segundo ele, o mesmo padrão é observado nas construções multiverbais, como exemplificado em (17), abaixo, com o objeto ocorrendo antes de V1 em (17a) e depois de V2 em (17b).

- (17) a. *Xera'y amopu'ã imo'ãmy.*
1SG-EP-son 1SG-CAUS-rise 3-CAUS-stand-V2
1SG-EP-filho 1SG-CAUS-erguer 3-CAUS-ficar.em.pé-V2
 “I made my son stand up.”
 “Eu fiz meu filho ficar em pé.”
 (mbya – Dooley, 1991, p. 43)
- b. *Xee a-ra-a a-iko-vy xe-r-a'y teko'a-py.*
 I 1SG-appl-go 1SG-be-SER **1SG-REL-son** village-LOC
 Eu 1SG-APPL-ir 1SG-ser-SER **1SG-REL-filho** aldeia-LOC
 “I am taking my son to the village.”
 “Eu estou levando meu filho para a aldeia.”
 (mbya – Vieira & Baranger, 2021, p. 14)

Dooley observa que objetos livres, que são itens lexicais autônomos, podem ocorrer também entre V1 e V2, como em (18a). No entanto, de acordo com o autor, a ocorrência nessa posição é rara e, quando nativos corrigem dados escritos, tendem a colocar o objeto em outra posição, seja antes de V1, seja após V2. O dado em (18a) difere dos que foram apresentados até agora por serem causativos resultativos, mas mesmo nessas construções Dooley entende que a ordem preferencial é OBJ-V1-V2, como em (18b, repetido de 17a).

- (18) a. *Amopu 'ã xera'y imo 'ãmy.*
 1SG-CAUS-rise **1SG-EP-son** 3-CAUS-stand-V2
 1SG-CAUS-erguer **1SG-EP-filho** 3-CAUS-ficar.em.pé-V2
 “I made my son stand up.”
 “Eu fiz meu filho ficar em pé.”
 (mbya – Dooley, 1991, p. 51)
- b. *Xera'y amopu 'ã imo 'ãmy.*
1SG-EP-son 1SG-CAUS-rise 3-CAUS-stand-V2
1SG-EP-filho 1SG-CAUS-erguer 3-CAUS-ficar.em.pé-V2
 “I made my son stand up.”
 “Eu fiz meu filho ficar em pé.”
 (mbya – Dooley, 1991, p. 43)

Entretanto, Vieira e Baranger (2021, p. 16) apresentam os dados abaixo, indicando que o objeto pode inverter entre V1 e V2. As autoras afirmam ter encontrado exemplos de diversos tipos de constituintes ocupando uma posição entre V1 e V2, como (19a-b), abaixo.

- (19) a. *Ore ro-Ø- 'u kure ro-kua-py teko 'a-py.*
 we 1PL-3- eat **pork** 1PL-be.all-SER village-LOC
 nós 1PL-3-comer **porco** 1PL-ser.todos-SER aldeia-LOC
 “We are all eating pork in the village.”
 “Nós estamos todos comendo porco na aldeia.”
- b. *Xee a-Ø-exa huixava'e a-a -vy.*
 I 1SG-3-see **chief** 1SG- go -SER
 Eu 1SG-3-ver **chefe** 1SG-ir-SER
 “I saw the chief, going.”
 “Eu vi o chefe indo.”
 (mbya – Vieira & Baranger, 2021, p. 16)

Portanto, nesta dissertação, considera-se que objetos livres podem ocorrer antes de V1, depois de V2 ou entre V1 e V2 nas construções multiverbais em mbya. De qualquer modo, V1 e V2 devem formar uma sequência não contígua, mediada pela presença de informação de tempo entre V1 e V2, como se apresenta abaixo, na seção 4.2.5.1.

4.2.3.

Uso independente como verbo

Em estruturas multiverbais em mbya, V2 funciona como um verbo menor, apresentando marcação reduzida de concordância e também informação semântica menos especificada. No entanto, assim como V1, todos os verbos que ocorrem em posição V2 são verbos independentes na língua, podendo ocorrer como núcleos de predicados verbais em sentenças matrizes, como mostram os dados (20a-g), abaixo. Portanto, quanto ao critério relativo ao status verbal dos elementos sequenciados, as construções multiverbais do guarani mbya assemelham-se a seriadas, com V1 e V2 ocorrendo independentemente como verbos na língua.

- (20) a. *A 'ã xeropy.*
 1SG-stand 1SG-EP-house-in
 1SG-ficar.em.pé 1SG-Rel-casa-em
 “I am standing in my house.”
 “Eu estou de pé em minha casa.”
- b. *Amo 'ã xera 'y.*
 1SG-CAUS-stand 1SG-EP-son
 1SG-CAUS-ficar.em.pé 1SG-REL-filho
 “I make my son stand up.”
 “Eu faço meu filho ficar em pé.”

- c. *Aĩ tenapy.*
 1SG-sit/be.located NPSSD-place-in
 1SG-sentar/ser.localizado NPSSD-lugar-em
 “I am sitting on a bench.”
 “Eu estou sentado em um banco.”
- d. *Aĩ xeropy.*
 1SG-stand 1SG-EP-house-in
 1SG-ficar.em.pé 1SG-REL-casa-em
 “I am in my house.”
 “Eu estou em minha casa.”
- e. *Amoĩ aroi ‘onha py.*
 1SG-CAUS-be.located rice pan in
 1SG-CAUS-ser.localizado arroz panela em
 “I put rice in a pan.”
 “Eu coloco arroz em uma panela.”
- f. *Aiko ayĩ peve.*
 1SG-be now until
 1SG-ser agora até
 “I am alive until the present.”
 “Eu estou vivo até agora.”
- g. *Aiko xerekoa rupi.*
 1SG-be 1SG-EP-life-NR along
 1SG-ser 1SG-REL-vida-NR ao.longo
 “I am walking around my place of residence.”
 “Eu estou caminhando em torno da minha residência.”
- (mbya – Dooley, 1991, p. 34)

4.2.4.

Semântica de evento único

Assim como observado nas CVSs analisadas no capítulo 3, tanto Dooley (1991) quanto Vieira e Baranger (2021) argumentam que as multiverbais do guarani mbya denotam um único evento, com V2 apresentando algum suplemento informacional, como movimento, posição, direção e continuidade, sobre o evento descrito por V1. Nesse sentido, as estruturas multiverbais ora analisadas se parecem com as CVSs assimétricas apresentadas no capítulo 3.

4.2.5.

Compartilhamento de informação funcional

Para discutir o comportamento das informações funcionais nas sequências multiverbais em guarani mbya, esta seção se divide em três subseções. A primeira delas aborda as informações de tempo, modo e aspecto; em seguida, é focado o funcionamento da negação; por fim, discute-se a concordância nas construções multiverbais da língua em análise.

4.2.5.1.

TAM – Tempo, modo, aspecto

Como apresentado no capítulo 2, guarani mbya não apresenta flexão verbal para tempo e aspecto, sendo essas informações transmitidas pela marcação de tempo nominal, por itens lexicais e elementos clíticos ou então inferidas pelo contexto. Nas construções multiverbais, quando presentes na estrutura, as informações de tempo e aspecto ocorrem entre V1 e V2, mas com escopo sobre os dois verbos, como se vê em (21). Não são possíveis sequências com repetição de TAM ou sequências com marcação de TAM distintas em V1 e V2.

(21) *Ajopou³⁶ va'erã aikovy.*

³⁶ Apesar de constar no trabalho de 1991, no léxico de 1998 *japou* é registrado por Dooley como “arcaísmo”, sendo o empréstimo linguístico *paxia* a forma mais frequente para expressar “passear”.

1SG-other-visit thing-FUT 1SG-be-V2³⁷

1SG-outro-visitar coisa-FUT 1SG-ser-V2

“I will go about visiting people.”

“Eu vou por aí visitando pessoas.”

(mbya – Dooley, 1991, p. 49)

Em contraste, a informação de modo pode ser realizada por prefixo de concordância {ε-} e, neste caso, a marca é realizada nos dois verbos, como em (22), abaixo.

(22) *Ejopou eikovy.*

2SG-IMP-other-visit 2SG-IMP-be-V2

2SG-IMP-outro-visitar 2SG-IMP-ser-V2

“Go about visiting people.”

“Vá por aí visitando pessoas.”

(mbya – Dooley, 1991, p. 49)

Já o modo optativo é realizado pelo prefixo {ta- ~ t-}, que pode aparecer antes do V1 ou repetido diante de V1 e V2, conforme ilustram os dados (23a-b).

(23) a. *Kyrĩque tovyra okuapy.*

SMALL-COLL **OPT**-3-arise-all 3-be.PL-V2

PEQUENO-COL **OPT**-3-levantar-todos 3-ser.PL-V2

“May all of the children get up (*i.e.*, have good health)!”

“Que todas as crianças se levantem (*i.e.*, tenham boa saúde)!”

³⁷ Em outra concessão, embora no corpo do texto conste a glosa original apresentada pelo autor, com a respectiva tradução, nesta nota é apresentada uma glosa que nos parece mais adequada para o dado:

(20) *Ajopou va'erã aikovy.*

1Sg-REC-visitar NOM-FN 1Sg-ser-V2

“Eu que irei visitar pessoas por aí.”

- b. *Kyrĩgue tovyra tokuapy.*
 SMALL-COLL **OPT**-3-arise-all **OPT**-3-be.PL-V2
 PEQUENO-COL **OPT**-3-levantar-todos **OPT**-3-ser.PL-V2
 “May all of the children get up (*i.e.*, have good health)!”
 “Que todas as crianças se levantem (*i.e.*, tenham boa saúde)!”
 (mbya – Dooley, 1991, p. 49)

De modo geral, vê-se que as informações de tempo, aspecto e modo, sejam inferidas do contexto, sejam realizadas lexicalmente, sejam codificadas por morfemas de concordância ou afixos, com espalhamento ou não pela sequência, enfim, elas incidem sobre todos os verbos sequenciados. Portanto, em relação às informações de TAM, as construções multiverbais do guarani mbya se comportam como CVSs.

4.2.5.2. Negação

Dooley afirma que o comportamento da negação se mantém nas estruturas multiverbais em análise, com o escopo da negação sendo delimitado pela posição do sufixo {-i} do morfema descontínuo de negação (Dooley, 1991, p. 48). Em outras palavras, segundo o autor, a negação nem sempre se aplica à construção [V1 V2] como um todo, mas isso tampouco indica a existência de qualquer fronteira sentencial entre os dois verbos (Dooley, 1991, p. 48). Os exemplos (24a-c), de Dooley (1991), podem indicar o comportamento da negação em construções multiverbais em mbya.

- (24) a. *Ava omba’eapo oikovy*
 man 3-thing-do 3-be-V2
 homem 3-coisa-fazer 3-ser-V2
 “The man is working (over an extended period of time).”
 “O homem está trabalhando (durante longo período contínuo).”

- b. *Ava nomba'eapoi oikovy*
 man **NEG-3-thing-do-NEG** 3-be-V2
 homem **NEg-3-coisa-fazer-NEG** 3-ser-V2
 “It is not true that the man is working (and this description of him has been the case over an extended period of time).”
 “O homem não está trabalhando. (E isso é verdade sobre ele durante longo período contínuo.)”
- c. *Ava nomba'eapo oikoyi*
 man **NEG-3-thing-do** 3-be-V2-**NEG**
 homem **NEG-3-coisa-fazer** 3-ser-V2-**NEG**
 “It is not true that the man has been working for an extended period of time.”
 “Não é verdade que o homem está trabalhando durante um longo período contínuo.”
- (mbya – Dooley, 1991, p. 48)

Veira e Baranger (2021), por outro lado, argumentam que V2 não pode receber nenhum tipo de negação e oferecem os dados (25a-e), abaixo, como evidência.

- (25) a. *Nd-o-ke-i o-kua-py*
NEG-3-sleep-NEG 3-be.all-Ser
NEG-3-dormir-NEG 3-estar.todos-Ser
 “They weren’t sleeping all together”
 “Eles/as não estavam dormindo todos/as juntos/as.”
- b. **O-ke nd-o-kua-py-i*
 3-sleep **NEG-3-be.all-Ser-NEG**
 3-dormir **NEG-3-estar.todos-Ser-NEG**
- c. **Nd-o-ke-i nd-o-kua-py-i*
NEG-3-sleep-NEG NEG-3-be.all-Ser-NEG

NEG-3-dormir-NEG NEG-3-estar.todos-Ser-NEG

- d. **Nd-o-ke o-kua-py-i*
 NEG-3-sleep 3-be.all-SER-NEG
 NEG-3-dormir 3-estar.todos-SER-NEG
- e. **O-ke o-kua-py he'yre*
 3-sleep 3-be.all-SER NEG
 3-dormir 3-estar.todos-SER NEG

(mbya – Vieira & Baranger, 2021, p. 14)

Portanto, nessas construções, o escopo da negação pode incidir apenas sobre V1. Nesse aspecto, as estruturas multiverbais do guarani mbya parecem diferir das CVSs típicas, apresentadas no capítulo 3.

4.2.5.3. Concordância

Verbos transitivos principais em mbya podem apresentar marcação de concordância tanto com seu sujeito quanto com seu objeto, como apresentando no capítulo 2 e exemplificado em (26).

- (26) *Aikyxĩ*
 1SG-3-cut
 1SG-3-cortar
 “I cut him/her/it.”
 “Eu cortei ele/a.”

(mbya – Dooley, 1991, p. 46)

Além disso, conforme apresentado no capítulo 2, nas sentenças transitivas da língua emerge uma hierarquia que codifica os participantes da predicação.

Conforme essa hierarquia, então, há alguns casos em que a concordância com o objeto não é marcada (27a). Além disso, há casos em que não ocorre marcação morfológica do sujeito (27b).

- (27) a. *Aexa*
 1SG-see
 1SG-ver
 “I see him/her/it.”
 “Eu vejo ele/ela.”
- b. *Xekyxĩ*
 1SG-cut
 1SG-cortar
 “You/he/she/it cut me.”
 “Fui cortado.” ou “Me cortou.”

(mbya – Dooley, 1991, p. 46)

Já no caso dos verbos que atuam como V2 em construções multiverbais em mbya, Dooley (1991, p. 46) aponta um padrão de concordância reduzido na comparação com o padrão geral. Todos os V2 intransitivos apresentam concordância com seu sujeito mediante os marcadores ativos (28a), dado que todos os V2 são lexicalmente ativos quando empregados como verbos plenos; no entanto, os V2 transitivos (apesar de serem lexicalmente ativos) apresentam concordância com seus objetos mediante os marcadores inativos (28b).

- (28) a. *Nhapu’ã nha’ãmy*
 1+2-rise 1+2-stand-V2
 1PL.INC-levantar 1PL.INC-ficar.em.pé-V2
 “We rose and stood up.”
 “Nós levantamos e ficamos em pé.”
- b. *Xeru xejopy xe-r-er-a-vy*

1SG-father 1SG-get 1SG-EP-COM-go-V2

1SG-pai 1SG-pegar 1SG-EP-COM-ir-V2

“My father got me and took me with him.”

“Meu pai me pegou e fez eu ir com ele.”

(mbya – Dooley, 1991, p. 46-47)

Essa interpretação deriva do fato de que o autor considera a forma *r* uma consoante epentética introduzida por razões fonológicas. Outra abordagem do fenômeno, como a de Martins (2003), trata a forma *r* em (28b) como um prefixo relacional e não vê qualquer padrão de concordância reduzido. Segundo tal análise, nesse caso não haveria padrão reduzido de concordância do V2

De qualquer forma, o padrão de concordância dos V2 é peculiar, em comparação com o padrão geral, no que diz respeito aos verbos transitivos que composicionalmente se tornam causativos. Nesses casos, efetivamente não há nenhuma marcação de concordância com os objetos, pois a forma *i-* é empregada junto ao V2 independentemente da pessoa do discurso do seu sujeito agente. Nos exemplos abaixo, (29a) mostra esse uso para a 1ª pessoa; em (29b), a segunda

(29) a. *Xeru xemopu 'ã imo 'ãmy*

1SG-father 1SG-CAUS-rise 3-CAUS-stand-V2

1SG-pai 1SG-CAUS-subir 3-CAUS-ficar.em.pé-V2

“My father made me rise and [I] stand up.”

“Meu pai me fez levantar e [eu] ficar em pé.”

b. *Ava nemongaru imoĩny*

Man 2SG-CAUS-eat 3-CAUS-sit-V2

Homem 2SG-CAUS-comer 3-CAUS-sentar-V2

“The man made you sit down and [you] eat.”

“O homem fez você sentar e [você] comer.”

(mbya – Dooley, 1991, p. 47)

Outra forma de interpretar esses dados é apresentada por Vieira e Baranger (2021, p. 16), em consonância com a análise de Martins (2003) sobre os prefixos

restritiva, tirando do rol das CVSs estruturas com sequências formadas por verbos transitivos e intransitivos ou só por verbs intransitivos. Portanto, aquela hipótese deve ser desconsiderada. No contexto do guarani mbya, se classificarmos as estruturas multiverbais como seriadas, a hipótese de Baker não se sustenta. Dooley (1991, p. 50) relata que analisou 176 sentenças multiverbais, das quais 11 eram compostas por V1 e V2 transitivos, 57 por V1 transitivo e V2 intransitivo e 108 por V1 e V2 intransitivos. Os dados em (31a-c) ilustram essas possibilidades.

- (31) a. *Orenhou orongueruvy.*
 1PL.EXCL-find 1PL.EXCL-COM-come-V2
 1PL.EXCL-encontrar 1PL.EXCL-COM-vir-V2
 “I found you and brought you back with me.”
 “Eu encontrei você e trouxe você comigo.”
 (mbya – Dooley, 1991, p. 47)
- b. *Perata ogatapa oikovy.*
 Money 3-spend-all 3-be-V2
 Dinheiro 3-gastar-tudo 3-ser-V2
 “He went around spending all the money.”
 “Ele foi gastando o dinheiro todo.”
 (mbya – Dooley, 1991, p. 51)
- c. *Apu’ã a’ãmy.*
 1SG-stand.up 1SG-stand-V2
 1SG-ficar.em.pé 1SG-ficar.em.pé-V2
 “I stood up and remained on my feet.”
 “Eu levantei e fiquei em pé.”
 (mbya – Dooley, 1991, p. 36)

Entretanto, não há registro de estruturas com V1 intransitivo e V2 transitivo, assim como de estruturas com argumentos externos diferentes, um para cada verbo. Portanto, a partir dos dados analisados, é possível afirmar que, nas construções

multiverbais do guarani mbyá, V2 não seleciona sozinho um argumento interno e os dois verbos necessariamente compartilham o argumento externo. De fato, essas generalizações estão de acordo com o que se descreveu no capítulo 3 para as CVSS assimétricas.

4.2.7.

Prosódia de monossentença

Dooley (1991) analisou as construções [V1 V2] à luz da sua fonologia, especificamente quanto ao seu padrão acentual. A esse respeito, Dooley indica que o V2 não recebe acento primário, apenas um acento secundário na sua última sílaba, como ilustra (32)³⁹.

- (32) *Avy!!'a aiko!vy.*
 1SG-be.happy 1SG-be-V2
 1SG-ser.feliz 1SG-estar-V2
 “I live happy.”
 “Eu vivo/sou feliz.”

(mbya – Dooley, 1991, p. 39)

Em termos gerais, a unidade prosódica do guarani mbya corresponde a um sintagma que é constituinte de sentença (Dooley, 1991, p. 39). O padrão de distribuição de acento da língua é predominantemente de sílaba final, sendo que morfemas funcionais, como posposições, clíticos e conjunções subordinativas, não podem receber acento primário. Dentro da unidade prosódica, o acento primário recai sobre a sílaba mais à direita que puder recebê-lo, e o acento secundário incide em sílabas alternadas à esquerda do acento primário ou em alguns clíticos polissilábicos que ocorrem à direita do acento primário, o que se vê em (33).

³⁹ Nos exemplos (29-30), que contêm o fonema da consoante glotal, representada na escrita do mbya pelo apóstrofo (‘), para fins de desambiguação, os dois pontos de exclamação (!!) indicam o acento primário, e o ponto de exclamação simples (!), o acento secundário.

- (33) *Xe!ra 'y!xy ra!!moĩ rupi!ve*
 my wife grandfather along with
 minha esposa avô junto com
 “along with my wife's grandfather”
 “junto com o avô de minha esposa”
 (mbya – Dooley, 1991, p. 39)

Enfim, a comparação entre os padrões acentuais encontrados nos exemplos acima revela que a distribuição de acento na construção sintática de [V1 V2] é análoga àquela que se verifica no caso da posposição *rupive* (“junto com”), um elemento polissilábico que ocorre à direita do acento primário e é marcado com acento secundário. O fato de o mesmo fenômeno ocorrer nas construções [V1 V2] indica que V2 está na mesma unidade prosódica que V1; ou seja, a construção [V1 V2] fonologicamente se comporta como um único constituinte sintático (Dooley, 1991, p. 40).

4.3. Conclusão do capítulo

Com base nos dados apresentados neste capítulo, concluímos que as construções multiverbais do guarani mbya aqui analisadas são construções seriadas assimétricas. Nessas estruturas, verificam-se as seguintes propriedades comumente atribuídas as CVSs:

- a) ausência de elemento coordenador ou subordinador;
- b) contiguidade verbal, sendo possível apenas informações de TAM intervindo entre V1 e V2;
- c) compartilhamento do argumento externo e, se V1 e V2 forem transitivos, também do argumento interno;
- d) compartilhamento de informações de tempo, aspecto e modo;

- e) espalhamento da concordância na sequência, ainda que com redução em V2;
- f) semântica de evento único;
- g) aspectos prosódicos de monossentença.

Diferentemente do que se observa em CVSs típicas, nas estruturas multiverbais em análise o escopo da negação pode ser restrito, incidindo apenas sobre V1. Essa propriedade é inesperada, porém outros autores têm observado o mesmo tipo de escopo em seriadas assimétricas. Por exemplo, Rodrigues (2024) observa que, nas CVSs assimétricas do dialeto do português brasileiro falado no Triângulo Mineiro, a negação pode ocorrer depois de V1, com escopo restrito, apenas sobre V2, como em (34), abaixo.

- (34) Eu corri não abri a porta para ele.
 “[Eu prontamente [não abri a porta para ele.]]
 (Rodrigues, 2024, p. 383)

Nesta pesquisa, as construções multiverbais do guarani mbya são consideradas CVSs, ainda que se reconheça a necessidade de aprofundamento nos estudos sobre essa questão, particularmente sobre a sintaxe da negação na língua e suas características em estruturas seriadas. Outro aspecto peculiar do guarani mbya é o sufixo {-Cy}, discutido na seção 4.2.1. Em concordância com Veira e Baranger (2021), concluímos que {-Cy} se trata de um morfema serializador.

No próximo capítulo, serão apresentadas as análises sintáticas disponíveis na literatura para as CVSs e, com base nelas, a sintaxe das construções seriadas do guarani mbya será discutida.

5. A sintaxe das CVSs

Este capítulo apresenta propostas anteriores de análise sintática das CVSs, a fim de esboçar um panorama dos desenvolvimentos teóricos sobre o assunto. Após a exposição dessas propostas, apresenta-se uma proposta original para explicar o fenômeno da serialização verbal à luz dos dados do guarani mbya.

5.1. Panorama das análises formais propostas para as CVSs

A primeira análise formal das CVSs é a contribuição de Stewart (1963). Analisando dados do iorubá, o autor propõe que ocorre um “efeito de apagamento do objeto” (Object Deletion Effect) nos casos em que dois ou mais verbos transitivos estão linearmente sequenciados, compartilhando um só objeto, como em (1), abaixo. Nessa perspectiva, o objeto direto de V2 (V3...Vn) seria apagado da sentença no componente transformacional.

- (1) a. *Wón bù omi mu'*
 They pour water drink
 Eles servir.líquido água tomar
 “They poured water and drank it.”
 “Eles serviram água e tomaram.”
 (iorubá – Stewart, 1963 *apud* Cole, 2016, p. 17)

No entanto, essa análise com “efeito de apagamento do objeto” foi descartada ainda dentro do modelo de Regência e Ligação, uma vez que contraria o Princípio da Projeção, segundo o qual a categoria de certo item lexical deve ser preservada no curso da derivação de uma sentença (Chomsky, 1981, p. 38)⁴⁰. Após

⁴⁰ Princípio da Projeção (The Projection Principle – Chomsky, 1981, p. 38):
 - Suponha que α seja uma categoria lexical e β esteja na posição de um argumento;

isso, diferentes análises foram feitas no interior da teoria gerativa com o intuito de explicar as CVSs, seja com base em uma língua específica, seja com base em estudos translinguísticos.

Muysken & Veenstra (2006) compilaram as principais questões levantadas pelas CVSs. A primeira questão talvez seja mesmo uma dualidade entre explicações baseadas em processos sintáticos e explicações baseadas em operações lexicais na estrutura argumental dos verbos. Naturalmente, essas explicações precisam lidar com o fenômeno aparente do compartilhamento de argumentos entre os verbos seriados. Também é preciso refletir sobre qual a configuração sintática das sentenças seriadas, se é que há uma, e sobre qual ou quais os correspondentes de CVSs em línguas não serializadoras. Finalmente, é necessário elaborar explicações para o fato de que esse tipo de sentença se manifesta em algumas línguas, mas não em outras.

As próximas subseções deste capítulo se dedicam à discussão das principais propostas de análise sintática das CVSs, começando pelas estruturas com ramificação ternária (5.1.1.), considerando estruturas com adjunção de SVs (5.1.2.) e com subordinação (5.1.3.) e culminando com estruturas com especificação de núcleos funcionais (5.1.4.). Todas essas propostas se baseiam em duas operações sintáticas do Programa Minimalista (Chomsky, 2014, 2004), a concatenação de conjuntos (*set merge*) e a concatenação de pares (*pair merge*). A coordenação e a adjunção resultam da concatenação de pares (*pair merge*), ao passo que a subordinação é gerada pela concatenação de conjuntos (*set merge*), com um dos constituintes sendo projetado e definindo a categoria do novo conjunto formado.

5.1.1.

Análises com estruturas ternárias

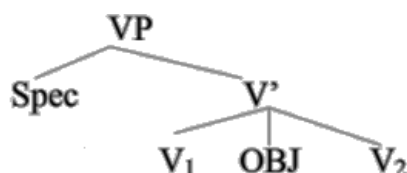
Muysken *et al.* (1978), Sebba (1987) e Baker (1989) postularam estruturas com ramificação ternária para explicar a serialização verbal. Baker (1989) propõe

-
- Se β é um constituinte imediato de uma projeção de nível de uma barra de α em algum nível sintático, então α θ -marca β em $\alpha 0$;
 - Se α θ -marca β como uma propriedade lexical, então α θ -marca β em todos os níveis sintáticos.

a estrutura (2), representada pela Figura 8, que inaugurou a hipótese do compartilhamento de objeto (OSH).

(2)

Figura 8: Estrutura proposta por Baker (1989) para o compartilhamento de objetos - OSH

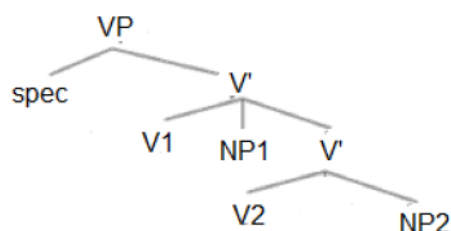


Fonte: Baker (1989).

A hipótese defendida por Baker pressupõe que, nas CVSs, os núcleos verbais projetam um só SV e compartilham obrigatoriamente seus argumentos internos (ver seção 2.4.6.). Nessa configuração, a atribuição de papel temático ao objeto seria feita de forma dupla, pelos dois verbos seriados. De qualquer forma, cabe observar que essa análise não exclui a possibilidade de serialização de verbos com valências diferentes, conforme a estrutura (3), representada na Figura 9, em que V2 é bitransitivo e compartilha apenas o NP1, seu objeto direto, com V1.

(3)

Figura 9: Exemplo de serialização verbal entre verbos com valências diferentes



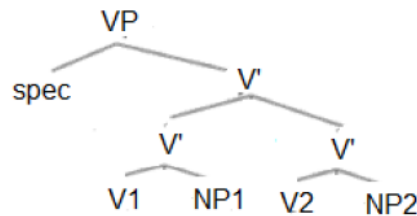
Fonte: Baker (1989).

Baker (1989) também analisou sentenças semelhantes, mas que descrevem dois eventos distintos, as quais tratou como casos de coordenação encoberta.

Segundo o autor, a estrutura dessas sentenças é como (4), representada pela Figura 10, sem compartilhamento de argumentos⁴¹.

(4)

Figura 10: Estrutura de coordenação encoberta, sem compartilhamento de objeto



Fonte: Baker (1989).

Uma das críticas a essa proposta (Agbedor, 1994, p. 124) é que ela é incapaz de explicar a ocorrência de CVSs assimétricas, já que, sendo V2 intransitivo, não há compartilhamento de argumento interno. Um exemplo como (5) – CVSs assimétrica – teria que ser tratado como um caso de coordenação encoberta. Afinal, Baker (1989) não elabora uma distinção clara entre essas duas possibilidades.

- (5) *Xevia dzò dzó*
 Bird fly go
 Ave voar ir
 “The bird flew away.”
 “A ave voou embora.”

(ewe – Agbedor, 1994, p. 124)

Outra questão controversa associada à hipótese do compartilhamento de objeto (Baker, 1989) é que ela viola a restrição de estrutura coordenada (CSC, ver seção 2.4.1.), razão pela qual recebeu diversas críticas (Byrne, 1991; Agbedor, 1994; Collins, 1997; Durie, 1997; Aboh 2009, 2018). Nesse aspecto, a deficiência

⁴¹ Nesse caso, Baker (1989) propõe uma alteração no Critério Theta (Chomsky, 1981) de modo a permitir que V1 e V2 atribuam papel-θ para o argumento interno de V1 e argumento externo de V2, como na estrutura em (2). Essa alteração, porém, não consegue prever a atribuição correta de papéis temáticos em sentenças com a estrutura de (4).

da proposta de Baker (1989) é que não explica por qual razão as CVSs são insensíveis ao CSC (6a, repetido de 13a, da seção 2.4.1.), e as coordenadas sensíveis a essa restrição (6b).

- (6) a. *San Kofi teki a nefi koti _ ?*
 What Kofi take a knife cut
 O que Kofi pegar a faca cortar
 “What did Kofi cut with the knife?”
 “O que Kofi pegou-cortou com a faca?”
 (sranan – Sebba, 1987, p. 100-101))
- b. **What sofa will he put the chair between some table and _?*
 (inglês – Ross, 1967, p. 158)

Aboh (2009, 2018) também apresenta evidências do gungbe contra a hipótese de que o compartilhamento de argumento interno seja uma condição de formação de uma CVS. Aboh (2009) defende que há mais posições sintáticas entre V1 e V2 do que prevê a análise de Baker (1989), nas quais podem ocorrer argumentos internos, marcadores de TAM, advérbios, clíticos e elementos de negação (conforme discutido na seção 2.4.5.).

Além disso, a dificuldade de explicar casos a retomada pronominal é outro problema empírico que enfraquece a estrutura sintática proposta por Baker (1989), apresentada em (2-4). Por exemplo, a estrutura em (2) não permite explicar uma sentença como (7), abaixo, em ghómálá’ (família nigero-congolesa, Camarões), na qual ocorre um pronome resumptivo (ê) pós-V2.

- (7) *Tǎnjâ yàm Síṁō fwó é*
 Tagne arrest Simo hit 3SG.ACC
 Tagne prender Simo bater 3SG.ACC
 “Tagne arrests Simo and hits him.”
 “Tagne prende Simo (e) bate nele.”

(ghómálá’ –Foko, 2020, p. 25)

Finalmente, de um ponto de vista teórico, postular estruturas ternárias contraria diretamente a binaridade estrutural (Kayne, 2016) e demanda que a parametrização das línguas naturais seja diferenciada conforme o tipo estrutura que elas licenciam: línguas serializadoras licenciariam ramificações ternárias, ao passo que línguas não serializadoras licenciariam apenas ramificações binárias. Em princípio, isso também implica prever que as línguas serializadoras, que supostamente licenciariam estruturas ternárias, licenciariam esse tipo de estrutura também em outros domínios estruturais (Larson, 2011), como SDet e Sprep, o que não se verifica.

5.1.2.

Análises com adjunção

Outras tentativas de explicação do fenômeno da serialização propuseram configurações similares à da coordenação (Agbedor, 1994; Baker & Stewart, 2002; Muysken & Veenstra, 2006). Quanto às restrições impostas pelo CSC, Muysken & Veenstra (2006) defendem que elas se aplicariam apenas a estruturas com coordenação simétrica. Para os autores, as CVSs não seriam afetadas por tais restrições por serem estruturas coordenadas assimétricas.

Análises mais recentes indicam que a estrutura das coordenadas assimétricas envolve adjunção de constituinte, conforme Munn (1992)⁴². Essa visão sobre as estruturas de coordenação permitiu reconfigurar a proposta de Baker (1989), considerando V2 como um adjunto de V1 e o compartilhamento de argumentos como um fenômeno provocado por operadores nulos (Law & Veenstra, 1992; Veenstra, 1993; Muysken & Veenstra, 1994; Muysken & Veenstra, 2006; Hale, 2011; Larson, 2011). Assumindo que a estrutura das CVSs envolve a adjunção de

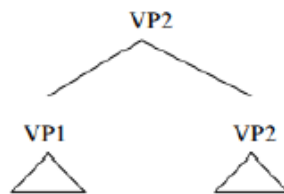
⁴² Até o presente momento, a diferença estrutural entre coordenação e adjunção não é totalmente clara, sendo uma área em desenvolvimento. Para Munn (1992), coordenadas são estruturas de adjunção.

SVs, há duas configurações possíveis, SV1 adjunto de SV2 ou o contrário, SV2 adjunto de SV1.

Respeitando as relações de dominância entre nós mais altos e mais baixos da estrutura sintática, determinar qual SV é adjungido ao outro é importante porque implica diferentes restrições sintáticas. Muysken & Veenstra afirmam que CVSs são casos de adjunção de SV1 a SV2, devido à possibilidade de o argumento interno de V1 atuar como antecedente para um pronome na posição de objeto de V2, como ocorre em (7), acima. Assim, Muysken & Veenstra (1994) propõem a estrutura (8), representada pela Figura 11, abaixo, como molde das CVSs.

(8)

Figura 11: Proposta de estrutura de adjunção para CVS

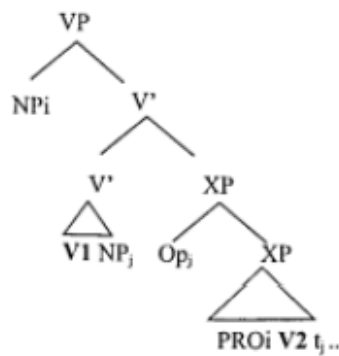


Fonte: Muysken & Veenstra (1994)

Muitas das propostas de adjunção mantêm a hipótese de OSH (Baker, 1989). Benedicto *et al.* (2018, p. 114 *apud* Souza, 2023, p. 196) defendem que o compartilhamento do objeto do V1 seria mediado por um operador nulo coindexado ao objeto de V1 e adjungido ao sintagma encabeçado por V2, conforme (9), ilustrado pela Figura 12, abaixo.

(9)

Figura 12: Estrutura de adjunção para CVS com compartilhamento de objeto



Fonte: Benedicto *et al.* (2018, p. 114 *apud* Souza, 2023, p. 1960).

Essa proposta também é defendida na literatura por Larson (2011), Law & Veenstra (1992), Hale *et al.* (1993), Baker & Stewart (1999, 2002) e Muysken & Veenstra (2006). Deve-se observar que, em (9), acima, também ocorre o compartilhamento do argumento externo, realizado via inserção de PRO, uma categoria vazia controlada pelo argumento externo de V1, na posição [spec, SX].

Há evidências, também, para se rejeitar a hipótese de adjunção de SV2 a SV1. Nas análises propostas com estruturas de adjunção, destaca-se o uso *ad hoc* de categorias vazias (operadores nulos e PRO), sem justificativas claras ou evidências independentes que motivem a inserção desses itens na estrutura (Souza, 2023). Cleary-Kemp (2015) argumenta, com base em dados de koro (família sino-tibetana, Índia), que os adjuntos deveriam ser permutáveis nesse tipo de estrutura, mas isso não ocorre em CVSs assimétricas, em que a inversão entre V1 e V2 resulta agramatical, como demonstra o contraste (10a-b).

- (10) a. *You Ø ngap i mul le kor*
 1SG.SUJ REAL run REAL 3SG return go.to village
 1SG.SUJ REAL correr REAL 3SG voltar ir.para vilarejo
 “I ran back to the village.”
 “Eu voltei correndo para o vilarejo.”

- b. **You Ø ngap le kor i mul*
 1SG.SUJ REAL run go.to village REAL 3SG return
 1SG.SUJ REAL correr ir.para vilarejo REAL 3SG voltar
 (koro – Cleary-Kemp, 2015, p. 235)

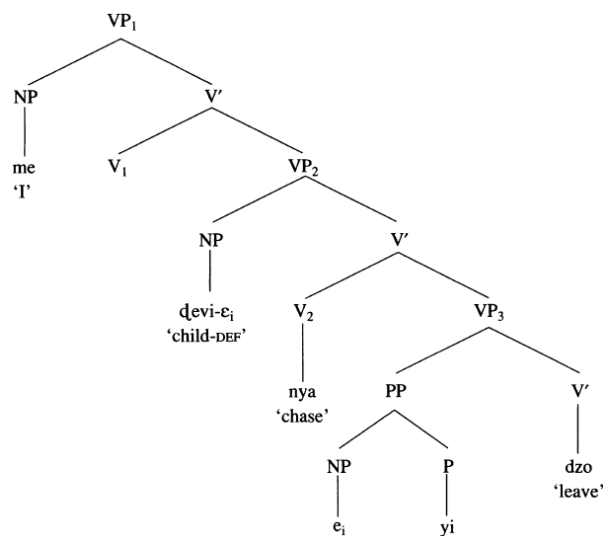
5.1.3. Análises com subordinação

Também houve diversas tentativas de explicar a serialização verbal como um fenômeno de subordinação de SVs (Collins, 1997, 2002; Nishiyama, 1998; Carstens, 2002; Baker & Stewart, 2002; Larson, 2011; Stewart, 2013). Essas análises supõem que CVSs são formadas a partir da concatenação de pares (*pair merge*), em que V2 é um complemento de V1. Para uma sentença como (11), abaixo, Collins (1997, p. 474) propõe a estrutura em (12), representada pela Figura 13.

- (11) *Me nya devi-ci dzo [eci (yi)].*
 I chase child-DEF leave P
 Eu perseguir criança-DEF sair P
 “I chased the child away.”
 “Eu segui a criança para longe.”
 (ewe – Collins, 1997, p. 474)

(12)

Figura 13: Proposta de estrutura de subordinação para CVS



Fonte: Collins (1997).

Collins (1997) hierarquiza a estrutura ternária proposta por Baker (1989) ao explicar o compartilhamento do argumento interno entre V1 e V2 por meio do controle obrigatório de um pronome nulo (*pro*). Segundo o autor, a partícula *yi* é sempre presente nas CVSs em ewe – ora fonologicamente realizada, ora nula – e atribui Caso inerente a sintagmas nominais. Efetivamente, a presença dessa partícula é que possibilitaria a marcação de Caso inerente à categoria vazia *pro* na estrutura postulada.

Uma abordagem semelhante é feita por Baker & Stewart (2002), que propõem a inserção ou não de diferentes categorias vazias em diferentes posições argumentais conforme o tipo semântico da CVS. A proposta dos autores consiste em que as relações de sentido expressas pelas CVSs seriam resultantes de configurações sintáticas específicas. Os exemplos (13a-c), abaixo, ilustram respectivamente CVSs de Consequência (CSVC), de Resultado (RSVC) e de Propósito ou Finalidade (PSVC).

(13) a. *Òzó ghá gbè èwé khièn.*

Ozo FUT hit goat sell

Ozo FUT bater cabra vender

“Ozo will kill the goat and sell it.”

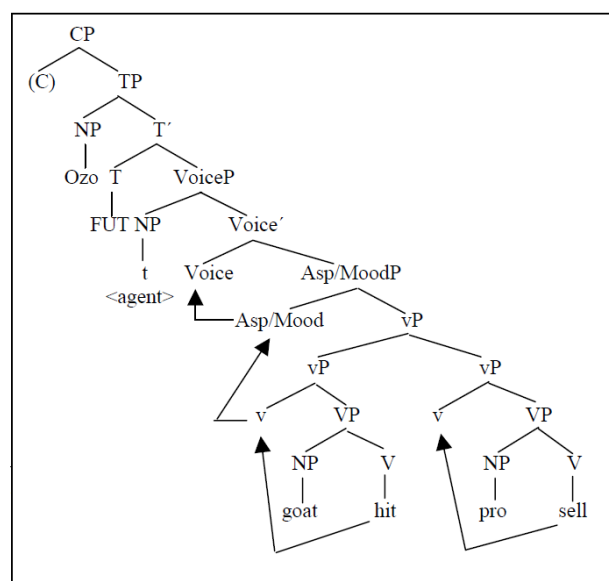
“Ozo vai matar e vender a cabra.”

- b. *Òzó ghá gbè èwé wù.*
 Ozo FUT hit goat die
 Ozo FUT bater cabra morrer
 “Ozo will strike the goat dead.”
 “Ozo vai bater matar a cabra.”
- c. *Òzó ghá mièn iyán èvá lé.*
 Ozo FUT find yam two cook
 Ozo FUT encontrar inhame dois comer
 “Ozo will find two yams to cook (and do so).”
 “Ozo vai encontrar dois inhames para cozinhar (e cozinhar).”
 (edo – Baker & Stewart, 2002, p. 2-3)

Para essas sentenças, os autores propõem as estruturas sintáticas em (14), ilustradas pelas Figuras 14, 15 e 16, abaixo, apresentadas na mesma ordem das sentenças: CSVC (Consequência), RSVC (Resultado), PSVC (Propósito ou Finalidade).

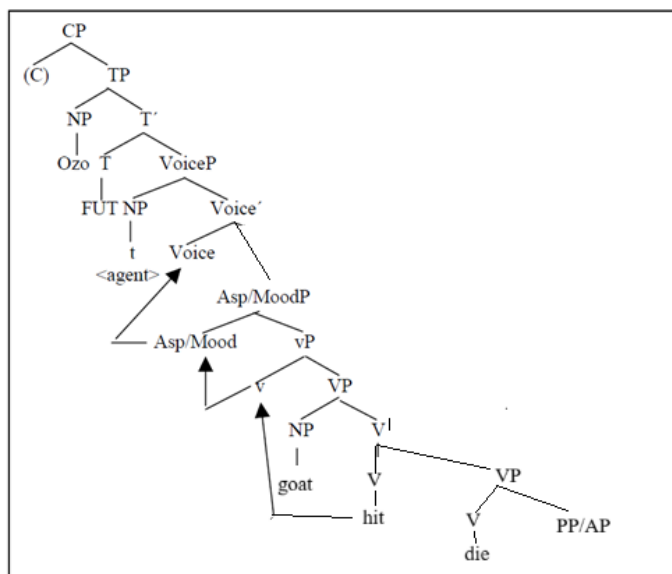
(14)

Figura 14: Estrutura de CSVC - CVS de Consequência



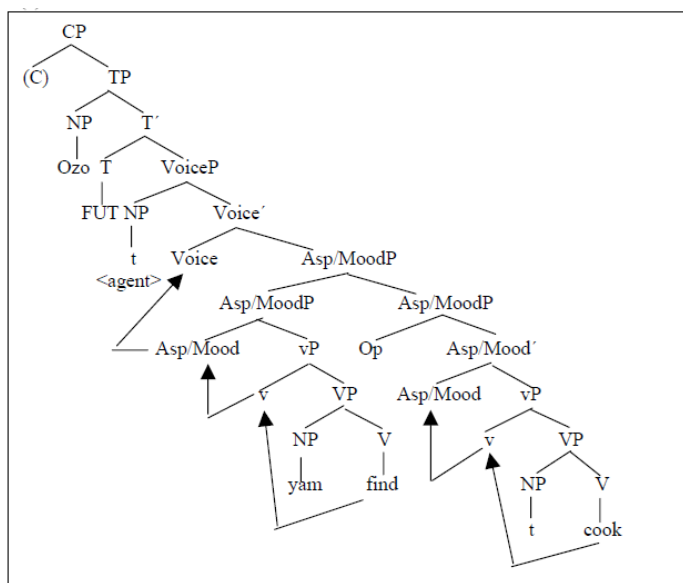
Fonte: Baker & Stewart (2002).

Figura 15: Estrutura de RSVC - CVS de Resultado



Fonte: Baker & Stewart (2002).

Figura 16: Estrutura de PSVC - CVS de Propósito



Fonte: Baker & Stewart (2002).

Conforme as estruturas que propõem, apresentadas acima, os autores sugerem que as RSVCs (Resultado) são construções subordinadas, enquanto as CSVCs (Consequência) e as PSVCs seriam estruturas de adjunção, com uma categoria nula na posição de argumento interno de V2 – *pro* no caso das CSVCs,

vestígio *wh-* no caso das PSVCs⁴³. Essa perspectiva, que assume análises diversas para dar conta de explicar um fenômeno multifacetado, parece renunciar à tentativa de caracterizar e explicar de forma geral a serialização verbal, investindo antes em um mosaico de explicações particulares.

Como se vê pelas diferentes propostas apresentadas acima, a proposição de categorias nulas foi bastante produtiva no contexto da teoria da Regência e Ligação (Chomsky, 1981, 1986). Porém, o objetivo do Programa Minimalista de entender a natureza dessas categorias constituiu um novo desafio. Afinal, uma análise como a de Collins (1997) não esclarece o que é o *pro* controlado que propõe, por que razão e de que modo ele poderia fazer parte daquela estrutura na língua *ewe*.

Collins (1997) não apresenta evidências de que *ewe* seja uma língua de objeto nulo, além de não explicar de que forma o *pro* postulado poderia se comportar como um elemento nulo em outras estruturas. Outra questão dessa análise (Collins, 1997) é que, estruturalmente, parece não haver configuração de controle, pois o antecedente do *pro* se encontra no mesmo domínio sentencial do elemento que o controlaria – violando, portanto, o Princípio B da teoria da Regência e Ligação (Chomsky, 1981, 1986). A argumentação de Collins (1997) é que *pro* seria uma anáfora nula, mas o autor não apresenta evidências independentes de ocorrência de anáforas nulas na língua. Além disso, permanece em aberto (Collins, 1997, p. 474) a questão de por que a partícula *yi* ocorre sempre no final da sentença, em posição pós-V2, sendo gerada em posição estrutural anterior à V2.

5.1.4.

CVSs como estruturas com especificação de núcleos funcionais

Aboh (2009) refina as propostas de Collins (1997, 2002) e defende não a subordinação de SVs, mas sim um processo de especificação de núcleos funcionais como o padrão sintático subjacente às CVSs. Inicialmente, Aboh exclui a necessidade de haver compartilhamento de argumentos para a caracterização de CVSs, considerando que, nos processos de serialização verbal, um dos verbos

⁴³ Stewart (1998) e Baker & Stewart (1999, 2002) apresentam evidências e argumentam no sentido de que as CVSs seriam manifestações de diferentes estruturas sintáticas, contrapondo-se a um tratamento unificado do fenômeno, como Baker (1989).

funciona como um verbo gramatical e, nesse sentido, não projeta uma estrutura argumental plena. Abaixo, apresentam-se uma sentença em gungbe (15a) e sua estrutura (15b), representada pela Figura 17, conforme proposta de Aboh (2018, p.4) (Souza, 2023, p. 204).

(15) a. *Àsibá qà lésì qù.*

Asiba cook/prepare/made rice eat

Asiba cozinhar/preparar/fazer arroz comer

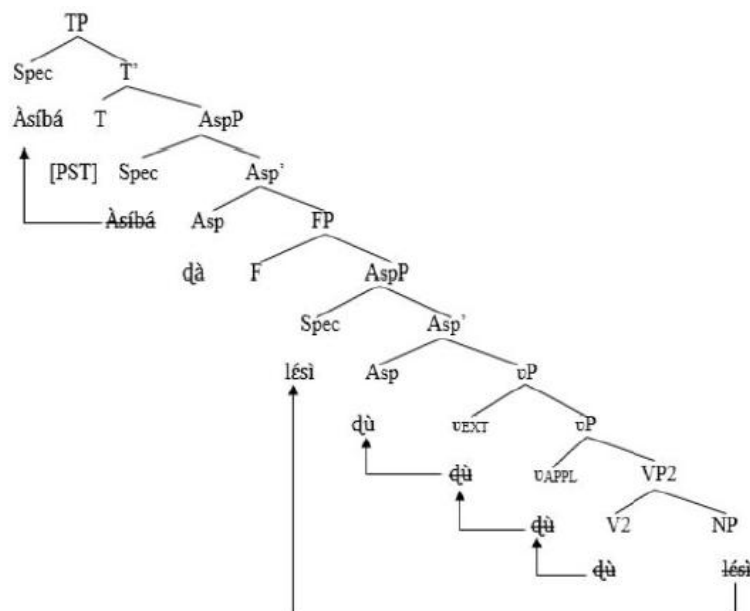
“Asiba cooked/prepared/made the rice eat [i.e., she ate the rice].”

“Asiba cozinhou/preparou/fez o arroz comer. [i.e., ela comeu o arroz.]”

(gungbe – Aboh, 2018, p. 4)

b.

Figura 17: CVS com V1 como núcleo de Aspecto



Fonte: Souza (2023, p. 204).

Na estrutura postulada, V1 realiza o núcleo de aspecto, que toma como complemento toda a estrutura projetada por V2; nessa configuração, V2 seria movido para uma projeção de aspecto intermediária. De fato, Aboh (2018) propõe estender as projeções de V2, permitindo a ocorrência de categorias funcionais, como AspP e FP, entre V1 e V2. Nessa proposta, o objeto direto da sentença é gerado como complemento de V2 e, depois, movido para o especificador do AspP mais baixo, posição na qual ocorreria a checagem de um traço EPP (Chomsky, 2014).

Essa análise parte do problema da entrada lexical em CVSs enunciado por Awóyalé:

Cada sentença contendo uma construção verbal seriada deve, antes de tudo, ser examinada em relação às entradas léxicas completas dos verbos individualmente, especialmente as suas estruturas argumentais, para que possamos determinar exatamente qual a contribuição de cada verbo para o todo. A isso vamos nos referir como o problema de entrada lexical.⁴⁴

(Awóyalé, 1988, p. 1 apud Aboh, 2018, p. 2)

Embora a literatura não tenha se debruçado sobre esse problema com a ênfase indicada pelo seu autor, Aboh (2018) chama a atenção para ele e o reformula, instaurando dúvida sobre o estatuto dos verbos quando selecionados para formar uma CVS, ainda que possam atuar como verbos principais em sentenças independentes. O fato de que, em muitas línguas serializadoras (inclusive gungbe, que embasou essa análise de Aboh, e mbya, como se vê no capítulo 3 desta dissertação), a posição de V1 deve ser preenchida por um conjunto restrito de verbos, cujo comportamento em termos de restrições de seleção difere de quando os *mesmos* verbos encabeçam predicados como verbos principais, reforça a dúvida instaurada por Aboh.

Sendo assim, Aboh assume que V1 não atribui nenhum papel temático para o SN à sua direita e que este SN não cumpre função temática de tema de V1, atuando somente como um argumento interno de V2. Segundo essa proposta, a relação temática do objeto é exclusivamente com V2, e V1 é apenas um item funcional que

⁴⁴ “Every sentence containing a serial verb construction should first of all be looked at in relation to the full lexical entries of the individual verbs, especially their predicate argument structures, so that we ascertain exactly what each verb contributes to the whole. This we will refer to as the lexical entry problem.”, no original. Tradução do autor.

denota o modo pelo qual o evento expresso por V2 é realizado. Isso significa, então, que as CVSs são estruturas nas quais um verbo lexical pleno participa da derivação como um item funcional (um verbo funcional), esvaziado das propriedades argumentais e semânticas que costuma carregar enquanto verbo. Desse modo, a exata concepção de “verbos seriados” seria um equívoco, visto que não se tratariam de dois verbos seriados, mas apenas de um verbo e de um item funcional – homônimo a um verbo, porém esvaziado.

A proposta de Aboh (2009), portanto, implica a inexistência de uma estrutura sintática específica para as CVSs, que são vistas como as demais sentenças de cada língua. Em outra direção, a proposta enfrenta a questão do parâmetro serializador para as línguas naturais apontando que as CVSs devem estar disponíveis apenas em línguas nas quais é possível usar um verbo como marcador de aspecto. Ou seja, o que determinaria a possibilidade de uma língua formar CVSs seria uma propriedade relativa à entrada lexical dos seus verbos, e não a configurações sintáticas particulares.

Em trabalhos mais recentes (Aboh, 2015, 2018), o autor refina sua proposta anterior (Aboh, 2009), aproximando as CVSs de construções com verbos de complemento inerente (Nwachukwu, 1987; Essegbey 1999, 2004, 2009) e reforçando a estrutura proposta em (15b). Aboh baseia a sua argumentação em uma sentença como (16), apresentada abaixo.

(16) *Kòfí nọ dọ wẹ̀zùn ganjí.*

Kofi HAB V[plant] race well

Kofi HAB V[plantar] corrida bem

“Kofi often runs well.”

“Kofi geralmente corre bem.”

(gbe – Aboh, 2018, p. 15)

Na análise da sentença (16), Aboh afirma que *dọ* (“V[plantar]”) é um verbo leve (v) que seleciona um SV vazio. O núcleo V vazio, desse SV, embora sem realização morfofonológica, pode ter propriedades semânticas e seria responsável

por licenciar um SD como *wèzùn* (“corrida”). Para Aboh (2018, p. 16), portanto, a semântica desse tipo de construção deriva do complexo [v + N] incorporado ao V. Assim, o autor entende que línguas como gbe apresentam um conjunto de verbos que podem ocorrer em posições funcionais (v e Asp, por exemplo); a hipótese é que, em CVSs, V1 seja inserido como núcleo de aspecto, portanto na periferia da estrutura argumental projetada por V2, o verbo lexical propriamente dito da construção.

Cleary-Kemp (2015) contesta as análises de Aboh na medida em que elas não explicam o motivo para apenas um dos componentes verbais de uma CVSs poder atuar como verbo principal. A crítica da autora é que essa proposta exige duplicação de entradas lexicais e não explicita a razão para V1 ser selecionado como um verbo funcional nas CVSs (Cleary-Kemp, 2015, p. 223). Entretanto, deve-se observar que a gramaticalização de itens lexicais é um processo comum em línguas naturais, como se vê nos exemplos (17a-b), abaixo, em que o verbo “pegar”, do português brasileiro, ocorre ora como um verbo pleno (17a), ora como um item gramatical (17b), instanciando a categoria de verbo leve ou de aspecto (Pederneira, 2014; Rodrigues, 2023).

(17) a. A Maria pegou o livro que estava na estante.

b. A Maria pegou uma gripe.

(Pederneira, 2014 *apud* Souza, 2023, p. 207)

O centro da proposta de Aboh (2009) é que a serialização verbal é uma manifestação que só ocorre em línguas nas quais há gramaticalização de verbos, os quais passam a apresentar entrada lexical dupla. Essa proposta não gera nenhum problema relativo ao funcionamento da gramática nem impõe um custo excessivo à formação do léxico da língua (Souza, 2023).

A seguir, apresentaremos uma análise para CVSs com foco nos dados de guarani mbya.

5.2.

Seriadas em Mbyá: V2 como realização de aspecto

Conforme apresentado no capítulo 4, guarani mbya apresenta CVSs assimétricas, como já ilustrado pelo exemplo (18), abaixo.

- (18) *Kuaxia aexa ainy.*
 paper 1SG-see 1SG-be.located-V2
 papel 1SG-ver 1SG-estar.localizado-V2
 “I’m reading seated.”
 “Estou lendo sentado (onde estou).”
 (mbya – Dooley, 1991, p. 32)

A discussão conduzida no capítulo 4 apresenta, também, as características gramaticais identificadas nas CVSs assimétricas existentes no guarani mbya, listadas em (19).

- (19)
- a. Presença do morfema serializador{-Cy};
 - b. Dois verbos seriados não contíguos, com o objeto direto e informações de tempo e modo podendo ocorrer entre V1 e V2 e com o morfema de modo podendo ser reduplicado em toda a sequência;
 - c. V2 com padrão de concordância reduzido;
 - d. Morfema descontínuo de negação parece circundar apenas V1;
 - e. Semântica de evento único;
 - f. Prosódia de monossentença.

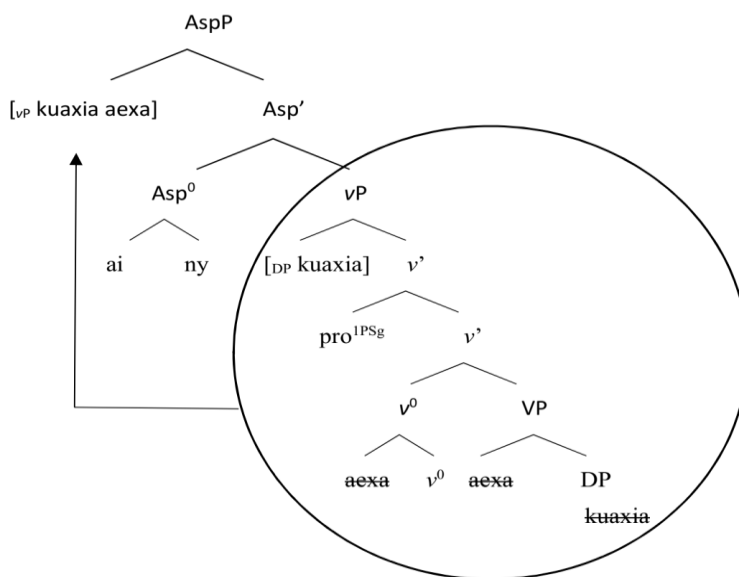
Com base nessas propriedades e nas propostas teóricas apresentadas acima para estruturas seriadas, propomos que as estruturas assimétricas do guarani-mbya são monossentenciais e apresentam uma estrutura argumental complexa em que uma categoria de aspecto decodificando ponto de vista é inserida na periferia da estrutura argumental projetada por V1.

A literatura sobre essas estruturas, assim como os dados da pesquisa de campo, indicam uma relação aspectual entre V1 e V2, com V2 adicionando sobre o evento denotado por V1 um suplemento informacional de movimento, posição, direção ou continuidade. A sentença em (18), por exemplo, pode ser traduzida para o português como “Eu estou lendo enquanto estou sentado.”

Neste momento, não dispomos de dados empíricos suficientes para propor uma análise sintática refinada, mas, com base nas propriedades em (19) e nos dados disponíveis, uma possível estrutura sintática para (18) seria (20) – Figura (18), abaixo. Nessa análise, o morfema {-Cy} realiza o núcleo da projeção de aspecto (SAsp), discutida acima, e V2 é inserido na estrutura como adjunto deste núcleo. O complexo assim formado apresenta um traço + eventivo, forçando o movimento de vP para o especificador de AspP.

(20)

Figura 18: CVS com morfema serializador como núcleo de Aspecto, com adjunção de V2.



Fonte: o autor.

Guarani-mbya é uma língua *pro-drop* com licenciamento de sujeito nulo via concordância rica de pessoa e número. Assim, a derivação em (20) se desenvolve da seguinte maneira: V1 (*aexa*) é concatenado com o DP *Kuaxia*, formando o VP

de base, que é, então, concatenado com *little v*, e um pronome nulo de 1PSg (*pro*), é inserido na posição de especificador de *little v*. Assumiremos aqui que o Guarani-mbya licencia alçamento do objeto (*object shift*) para o especificador do vP, formando, portanto, o vP representado em (20), que, em seguida, é concatenado com o marcador aspectual *-ny*, e V2 (*ai*) é inserido na derivação como adjunto de *-ny*. Dado que o complexo [V2 – Cy] tem um traço eventivo, o sistema computacional faz uma cópia do vP e a insere na posição de especificador de AspP. Quando a categoria funcional de T(empo) se concetena com o objeto sintático em (20), *pro* move-se para o especificador de T.

De acordo com (20), a relação estrutural entre V2 e os argumentos externos e internos de V1 é indireta, sendo a estrutura eventiva de V1 especificador do núcleo contendo V2. Portanto, é possível que, como se vê na estrutura acima, V1 apresente concordância reduzida com esses argumentos. Ainda, as propriedades monossentenciais observadas nas seriadas em análise derivam, de acordo com a nossa proposta, do fato de a estrutura em (20) estar abaixo de categorias funcionais como ST e SC.

A análise em (20) suscita pelo menos três observações necessárias. A primeira sobre a posição do objeto, a segunda sobre o escopo da negação e a terceira sobre informações de TAM. Como vimos no capítulo anterior, a posição do objeto varia, ocorrendo em posição pré-verbal ou pós-verbal. Temos, portanto, três configurações de ordem possíveis, apresentadas em (21):

- (21)
- a. [O V1 V2];
 - b. [V1 O V2];
 - c. [V1 V2 O];

Na estrutura em (20), estamos associando a posição pré-verbal com movimento do objeto para especificador de vP. Não iremos explorar esta questão em detalhe, pois não temos informações empíricas suficientes para testagem de hipóteses. No entanto, a pesquisa de Kiss & Thomas (2019) sugere que, em guarani mbya, um DP objeto em posição pré-verbal recebe leitura de informação velha (*i.e.*, denota uma entidade já inserida no contexto discursivo), enquanto um DP objeto

em posição pós-verbal tem leitura de informação nova (*i.e.*, denota uma entidade nova, ainda não inserida no contexto discursivo). Nossa hipótese, portanto, é que apenas DPs com informação velha se movem para o especificador de $\bar{y}P$. Assim, na sentença em (18), gerada pela derivação em (20), o DP *kuaxia* deve ter leitura de informação velha.

De acordo com nossa análise, a congiguração em (21b), exemplificada pelo dado em (22), ocorre quando o objeto não se move para o especificador de vP , permanecendo *in situ*, dentro do VP, e o vP , com a ordem interna [V1 O] se move para o especificador de AspP, gerando, portanto, a sequência [V1 O V2].

(22) *Xee a-Ø-exa huixava'e a-a -vy.*

I 1SG-3-see **chief** 1SG- go -SER

Eu 1SG-3-ver **chefe** 1SG-ir-SER

“I saw the chief, going.”

“Eu vi o chefe indo.”

(mbya – Vieira & Baranger, 2021, p. 16)

Nossa análise combinada com a conclusão de Kiss & Thomas faz a previsão de que, na configuração (21b), o objeto recebe leitura de informação nova. Essa previsão deve ser verificada em pesquisas futuras.

A configuração em (21c), exemplificada pelo dado em (23), apresenta um novo componente sintático: a presença do núcleo funcional aplicativo (Vieira, 2010). Deve-se observar que o DP *xe-r-a'y* é objeto de V1, embora esteja à direita de V2.

(23) *Xee a-ra-a a-iko-vy xe-r-a'y teko 'a-py.*

I 1SG-APPL-go 1SG-be-SER **1SG-REL-son** village-LOC

Eu 1SG-APPL-ir 1SG-ser-SER **1SG-REL-filho** aldeia-LOC

“I am taking my son to the village.”

“Eu estou levando meu filho para a aldeia.”

(mbya – Vieira & Baranger, 2021, p. 14)

Novamente, não analisaremos estas configurações em detalhe por não termos dados empíricos para testagem de hipóteses, mas uma possível análise para esta configuração envolve adjunção de V1 e V2 ao núcleo aplicativo, acima de AspP, com o objeto permanecendo dentro do domínio de AspP. O dado (24), abaixo, mostra que tanto V1 como V2 podem ser marcados com morfologia de aplicativo.

- (24) *Xee a -ra -a a- re -ko-vy xe-r-a'y teko'a-py.*
 I 1SG-APPL-go 1SG-APPL be-SER **1SG-REL-son** village-LOC
 Eu 1SG-APPL-ir 1SG-ser-SER **1SG-REL-filho** aldeia-LOC
 “I am taking my son to the village, having him with me”
 “Eu estou levando meu filho para a aldeia. Ele está comigo.”
 (mbya – Vieira & Baranger, 2021, p. 14)

Sobre o escopo da negação, os dados de Dooley (1991) e Vieira e Baranger (2021) entram em tensão. De acordo com Dooley, a negação bimorfêmica pode circundar apenas V1 ou V1-V2, como em (25a-b). Vieira e Baranger, em contraste, indicam que apenas V1 pode ser circundado, analisando, portanto, (25b) como agramatical.

- (25) a. *Ava nomba'eapoi oikovy*
 man **NEG-3-thing-do-NEG** 3-be-V2
 homem **NEG-3-coisa-fazer-NEG** 3-ser-V2
 “It is not true that the man is working (and this description of him has been the case over an extended period of time).”
 “O homem não está trabalhando. (E isso é verdade sobre ele durante longo período contínuo.)”
 b. *Ava nomba'eapo oikovyi*

man **NEG-3-thing-do 3-be-V2-NEG**

homem **NEG-3-coisa-fazer 3-ser-V2-NEG**

“It is not true that the man has been working for an extended period of time.”

“Não é verdade que o homem está trabalhando durante um longo período contínuo.”

(mbya – Dooley, 1991, p. 48)

Nesta fase da presente pesquisa, não é possível analisar a negação, pois não dispomos de dados para compreender a sua sintaxe em guarani mbya. Se a língua utilizar uma negação baixa, então, de acordo com a análise em (20), é possível que apenas a estrutura argumental de V1 (vP) seja circundada pelos morfemas de negação {*nd-...-i*}. Se, por outro lado, a negação da língua for alta, espera-se que V1 e V2 sejam circunadados. Essa permanece uma questão de pesquisa futura. Além disso, é necessário compreender o escopo semântico da negação, já que, para Dooley (25a-b), a língua licencia leituras com escopo restrito e amplo nas CVSs com negação.

Sobre a posição sintática das informações de tempo e modo, é possível afirmar que elas ocorrem ou entre V1 e V2 ou afixadas em V1 e V2, como exemplificado abaixo em (26a-b) e (27a-c).

(26) a. *Ajopou va'erã aikovy.*

1SG-other-visit thing-FUT 1SG-be-V2

1SG-outro-visitar coisa-FUT 1SG-ser-V2

“I will go about visiting people.”

“Eu vou por aí visitando pessoas.”

b. *Ejopou eikovy.*

2SG-IMP-other-visit 2SG-IMP-be-V2

2SG-IMP-outro-visitar 2SG-IMP-ser-V2

“Go about visiting people.”

“Vá por aí visitando pessoas.”

(mbya – Dooley, 1991, p. 49)

(27) a. *Kyrĩgue tovyypa okuapy.*

SMALL-COLL OPT-3-arise-all 3-be.PL-V2

PEQUENO-COL OPT-3-levantar-todos 3-ser.PL-V2

“May all of the children get up (*i.e.*, have good health)!”

“Que todas as crianças se levantem (*i.e.*, tenham boa saúde)!”

b. *Kyrĩgue tovyypa tokuapy.*

SMALL-COLL OPT-3-arise-all OPT-3-be.PL-V2

PEQUENO-COL OPT-3-levantar-todos OPT-3-ser.PL-V2

“May all of the children get up (*i.e.*, have good health)!”

“Que todas as crianças se levantem (*i.e.*, tenham boa saúde)!”

(mbya – Dooley, 1991, p. 49)

Dado que o mbya marca tempo por meio de itens lexicais livres, pode-se considerar que esses elementos sejam, na estrutura em (20), adjuntos à direita de Asp’, enquanto modo é uma categoria acima de aspecto, com realização morfológica de reduplicação.

5.3.

Conclusão do capítulo

Este capítulo considerou as análises mais relevantes sobre CVSs: propostas de estruturas com ramificação ternária (Muysken *et al.*, 1978; Sebba, 1987; Baker, 1989); propostas com estruturas de adjunção (Agbedor, 1994; Baker & Stewart, 2002; Muysken & Veenstra, 2006); propostas com estruturas de subordinação (Collins, 1997, 2002; Nishiyama, 1998; Carstens, 2002; Baker & Stewart, 2002; Larson, 2011; Stewart, 2013); e propostas de especificação de núcleos funcionais (Aboh, 2009, 2018). Após essa revisão, apresentou-se um esboço de análise centrada nos dados do guarani mbya, sugerindo que as CVSs dessa língua são

estruturas argumentais complexas, com manifestação sintática de uma categoria de aspecto de ponto de vista, realizada morfologicamente pelo morfema {-Cy}.

6. Conclusão

Esta dissertação versa sobre as construções multiverbais existentes no guarani mbya, avaliando a possibilidade de serem efetivamente CVSs, ou seja, estruturas com dois ou mais verbos sequenciados, sem conector (coordenador ou subordinador), com semântica de evento único, compartilhamento de informação funcional e de argumentos e prosódia monossentencial. Nesse sentido, a primeira parte do trabalho está dedicada à exposição dos principais aspectos gramaticais do idioma em questão, a fim de permitir a avaliação mais adequada possível das sentenças-alvo. Teve a mesma intenção a decisão de empreender pesquisa de campo com a colaboração de um falante nativo, que pôde oferecer a sua intuição linguística sobre o fenômeno estudado – algo que nenhum estudioso que conhece o mbya como língua estrangeira seria capaz de lograr sozinho.

Ainda que não tenha atingido todos os seus objetivos iniciais, especialmente quanto à criação de um banco de dados linguísticos da língua guarani mbya, esta pesquisa contribuiu para a descrição geral das construções multiverbais, considerando os exemplos do mbya como CVSs, e oferece a sua modesta contribuição para a descrição da língua em questão e para a compreensão teórica da serialização verbal. Dessa forma, as primeiras duas perguntas de pesquisa enunciadas na introdução foram respondidas afirmativamente: as estruturas multiverbais do mbya são CVSs e reforçam a hipótese de que a serialização verbal está ancorada em um processo lexical de gramaticalização dos verbos (Aboh, 2009). Sob essa perspectiva, as CVSs assimétricas do guarani mbya apontam para uma compreensão da serialização verbal como um processo de gramaticalização de itens lexicais para função de realização de itens funcionais, como a categoria de aspecto.

Após a descrição da língua mbya, a dissertação aborda nesta ordem a definição de CVSs nos termos acima apresentados, as estruturas multiverbais existentes no mbya – CVSs fidedignas, ainda que guardem as suas especificidades – e as principais propostas de análises formais para o fenômeno da serialização verbal. Assim, ao longo do texto, é possível efetuar uma aproximação à língua e ao fenômeno da serialização verbal, o qual, até o presente momento, não foi satisfatoriamente explicado pela sintaxe. O tratamento formal e rigoroso do

problema da entrada lexical dos verbos seriados parece apontar na direção de uma explicação superior baseada no léxico, com um dos verbos seriados entrando na derivação já esvaziado de parte de suas propriedades verbais, após um processo de gramaticalização e esvaziamento temático.

Entendemos que esta pesquisa se incorpora a uma tradição de estudo das línguas dos povos originários do sub-continente sul-americano, por um lado, e procura contribuir para o entendimento do fenômeno linguístico da serialização verbal, por outro. Dessa forma, a presente dissertação contesta parcialmente a posição assumida por Dooley (1991), que evita situar as construções multiverbais do mbya como CVSs, e reafirma a posição de Vieira (2017) e Vieira e Baranger (2021), as quais analisam essas sentenças como casos de serialização verbal. Cabe reconhecer, nesse aspecto, o fato de que a própria literatura sobre CVSs acumulou nas últimas décadas conhecimento sobre diferentes manifestações de serialização verbal; assim, segundo a literatura atual e os critérios definidores de CVSs adotados nesta pesquisa, conclui-se que o guarani mbya é uma língua serializadora. Além disso, a dissertação demonstrou limitações existentes nas tentativas de explicação da serialização verbal (e da sua parametrização entre as línguas naturais) através da sintaxe, apontando como mais promissora uma abordagem baseada no léxico das línguas (Aboh, 2009, 2018).

Com base em análises recentes sobre CVSs, esta dissertação apresenta um esboço de análise sintática para as CVSs em mbya, considerando o verbo menor (V2) da cadeia seriada como uma categoria gramaticalizada inserida na periferia do vP projetado pelo verbo pleno (v1), articulada ao núcleo de aspecto. Esta pesquisa oferece evidências empíricas e contribuições teóricas para análises posteriores que tencionem aprimorar o entendimento existente sobre as CVSs em guarani mbya, em especial possíveis restrições sobre quais itens verbais podem ser gramaticalizados e passar a atuar na posição V2 em CVSs assimétricas – pergunta que permaneceu aberta. A verificação dos dados apresentados e a discussão das análises propostas seguramente contribuirão para o melhor entendimento da serialização e do guarani mbya.

A coleta de dados efetuada na pesquisa de campo, embora não tenha sido decisiva para as conclusões deste trabalho, sem dúvida contribuiu ao corroborar –

sob a perspectiva do falante nativo, usufruindo do seu conhecimento sobre a língua – evidências e observações descritas na literatura. Como soe acontecer, a elaboração de um experimento de coleta de dados suscitou um conjunto de novas perguntas, que podem ser oportunamente apresentadas a um consultor nativo do mbya e ensinar o aprofundamento das conclusões já delineadas ou mesmo o redirecionamento das análises.

Especificamente, cabe mencionar aqui lacunas da presente pesquisa que a coleta de dados realizada não pôde suprir. As propriedades sintático-semânticas relacionadas à posição de objeto da sequência verbal não estão bem definidas. No capítulo 5, apresentamos algumas hipóteses a esse respeito que precisam ser testadas. O comportamento da negação em mbya, dentro ou fora do contexto de serialização, ainda requer maior atenção e aprofundamento descritivo. Quanto à marcação de concordância pessoal nos verbos seriados e às restrições de transitividade verbal no mesmo contexto, também é preciso investigar mais e aprofundar a compreensão existente. Outra limitação da pesquisa é a ausência de um melhor entendimento sobre as informações funcionais de tempo e modo. Ainda, falta informação sobre a realização de aspecto na língua em análise, o que enfraquece o esboço de análise sugerido no capítulo 5. Ressalta-se, ainda, que a presente pesquisa não averiguou e registrou de forma completa todos os tipos de seriadas licenciadas na língua. Por exemplo, não temos dados sobre a existência de seriadas simétricas e seus subtipos.

Quem sabe esta pesquisa possa contribuir, embora suas limitações, para um entendimento mais claro e rigoroso da Gramática humana, afastando a necessidade de operações sintáticas de alta complexidade para dar conta dos processos envolvidos na realização de sentenças como as CVSs registradas em guarani mbya, em particular, e em tantas outras línguas naturais. É fato que os processos combinatoriais da linguagem humana operam sobre itens lexicais, e a compreensão mais acurada da linguagem depende de que se possa explicar melhor tanto a combinação dos elementos quanto os elementos que se combinam. À sintaxe a sintaxe, não toda a linguagem humana.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABOH, Enoch. Object shift, verb movement, and verb reduplication. 2008.
- ABOH, Enoch Oladé. Clause structure and verb series. **Linguistic inquiry**, v. 40, n. 1, p. 1-33, 2009.
- ABOH, Enoch Oladé. **The emergence of hybrid grammars**. Cambridge University Press, 2015.
- ABOH, Enoch O. et al. What if your roots are polyfunctional? The lexical entry problem in Benue-Kwa. 2018.
- AGBEDOR, Paul. Verb serialization in Ewe. **Nordic journal of African studies**, v. 3, n. 1, p. 21-21, 1994.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. Serial verb constructions in typological perspective. **Serial verb constructions: A cross-linguistic typology**, v. 2, p. 1-68, 2006.
- AIKHENVALD, Aleksandra Iurevna; DIXON, Robert MW (Ed.). **Serial verb constructions: A cross-linguistic typology**. Oxford University Press, 2006.
- AIKHENVALD, Aleksandra Y. **Languages of the Amazon**. Oxford University Press, 2012.
- AIKHENVALD, Aleksandra Y. **Serial verbs**. Oxford University Press, 2018.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. The Amazon basin: linguistic areas and language contact. **The Cambridge handbook of language contact**, v. 1, p. 232-260, 2022.
- AMEKA, Felix K. Ewe serial verb constructions in their grammatical context. **Serial verb constructions: A cross-linguistic typology**, p. 124-143, 2006.
- ANDRASON, Alexander; AIKHENVALD, Alexandra Y. The rise and fall of Serial Verb Constructions: Preamble. **Stellenbosch Papers in Linguistics Plus**, v. 65, n. 1, p. 1-9, 2022.
- ANSRE, Gilbert. The verbid-a caveat to 'serial verbs'. **Journal of West African Languages**, v. 3, n. 1, p. 29-32, 1966.
- ARTAXO, Paulo et al. Tropical forests are crucial in regulating the climate on Earth. **PLoS Climate**, v. 1, n. 8, p. e0000054, 2022.
- BAMGBOSE, Ayo. On serial verbs and verbal status. **Journal of West African Languages**, v. 9, n. 1, p. 17-48, 1974.

BAKER, Mark C. Object sharing and projection in serial verb constructions. **Linguistic inquiry**, v. 20, n. 4, p. 513-553, 1989.

BAKER, Mark C.; STEWART, Osamuyimen T. Verb movement, objects, and serialization. In: **North East Linguistics Society**. 1999. p. 3.

BAKER, Mark; STEWART, Osamuyimen T. A serial verb construction without constructions. **Ms., Rutgers University**, 2002.

BARANGER, Estefanía. On syntactic integration and semantico-pragmatic distribution of Mbya Guaraní purpose coding strategies. **Languages**, v. 7, n. 1, p. 52, 2022.

BARANGER, Estefanía; CERNO, Leonardo Aurelio; IRUPÉ NÚÑEZ, Yamila. A língua Mbyá Guaraní em Misiones, Argentina: Vitalidade, contato, variação e atitudes linguísticas. 2023.

BENEDICTO, Elena et al. The morphosyntax of verbs of motion in serial constructions: a crosslinguistic study in three signed languages. 2008.

BENITES, José. **Proposta para um sistema ortográfico unificado da língua Guaraní Mbya falada no Brasil**. 2020. Dissertação de Mestrado. MN/UFRJ.

BERWICK, Robert C.; CHOMSKY, Noam. **Why only us: Language and evolution**. MIT press, 2016.

BISANG, Walter. **Das Verb im Chinesischen, Hmong, Vietnamesischen, Thai und Khmer: vergleichende grammatik im rahmen der verbserialisierung, der grammatikalisierung und der attraktorpositionen**. Gunter Narr Verlag, 1992.

BOWDEN, John. **Taba: description of a South Halmahera language**. Pacific Linguistics, Research School of Pacific and Asian Studies, The Australian National University, 2001.

BRANDO, Paulo M. et al. Tipping points of Amazonian Forests: beyond myths and toward solutions. **Annual Review of Environment and Resources**, v. 50, 2025.

BUTT, Bisma et al. Serial verb construction vs Complex Predicates in Punjabi: an integrated analysis of event structure. **Eurasian Journal of Applied Linguistics**, v. 7, n. 2, p. 1-21, 2021.

BUTT, M.; LAHIRI, A. Historical Stability vs Historical Change. [s.L.]: [s.n.], 2002. Disponível em: < <https://ling.sprachwiss.uni-konstanz.de/pages/home/butt/main/papers/stability.pdf>>. Acesso em 04/11/2025.

BYRNE, Francis. Approaches to ‘Missing’ Internal (and External) Arguments in Serial Structure: Some Presumed Difficulties. In: **Development and structures of creole**

languages: Essays in honor of Derek Bickerton. John Benjamins Publishing Company, 2011. p. 207-222.

CABRAL, A. S. A. C. Observações sobre a história do morfema-a da família Tupí-Guaraní. **Des noms et des verbes en tupi-guarani: état de la question**, p. 133-162, 2001.

CADOGAN, León. **Ywyra ñeéry, fluye del árbol la palabra: sugerencias para el estudio de la cultura guaraní.** Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica "Nuestra Señora de la Asunción," 1971.

CARSTENS, Vicki. Antisymmetry and word order in serial constructions. **Language**, v. 78, n. 1, p. 3-50, 2002.

CHOMSKY, Noam. Knowledge of language: Its elements and origins. **Philosophical Transactions of the Royal Society of London. B, Biological Sciences**, v. 295, n. 1077, p. 223-234, 1981.

CHOMSKY, Noam. Three factors in language design. **Linguistic inquiry**, v. 36, n. 1, p. 1-22, 2005.

CHOMSKY, Noam. **The minimalist program.** MIT press, 2014.

CHOMSKY, Noam. The language capacity: architecture and evolution. **Psychonomic bulletin & review**, v. 24, n. 1, p. 200-203, 2017.

CHOMSKY, Noam; JACOBS, Roderick A.; ROSENBAUM, Peter S. Remarks on nominalization. **1970**, v. 184, p. 221, 1970.

CHRISTALLER, Johann Gottlieb. **A Grammar of the Asante and Fante Language Called Tshi [Chwee, Twi], Based on the Akuapem Dialect, with Reference to the Other [Akan and Fante] Dialects, by Rev. JG Christaller,...** Gregg Press, 1875.

CLASTRES, Hélène; RIBEIRO, Renato Janine. Terra sem mal. **(No Title)**, 1978.

CLEARY-KEMP, Jessica. **Serial verb constructions revisited: A case study from Koro.** University of California, Berkeley, 2015.

COLE, Douglas James. **Lao serial verb constructions and their event representations.** The University of Iowa, 2016.

COLLINS, Chris. Argument sharing in serial verb constructions. **Linguistic inquiry**, p. 461-497, 1997.

COLLINS, Chris. Multiple verb movement in Hoan. **Linguistic Inquiry**, v. 33, n. 1, p. 1-29, 2002.

CONTINENTAL, Equipe Mapa Guarani. Caderno Mapa Guarani Continental: povos Guarani na Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai. **Campo Grande: MS**, 2016.

COUVEE, Sascha; PFAU, Roland. Structure and grammaticalization of serial verb constructions in Sign Language of the Netherlands—A corpus-based study. **Frontiers in psychology**, v. 9, p. 993, 2018.

CRISTOFARO, Sonia. **Subordination**. OUP Oxford, 2003.

CROWLEY, Terry. **Serial verbs in Oceanic: A descriptive typology**. OUP Oxford, 2002.

DAVI-COSTA, Jesus. **Fonologia da Frase e Fonologia Segmental do Mbyá Guarani: Uma Proposta de Análise Não-Linear**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Faculdade de Letras, 2012. Dissertação de Mestrado.

DE CASTRO, Eduardo Viveiros. O recado da mata. **Davi Kopenawa, Bruce Albert, A queda do Céu: Palavras de um xamã yanomami, op. cit**, p. 19, 2015.

DE SAUSSURE, Ferdinand et al. Nature of the linguistic sign. **Course in general linguistics**, v. 1, p. 65-70, 1916.

DE SOUZA, Isaac Gomes Moraes. **Construções Verbais Seriadas: uma Caracterização Intermodal**. 2023. Tese de Doutorado. PUC-Rio.

DEFINA, Rebecca. Serial verb constructions and their subtypes in Avatime. **Studies in Language**, v. 40, n. 3, p. 648-680, 2016.

DIETRICH, Wolf. **More evidence for an internal classification of tupi-guarani languages**. Berlin: Gebr. Mann Verlag, 1990.

DIETRICH, Wolf. O tronco tupi e as suas famílias de línguas. Classificação e esboço tipológico. **O português eo tupi no Brasil**, p. 9-25, 2010.

DIXON, Robert MW. Serial verb constructions in typological perspective. **Serial verb constructions: A cross-linguistic typology**, v. 2, p. 338-350, 2006.

DOOLEY, Robert A. Estudos sobre línguas tupí do Brasil. **(No Title)**, 1984.

DOOLEY, Robert A. A double-verb construction in Mbyá Guaraní. **Work Papers of the Summer Institute of Linguistics, University of North Dakota Session**, v. 35, n. 1, p. 5, 1991.

DOOLEY, Robert. Léxico Guarani, dialeto Mbyá: introdução. **Anápolis, GO, Brazil: Associação Internacional de Linguística-SIL Brasil**, 2015.

DUARTE, Fábio Bonfim. Construções de gerúndio na língua Tembé. **LIAMES: Línguas Indígenas Americanas**, v. 1, n. 1, p. 77-90, 2001.

DURIE, M. Grammatical structures in verb serialization, pp. 289–354 of *Complex Predicates*, edited by A. Alsina, J. Bresnan, and P. Sells. Stanford: CSLI, 1997.

ESSEGBEY, James. **Inherent complement verbs revisited: Towards an understanding of argument structure in Ewe**. 1999. Tese de Doutorado. Radboud University Nijmegen Nijmegen.

ESSEGBEY, James. Auxiliaries in serialising languages: on COME and GO verbs in Sranan and Ewe. *Lingua*, v. 114, n. 4, p. 473-494, 2004.

ESSEGBEY, James. Inherent complement verbs and the basic double object construction in Gbe. In: **Topics in Kwa syntax**. Dordrecht: Springer Netherlands, 2009. p. 177-193.

ESTIGARRIBIA, Bruno. **A grammar of Paraguayan Guaraní**. UCL press, 2020.

FOLEY, William A.; OLSON, Mike. Clausehood and verb serialization. **Grammar inside and outside the clause**, v. 17, p. 60, 1985.

FOKO, Minette Corrine MOKAM. **THE MORPHOSYNTAX OF GHOMÁLÁ' VERBS: FOCUS ON INHERENT COMPLEMENT VERBS AND SERIAL VERB CONSTRUCTIONS**. 2020. Tese de Doutorado. UNIVERSITY OF YAOUNDE I.

FRANÇOIS, Alexandre. Serial verb constructions in Mwotlap. **Serial verb constructions: A cross-linguistic typology**, p. 223-38, 2006.

GEBAUER, Margaret See. The lexical phrase: syntactic manoeuvring in the lexicon. **Cahiers Linguistiques d'Ottawa Ottawa**, v. 9, p. 127-151, 1980.

GIVÓN, Talmy. Some substantive issues concerning verb serialization: Grammatical vs. cognitive packaging. In: **Serial verbs: Grammatical, comparative and cognitive approaches**. John Benjamins Publishing Company, 2011. p. 137-184.

GUEDES, Marymarcia. **Subsidios para uma análise fonológica do Mbya**. 1983. Tese de Doutorado. [sn].

HALE, Kenneth L. Misumalpan verb sequencing constuctions. In: **Serial verbs: Grammatical, comparative and cognitive approaches**. John Benjamins Publishing Company, 2011. p. 1-36.

HALE, Kenneth et al. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. **An annotated syntax reader**, p. 312-327, 1993.

HASPELMATH, Martin. The serial verb construction: Comparative concept and cross-linguistic generalizations. **Language and linguistics**, v. 17, n. 3, p. 291-319, 2016.

HIRAIWA, Ken; BODOMO, Adams. Object-sharing as symmetric sharing: Evidence from Dàgáárè. In: **Proceedings of the 26th West Coast Conference on Formal Linguistics**. 2008. p. 243-251.

HOPPERDIETZEL, J.; KLINGLER, N. On the prosodic integration of serial verb constructions in Daakaka (Oceanic). Paper presented at **Phonologie und Phonetik Tagung 15 (P&P15)**, Heinrich-Heine-University Düsseldorf, 2019.

IVO, Ivana Pereira. **Características fonéticas e estatuto fonológico de fricativas e africadas no Guarani-Mbyá**. 2014. Dissertação de Mestrado. [sn].

IVO, Ivana Pereira. **Características fonéticas e fonologia do Guarani no Brasil**. 2018. Tese de Doutorado. [sn].

JENSEN, Joshua Martin. **The Structure of Jarai clauses and noun phrases**. 2014. Tese de Doutorado. University of Texas at Arlington.

KAYNE, Richard S. **Connectedness and binary branching**. Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 2016.

KISS, Angelika; THOMAS, Guillaume. Word order variation in Mbyá Guaraní. In: **Proceedings of the Fifth International Conference on Dependency Linguistics (Depling, SyntaxFest 2019)**. 2019. p. 121-129.

LADEIRA, Maria Inês. Os índios guarani/mbya e o complexo lagunar estuarino de Iguape-Paranaguá. **São Paulo: CTI**, 1994.

LADEIRA, Maria Inês. Guarani Mbya. 2018. **Elaborado por Povos Indígenas no Brasil (PIB)**. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Mbya. Acesso em 16/09/2025, v. 26, 2020.

LARSON, Richard K. Some issues in verb serialization. In: **Serial verbs: Grammatical, comparative and cognitive approaches**. John Benjamins Publishing Company, 2011. p. 185-210.

LAW, Paul; VEENSTRA, Tonjes. On the structure of serial verb constructions. **Linguistic Analysis**, v. 22, n. 3-4, p. 185-217, 1992.

LEFEBVRE, Claire. Serial Verbs. 1991.

LI, Charles N.; THOMPSON, Sandra A. Serial verb constructions in Mandarin Chinese: Subordination or coordination. **You take the high node and I'll take the low node: Papers from the Comparative Syntax Festival**, p. 96-103, 1973.

LOVESTRAND, Joseph. Serial verb constructions. **Annual Review of Linguistics**, v. 7, n. 1, p. 109-130, 2021.

LU, John HT. Resultative verb compounds vs. directional verb compounds in Mandarin. **Journal of Chinese linguistics**, p. 276-313, 1977.

MATTHEWS, Stephen. On serial verb constructions in Cantonese. **Serial verb constructions: A cross-linguistic typology**, v. 2, 2006.

MARTINS, Marci Fileti. Incorporação nominal em Guarani Mbyá. 1996.

MARTINS, Marci Fileti. Descrição e análise de aspectos da gramática do Guarani Mbyá. **IEL/UNICAMP**, 2003.

MARTINS, Marci Fileti. **As línguas tupi faladas dentro e fora da Amazônia**. Museu Nacional, 2017.

MEAKINS, Felicity. The development of asymmetrical serial verb constructions in an Australian mixed language. **Linguistic Typology**, v. 14, n. 1, p. 1-38, 2010.

MEANS, Russel. For America to live, Europe must die. II Speech at the Black Hills International Survival Gathering, in the Black Hills of South Dakota. July 1980 [em linha]. 1980.

MELLO, Alexandre Raymundo de. **Características gramaticais do Guarani Mbya da Costa Verde do Estado do Rio de Janeiro**. 2023. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MELIÀ, Bartomeu. Guarani retã 2008: povos Guarani na fronteira Argentina, Brasil e Paraguai. Universidad Nacional Autónoma de México, 2008.

MORELLO, R. Língua Guarani: políticas linguísticas e pluricentrismo. **As Línguas Tupi faladas dentro e fora da Amazônia**. Editora do Museu Nacional, 2017.

MORELLO, Rosângela; SEIFFERT, Ana Paula. Inventário da Língua Guarani Mbya- Inventário Nacional da Diversidade Linguística. **Florianópolis: Garapuvu**, 2011.

MUNN, Alan. A null operator analysis of ATB gaps. 1992.

MUYSKEN, P. C.; JANSEN, Bert; KOOPMAN, Hilda. Serial verbs in the creole languages. 1978.

MUYSKEN, P. C.; VEENSTRA, T. **Universalist approaches to creole genesis**. Em: J. Arends; P. Muysken; N. Smith (eds.), *Pidgins and Creoles: an introduction*, pp. 121-136. 1994.

MUYSKEN, P.; VEENSTRA, T. **Serial verbs**. *The Blackwell Companion to Syntax*, Vol. IV, ed. by Martin Everaert & Henk C. van Riemsdijk, 234–270. Malden: Blackwell. 2006.

NICHOLSON, Velda. **Aspectos da língua Assurini**. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1978.

NISHIYAMA, Kunio. VV compounds as serialization. **Journal of East Asian Linguistics**, v. 7, n. 3, p. 175-217, 1998.

NWACHUKWU, P. Akụjọobi. **The argument structure of Igbo verbs**. Center for Cognitive Science, Massachusetts Institute of Technology, 1987.

PAWLEY, Andrew; LANE, Jonathan. From event sequence to grammar: Serial verb constructions in Kalam. In: **Case, typology and grammar**. John Benjamins Publishing Company, 2008. p. 201-228.

PEDERNEIRA, Isabella Lopes. Verbos leves no Português Brasileiro: Uma nova proposta. **Revista Linguística Rio**, v. 1, n. 1, 2014.

PI, Chia-Yi Tony; STEWART, Osamuyimen T. Micro-events in two serial verb constructions. In: **Semantics and Linguistic Theory**. 1998. p. 202-214.

RODRIGUES, Aryon D. Tarefas da lingüística no Brasil. **Estudos lingüísticos**, v. 1, n. 1, 1966.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. A estrutura do Tupinambá (ms). 1981.

RODRIGUES, A. D. Argumento e predicado em Tupinambá, p. 57-66, 1996. Disponível em: http://biblio.wdfiles.com/local--files/rodrigues-1996-argumento/rodrigues_1996_argumento.pdf. Acesso em 04/11/2025.

RODRIGUES, Aryon D. Esboço de uma introdução ao estudo da língua Tupí. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 31–44, 2013. DOI: 10.26512/rbla.v3i1.16233. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/16233>. Acesso em: 10/12/2025.

RODRIGUES, Aryon D.; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara. Revendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní. **Línguas Indígenas Brasileiras. Fonologia, Gramática e História, Atas do I Encontro Internacional do GTLI da ANPOLL**, v. 1, 2002.

RODRIGUES, Aryon D.; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara. **Tupian**. In: CAMPBELL, Lyle; GRONDONA, Verónica (Ed.). *The indigenous languages of South America: A comprehensive guide*. Walter de Gruyter, 2012.

RODRIGUES, Cilene. Construções multiverbais no dialeto do triângulo mineiro. **Revista Linguística**, v. 20, n. 3, p. 375-391, 2024.

ROSS, John Robert. Constraints on variables in syntax. 1967.

ROSS, Daniel; LOVESTRAND, Joseph. What do serial verbs mean? A worldwide survey. **Syntax of the World's Languages (SWL)**, v. 8, 2018.

RUIZ DE MONTOYA, Antonio. Tesoro de la lengua guaraní. Madrid: Iuan Sanches, 1639.

SCHADEN, Egon. O problema indígena. **Revista de História**, v. 20, n. 42, p. 455-460, 1960.

SEBBA, Mark. The syntax of serial verbs. 1987.

SEISS, M. On the difference between auxiliaries, serial verbs and light verbs. 2009. Disponível: <<http://web.stanford.edu/group/cslipublications/cslipublications/LFG/14/papers/lfg09seiss.pdf>>. Acesso em: 30/10/2025.

SEKI, Lucy. Kamaiura (Tupi-Guarani) as an Active-Stative Language. In: **Amazonian linguistics: Studies in lowland South American languages**. University of Texas Press, 1990. p. 367-392.

SEKI, Lucy. Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto. Xingu I Lucy Seki. - Campinas, SP: Editora da Unicamp; São. Paulo, SP: Imprensa Oficial, 2000.

SEKI, Lucy. Construções com o gerúndio em Kamaiurá. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 30, n. spe, p. 685-702, 2014.

SILVA, Algemiro da. **Proposta de material didático bilíngue português-Mbya: um estudo sobre classificação (léxico-semântica) e formação de palavras no Guarani Mbya**. 2024. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

STAHLKE, Herbert. Serial verbs. **Studies in African linguistics**, v. 1, n. 1, p. 60, 1970.

STEWART, John M. Some restrictions on objects in Twi. **Journal of African languages**, v. 2, n. 2, p. 145-149, 1963.

STEWART, Osamuyimen Thompson. **The serial verb construction parameter**. Ph.D. thesis. McGill University, Montréal. 1998.

STEWART, Osamuyimen Thompson. **The serial verb construction parameter**. Routledge, 2013.

THORNES, Timothy Jon. **A Northern Paiute grammar with texts**. University of Oregon, 2003.

TRUBETZKOY, Nikolai Sergeevich. Grundzüge der phonologie. 1939.

VEENSTRA, Tonjes. Serial verb constructions, parameter settings and thematic restrictions on argument sharing. **Linguistics in the Netherlands**, v. 10, n. 1, p. 153-164, 1993.

VEENSTRA, Tonjes; MUYSKEN, Pieter. Serial verb constructions. **The Wiley Blackwell Companion to Syntax, Second Edition**, p. 1-51, 2017.

VIEIRA, M.M. D. As construções com verbos auxiliares em Mbyá Guarani: um caso de serialização verbal? In: CONGRESSO NACIONAL DA ANPOLL, 13, Campinas, 1998. Comunicação. Campinas: Unicamp, 1998.

VIEIRA, M.M. D. As construções com concordância múltipla em Guarani. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE GRUPO DE TRABALHO DE LÍNGUAS INDÍGENAS DA ANPOLL, 1., Belém, 2001. Comunicação. Belém, UFPA, 2001.

VIEIRA, M.M. D. As construções com verbos seriais em Guarani. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 3., Rio de Janeiro. Comunicação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

VIEIRA, Márcia Maria Damaso. Os núcleos aplicativos e as línguas indígenas brasileiras. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 18, n. 1, p. 141-164, 2010.

VIEIRA, M.M. D. A interpretação das construções verbais complexas em algumas línguas Tupi-Guarani. In: WORKSHOP SOBRE TEMPO, ASPECTO E MODO EM LÍNGUAS INDÍGENAS SULAMERICANAS, Brasília, DF, 2012. Comunicação. Brasília, DF: UNB, 2012.

VIEIRA, Marcia Maria Damaso. A busca por diagnósticos para identificar verbos inacusativos e inergativos em Guarani. **Revista FSA (Centro Universitário Santo Agostinho)**, v. 10, n. 1, p. 187-210, 2013.

VIEIRA, Marcia Maria Damaso. O ESTATUTO DO COMPLEXO [V1 V2] EM ASURINI DO TROCARÁ E GUARANI (MBYÁ). **As línguas TUPI dentro e fora da amazônia**, 2017.

VIEIRA, Marcia Damaso; BARANGER, Estefanía. Object sharing in mbya guarani: A case of asymmetrical verbal serialization?. **Languages**, v. 6, n. 1, p. 45, 2021.

APÊNDICE A – SEÇÃO 1

PRIMEIRA RODADA DE COLETA DE DADOS – CONSTRUÇÕES VERBAIS SERIADAS EM MBYA

Dados de Vieira & Baranger (2021) verificados na pesquisa de campo em Xapukai, Bracuí, Angra dos Reis (RJ), julho de 2025.

1. a-ke a-iko-vy

1SG- dormir 1SG- ser -SER

‘Eu estou dormindo’

2. a-japo ajaka a-i-ny

1SG- fazer cesto 1SG- sentar -SER

‘Eu estava fazendo um cesto (sentado)’

3. o-japukai o-u-vy

3-gritar 3-vir-SER

‘Ele gritou vindo’

4. Ha’e o-purai o-o-vy

Ela 3-cantar 3-ir-SER

‘Ela foi embora cantando. / Ela estava cantando enquanto ia embora.’

5. Avaxi a-nhoty a-ju-vy

milho 1SG-plantar 1SG-vir-SER

‘Eu plantei milho vindo.’/‘Eu vim plantando milho.’

6. Oro-jou oro-guer-u-vy

1>2-encontrar 1>2-APPL-vir-SER

‘Eu encontrei trouxe você comigo.’

7. o-jeroky-ta o-kua-py

3-dançar-FUT 3-estar.todos-SER

‘Eles estarão todos dançando.’

8. Nd-o-ke-i o-kua-py

NEG-3-dormir-NEG 3-estar.todos-SER

‘Eles não estavam dormindo todos juntos.’

9. Xee a-ra-a a-iko-vy xe-r-a’y teko’a-py

Eu 1SG-APPL-ir 1SG-ser-SER 1SG-REL-filho aldeia-LOC

‘Eu estou levando meu filho para a aldeia.’

10. Xee a-ra-a a-r-eko-vy xe-r-a’y teko’a-py

Eu 1SG-APPL-ir 1SG-APPL-ser-SER 1SG-REL-filho aldeia-LOC

‘Eu estou levando meu filho para a aldeia tendo ele comigo.’

11.guyra o-veve o-kua-py

Pássaro 3-voar 3-estar.todos-SER

‘Os pássaros estão todos voando.’

12.Ok’y guyra o-mbo-veve i-mbo-kua-py

Chuva pássaro 3-CAUS-voar 3-CAUS-estar.todos-SER

‘A chuva está fazendo os pássaros voarem por fazer eles estarem todos juntos.’

13.Ava-kue kunha-gue o-mbo-jeroky i-mbo-kua-py

Homem-PL mulher-PL 3-CAUS-dançar 3-CAUS-estar.todos-SER

‘Os homes estão fazendo as mulheres dançarem fazendo todas elas estarem juntas com eles.’

14.Ore kya ro-Ø-japo ro-iko-vy

Nós rede 1PL-3-fazer 1PL-estar-SER

‘Nós estamos fazendo redes’

15.Ore kya ro-Ø-japo ro-guero-ko-vy

Nós rede 1PL-3-fazer 1PL-APPL-estar-SER

‘Nós estamos fazendo redes tendo-as conosco.’

16.pira a-Ø-‘u a-a-vy

Peixe 1SG-3-comer 1SG-ir-SER

‘Eu comi peixe indo.’

17.A-Ø-‘u a-a-vy pira

1SG-3-comer 1SG-ir-SER peixe

‘Eu comi peixe indo.’

18.A-Ø-‘u pira a-a-vy

1SG-3-comer peixe 1SG-ir-SER

‘Eu comi peixe indo.’

APÊNDICE A – SEÇÃO 2

RELATÓRIO DAS PRINCIPAIS OBSERVAÇÕES FEITAS PELO FALANTE NATIVO DE MBYA COLABORADOR NESTA PESQUISA

A. *A-ke a-iko-vy*

1Sg-dormir 1Sg-ser-Ser

“Eu estou dormindo aqui/nesse lugar.”

O colaborador aceitou a sentença, mas afirmou que a tradução oferecida no original estava inadequada, enfatizando que o significado da sentença envolve a manutenção do local onde se encontra o sujeito, razão pela qual adicionou na tradução as expressões “aqui” ou “nesse lugar”. Também indicou que a sentença expressa uma noção de continuidade temporal, o que explicou com a expressão “por um período”, dizendo que “pode ser que amanhã você vá embora”. Ofereceu, ainda, outro exemplo, baseado em uma situação comunicativa hipotética em que alguém lhe perguntou onde estava dormindo: “*Ake aikovy Alexandre ro py*.” [1Sg-dormir 1Sg-ser-Ser Alexandre Rel-casa Loc] (“Eu estou dormindo na casa do Alexandre (por algum período).”).

Instado a construir outra sentença por meio da substituição do V1 *ake*, o colaborador elaborou a construção a seguir: “*Oqueru oikovy*.” [3-trazer 3-ser-Ser] (“Ele (é quem) está trazendo.”).

B. *A-japo ajaka'i a-i-ny*

1Sg-fazer cesto 1Sg-sentar-Ser

“Eu estava fazendo um cesto (sentado) agora/nesse lugar.”

Analogamente à primeira sentença, o colaborador adicionou na tradução as expressões “agora”, “nesse lugar” ou “nesse lugar”, ambas as quais parecem adicionar uma ideia de continuidade que de outra forma seria apenas possível. Corrigiu também a forma *ajaka* (“cesto”), que interpretou diretamente como um

erro de digitação, substituindo-a por *ajaka'i*. Na sequência, passou a traduzir *ajaka'i* sempre como “cestinha”, e não “cesta”, o que parece defender a existência de ambas as formas, embora a forma do diminutivo seja claramente muito mais forte no léxico do colaborador.

Em um primeiro momento, causou-lhe alguma dúvida a presença de “sentado” (significado literal do V2) na tradução da sentença, mas essa ideia foi aceita como parte da tradução; a rejeição inicial à tradução novamente se deveu à ausência de alguma expressão que indicasse explicitamente a ideia de tempo ou lugar imediatos.

Na continuidade da conversa, questionado sobre alguma eventual diferença entre os sufixos serializadores *-vy* e *-ny*⁴⁵, voltou a refletir sobre o significado da sentença e afirmou que a forma *ainy* se refere a lugar. Ofereceu nova tradução para *A-japo ajaka'i a-i-ny*: “Eu estou fazendo cestinha em tal lugar (no lugar onde estou falando).”.

Instado a construir outra sentença por meio da substituição do V1 *ake*, o colaborador elaborou as duas construções a seguir, com nuances de significado: “*Aporandu ainy*” e “*Aporandu aikovy*”. A primeira, “*Aporandu ainy*.” [1Sg-perguntar 1Sg-sentar-Ser] (“Eu estou perguntando agora (no lugar onde estou falando).”), tem um significado de continuidade restrito ao momento presente e ao local da fala. A segunda, “*Aporandu aikovy*” [1Sg-perguntar 1Sg-ser-Ser] (“Eu estou perguntando agora (no lugar onde estou falando).”), tem um significado de que a ação de perguntar vem do passado e permanece ou continua no presente.

C. *O-xapukai o-u-vy*

3-gritar 3-vir-Ser

“Ele gritava enquanto vinha.”

O colaborador corrigiu a ortografia do V1, alterando *japukai* (forma que consta na CVS apresentada em Vieira & Baranger (2021, p. 11) e no léxico de Dooley

⁴⁵ Segundo Dooley (1998, p. 114), *-vy* e *-py* são as formas do sufixo {-Cy} (que, para ele, marca os verbos suplementares) após vogais orais e *-my*, *-ngy*, *-ny* são as formas do mesmo sufixo que ocorrem após vogais nasais.

(1998, p. 47)) para *xapukai*, que é inclusive o nome da aldeia em guarani. Também alterou a tradução de “gritou vindo” para “gritava [clamava] enquanto vinha”. Ofereceu outras construções de sentido semelhante: “*Oporandu ouvy*” [3-perguntar/pedir 3-vir-Ser] (“Ele/a perguntava/pedia vindo.”); “*Ojerure ouvy*” [3-pedir 3-vir-Ser] (“Ele/a pedia vindo.”).

D. *Ha’e o-porai o-o-vy*

Ele/a 3-cantar 3-ir-Ser

‘Ele/a foi embora cantando. / Ele/a estava cantando enquanto ia embora.’

O colaborador corrigiu a ortografia do V1, alterando *purai* (forma que consta na CVS apresentada em Vieira & Baranger (2021, p. 12) para *porai*. Também assinalou a existência de outra forma do verbo “cantar”, *mborai*, que seria um canto sagrado ligado à espiritualidade, ao passo que *porai* seria qualquer canto. Efetivamente, Dooley (1998, p. 71) registra *mboraei* como uma forma nominalizada do verbo *poraei*, significando “canção”. Provavelmente por essa razão, o colaborador não aceitou a substituição simples de *oporai* por *omborai*; em vez disso, apresentou uma sentença alternativa, *Mborai omonhendu oovy* [canto.sagrado 3-emitir.som 3-ir-Ser] (“Ele/a cantou canto sagrado enquanto ia.”). Em relação às duas propostas de tradução oferecidas pelas autoras (Vieira & Baranger, 2021, p. 12), o colaborador afirmou ser preferível a segunda alternativa – “Ele/a estava cantando enquanto ia.”.

Instado a construir outras sentenças, gerou o seguinte exemplo: *Onhotỹ oovy*. [3-plantar 3-ir-Ser? / Conj?] (“Ele plantou (enquanto estava aqui), mas foi embora”. Diferentemente dos outros exemplos apresentados pelo colaborador da pesquisa, o significado oferecido em tradução foi de duas sentenças independentes. Em seguida, provocado sobre se haveria diferença entre um verbo como *nhotỹ* (“plantar”) e outro verbo para “colher”, o colaborador afirmou que sim, explicando que “colher” é *mono’õ* e oferecendo mais um exemplo de sentença: *Omono’õ narã oovy* [3-colher laranja 3-ir-Ser] (“Ele/a colhia laranja enquanto ia.”). Falando sobre essa construção, o colaborador também apontou a possibilidade de se alterar a ordem dos verbos, dizendo *Oovy narã omono’õ*. Ele afirmou não ser possível realizar essa troca de ordem nas sentenças anteriormente analisadas, as quais

deveriam permanecer com o V seriado na posição mais à direita – segundo ele, o verbo *oovy* (“ir”) é responsável por licenciar essa troca de ordem.

E. *Avaxi a-nhotỹ a-ju-vy*

milho 1Sg-plantar 1Sg-vir-Ser

“Eu plantei milho vindo.” / “Eu vim plantando milho.”

O colaborador aceitou a sentença, mas afirmou que a tradução oferecida no original estava inadequada, enfatizando que a sentença expressa que a plantação de milho foi feita em determinado local onde o sujeito estava antes de empreender a ação de “vir”. Para ele, após longo diálogo em função do estranhamento causado por essa construção, uma tradução adequada seria “Eu vim (deixei milho plantado antes).”

F. *Ro-jou ro-queru-vy*

1>2-encontrar 1>2-trazer-Ser

“Eu encontrei trouxe você comigo.”

O colaborador aceitou a sentença como válida, mas apontou inicialmente que a flexão de pessoa usada na sentença deveria ser *ro-*, e não *oro-*, como consta no original. *Ro-* atua como prefixo pessoal que indica sujeito de primeira pessoa e objeto de segunda pessoa; houve confusão quanto a esta forma ser marcadora da 1ª pessoa do plural inclusiva ou exclusiva. Em relação à pronúncia, em uma hipótese confirmada na literatura (Dooley, 1991; Martins, 2003), o colaborador afirmou que a forma *oro-* pode ter sido usada pelos guarani mais antigos, mas atualmente a forma correta é *ro-*. A tradução oferecida não foi totalmente aceita, sendo formulada uma alternativa: *Rojou roqueruvy*. [1/2-encontrar 1/2-trazer-Ser] (“Nós nos encontramos trouxe você comigo. / Eu encontrei trouxe você comigo.”).

G. *O-jeroky-ta o-kua-py*

3-dançar-Fut 3-estar.todos-Ser

“Eles estarão todos dançando.”

A sentença em guarani e a tradução foram amplamente aceitas pelo colaborador. Segundo o colaborador, não há muita diferença de sentido entre a forma seriada *O-jeroky-ta o-kua-py* e a forma sem serialização (*O-jeroky-ta*). Insistindo na análise da sentença, ele afirmou que o V2 *okuapy* é enfatizar que todo mundo estará realizando conjuntamente a ação de dançar, o V1. Conversando sobre o sentido da sentença, o colaborador elaborou outra sentença, no contexto de pessoas que estivessem cortando as unhas conjuntamente (ao mesmo tempo e no mesmo local): *Ojaya opoapẽ okuapy*. [3-cortar 3-unha 3-estar.todos-Ser] (“Eles/as estão todos/as cortando as unhas.”). Outro exemplo que surgiu, no contexto de uma roda de chimarrão, foi o seguinte: *Oka’ay’u okuapy*. [3-chimarrão-tomar 3-estar.todos-Ser] (“Eles/as estão todos/as tomando chimarrão.”).

H. *Nd-o-ke-i o-kua-py*

Neg-3-dormir-Neg 3-estar.todos-Ser

“Eles não estavam dormindo todos juntos.”

A sentença em guarani foi aceita pelo colaborador, que rejeitou a tradução estar numa forma do passado. Ele afirmou que não há nenhuma marca de passado na sentença (nem qualquer contexto que indique o tempo do discurso no passado) e que, portanto, a tradução adequada seria “Eles não estão dormindo todos juntos.”.

I. *Xee a-ra-a a-iko-vy xe-r-a’y teko’a-py*

Eu 1Sg-Appl-ir 1Sg-ser-Ser 1Sg-Rel-filho aldeia-Loc

“Eu estou levando meu filho para a aldeia.”

O colaborador aceitou a sentença como válida, mas, questionado, afirmou que não diria essa frase com *Xee*, bastando a marca de pessoa junto ao verbo. Para ele, pode ser que o uso do clítico junto ao verbo flexionado tenha sido comum para os guarani mais antigos, mas atualmente não ocorre de forma frequente. Assim como a sentença em mbya, a tradução oferecida também foi aceita. Segundo o colaborador, o V2 *aikovy* indica o fato de ser uma ação frequente, repetida; para expressar uma ação pontual, não-repetitiva, seria mais adequado retirar a

serialização e afirmar apenas *Araa xera 'y teko 'a py*. O fato de o argumento verbal *a 'y* (“filho”) ocorrer à direita do V2 não provocou nenhum estranhamento.

J. *Xee a-ra-a a-r-eko-vy xe-r-a 'y teko 'a-py*

Eu 1Sg-Appl-ir 1Sg-Appl-ser-Ser 1Sg-Rel-filho aldeia-Loc

“Eu estou levando meu filho para a aldeia tendo ele comigo.”

O colaborador aceitou a sentença como válida, novamente assinalando que não diria essa frase com a presença do clítico *Xee*. Assim como a sentença em mbya, a tradução oferecida também foi aceita, sendo que a forma do V2 *arekovy* foi identificada com o trecho “tendo ele comigo” da tradução e foi também tachada de antiquada, caindo em desuso.

K. *Guyra o-veve o-kua-py*

Pássaro 3-voar 3-estar.todos-Ser

“Os pássaros estão todos voando.”

O colaborador aceitou a sentença e a tradução como válidas.

L. *Ok̄y guyra o-mbo-veve i-mbo-kua-py*

Chuva pássaro 3-Caus-voar 3-Caus-estar.todos-Ser

“A chuva está fazendo os pássaros voarem por fazer eles estarem todos juntos.”

O colaborador aceitou a sentença como válida, mas apontou erro de ortografia ou digitação na primeira palavra, *ok̄y* (“chuva”), e não **ok 'y*. Para ele, a forma do V2 *imbokuapy* é antiquada: “quando eu era criança, escutava muito essa palavra, mas hoje em dia já... existe, mas raramente está sendo usada.”. Segundo o colaborador, o V2 fornece à sentença o sentido “estarem todos juntos”.

M. *Ava-kue kunhã-gue o-mbo-jeroky i-mbo-kua-py*

Homem-Pl mulher-Pl 3-Caus-dançar 3-Caus-estar.todos-Ser

“Os homens estão fazendo as mulheres dançarem fazendo todas elas estarem juntas com eles.”

O colaborador aceitou a sentença e a tradução como válidas, assinalando que a vogal final em *kunhã* é nasal, e não oral. Em relação à ordem dos constituintes, afirmou que o V2 *imbokuapy* precisa permanecer no final da construção, mas que os outros elementos podem mudar de posição. Segundo o colaborador, o V2 fornece à sentença o sentido “estarem todos juntos”.

N. *Ore kya ro-Ø-japo ro-iko-vy*

Nós rede 1Pl-3-fazer 1Pl-estar-Ser

“Nós estamos fazendo redes.”

O colaborador aceitou a sentença e a tradução como válidas.

O. *Ore kya ro-Ø-japo ro-guere-ko-vy*

Nós rede 1Pl-3-fazer 1Pl-Appl-estar-Ser

“Nós estamos fazendo redes tendo-as conosco.”

O colaborador aceitou a sentença e a tradução como válidas.

P. *Pira a-Ø-‘u a-a-vy*

Peixe 1Sg-3-comer 1Sg-ir-Ser

‘Eu comi peixe indo.’

O colaborador aceitou a sentença como válida, mas apontou erro de ortografia ou digitação na segunda palavra, *ha’u* (“comer”), e não **a’u*. Para ele, a sentença em mbya é boa, mas a tradução está ruim: “antes de ele sair é que ele comeu peixe”. “Aqui, o que tem mais sentido pro guarani é que você comeu o peixe antes de sair.” Traduções alternativas e mais adequadas para o colaborador seriam as seguintes: “Eu fui/estou indo (comi peixe antes).”; “Eu fui comendo peixe.”.

Q. *A-Ø-‘u a-a-vy pira*

1Sg-3-comer 1Sg-ir-Ser peixe

“Eu comi peixe indo.”

Idem análise da 16.

R. *A-Ø-‘u pira a-a-vy*

1Sg-3-comer peixe 1g-ir-Ser

“Eu comi peixe indo.”

Idem análise da 16 e da 17.

APÊNDICE B

SEGUNDO RODADA DE COLETA DE DAOS – A SER REALIZADA

- Escopo da negação

Dooley (1991, p. 48, #66-68) aborda o escopo da negação em construções multiverbais em guarani mbya e aponta a possibilidade de haver escopo amplo ou restrito. As sentenças abaixo são válidas? Alguma delas está ruim? O que está ruim? Por que está ruim?

- 1) a. *Ava omba'eapo oikovy*
homem 3-coisa-fazer 3-ser-V2
“O homem está trabalhando (durante longo período contínuo).”
- b. *Ava nomba'eapoi oikovy*
homem **Neg**-3-coisa-fazer-**Neg** 3-ser-V2
“Não é verdade que o homem está trabalhando (nem agora nem anteriormente).”
- c. *Ava nomba'eapo oikovy*
homem **Neg**-3-coisa-fazer 3-ser-V2-**Neg**
“Não é verdade que o homem está trabalhando durante um longo período contínuo.”

(mbya – Dooley, 1991, p. 48)

- 2) a. *Ajaka nd-a-Ø-japo-i a-iko.vy*
cesta **Neg**-1Sg-3-fazer-**Neg** 1Sg-estar.V2
“Eu não estarei fazendo cesta.”
- b. **Ajaka nd-a-Ø-japo-i nd-a-ikovy-i*

cesta **Neg-1Sg-3-fazer-Neg Neg-1Sg-estar.V2-Neg**

c. **Ajaka a-Ø-japo nd-a-iko.vy-i*

cesta 1Sg-3-fazer **Neg-1Sg-estar.V2-Neg**

(mbya – Vieira, 2017, p. 147-148)

Dooley (1991) e Vieira (2017) apontam que é possível haver Neg em V2 nas construções [V1 V2] por meio da separação do morfema descontínuo *nd-(...)-i*, com o prefixo à esquerda do V1 e o sufixo à direita do V2, como se vê abaixo. Segundo Dooley, há diferença de sentido. (1c) é verdade se o homem recém começou a trabalhar, mas (1b) não. Vieira & Baranger contestam essa posição, afirmando que não pode haver Neg em V2.

3) a. *Nd-o-ke-i o-kua-py*

Neg-3-dormir-Neg 3-estar.todos-Ser

“Eles/as não estavam dormindo todos/as juntos/as.”

b. **O-ke nd-o-kua-py-i*

3-dormir **Neg-3-estar.todos-Ser-Neg**

c. **Nd-o-ke-i nd-o-kua-py-i*

Neg-3-dormir-Neg Neg-3-estar.todos-Ser-Neg

d. **Nd-o-ke o-kua-py-i*

Neg-3-dormir 3-estar.todos-Ser-Neg

(mbya – Vieira & Baranger, 2021, p. 14)

As sentenças são válidas? Alguma delas está ruim? O que está ruim? Por que está ruim?

- Compartilhamento de objetos verbais em CVSs

prefixo de flexão e não um clítico, razão pela qual pode ser repetido em V1 e V2 sem violar qualquer restrição sintática

- Restrições de transitividade em CVSs

- 6) a. *Guyra o-veve o-kua -py.*
ave 3-voar 3-estar.todos-Ser
“As aves estão todas voando.”
- b. **guyra o-veve i-mbo-kua-py*
ave 3-voar 3-Caus-estar.todos-Ser
- c. *Oký guyra o-mbo-veve i-mbo-kua-py*
chuva ave 3-Caus-voar 3-Caus-estar.todos-Ser
“A chuva está fazendo os pássaros voarem por fazer eles estarem todos juntos.”
(mbya – Vieira & Baranger, 2021, p. 15)

Vieira & Baranger (2021) aprofundam a discordância da análise de Dooley (2015, p. 71), que analisa as CVSs como VSuplementares, um tipo de subordinação de V2 a V1. Dooley justifica essa posição afirmando que não ocorre a colocação de qualquer argumento verbal entre V1 e V2 (Dooley, 2015, p. 61), mas as autoras relatam evidências com material interveniente.

- 7) a. *Ore ro-Ø- 'u kure ro-kua-py teko 'a-py.*
nós [V1 1pl-3-comer] [O **porco**] [V2 1pl-estar.todos-Ser] aldeia-Loc
“Nós estamos todos comendo porco na aldeia.”
- b. *Xee a-Ø-exa huixava'e a-a-vy*
Eu [V1 1Sg-3-ver] [O **chefe**] [V2 1Sg-ir-Ser]
“Eu indo vi o chefe.”

(mbya – Vieira & Baranger, 2021, p. 16)

- c. *A-Ø- ‘u **pira** a-a-vy*
 [V1 1Sg-3-comer] [O **peixe**] [V2 1Sg-ir-Ser]
 “Eu indo comi peixe.”

(mbya – Vieira & Baranger, 2021, p. 16)

- Validar com consultor nativo de guarani mbya as sentenças do GPgy apresentadas nesta dissertação (17 sentenças).

Capítulo 2:

- a. #53a-b (p. 68)
- b. #57a-c (p. 70)
- c. #60a (p. 72)
- d. #61a (p. 73)
- e. #62a (p. 73-74)
- f. #63a-b (p. 74-75)
- g. #64a (p. 75)
- h. #65a (p. 76)
- i. #66a-b (p. 76-77)
- j. -#67a-b (p. 77-78)

